

Violenta ofensiva de Hanói

SAIGÃO, 31 - (R.) - As forças norte-vietnamitas desencadearam violenta ofensiva contra a primeira linha de defesa do Vietnã do Sul junto à zona desmilitarizada, forçando a evacuação de pelo menos duas bases governamentais, disseram fontes militares.

Uma barragem constituída por 2.500 foguetões, morteiros e granadas de artilharia - a mais intensa desde o ano passado - causou 15 mortos e 49 feridos, segundo as primeiras informações do alto comando em Saigão.

Outras fontes militares dizem porém que esse total não inclui as baixas sofridas nas bases de Mai Loc e Halcomb que foram abandonadas pelas tropas governa-

mentais depois de severamente atingidas.

A artilharia comunista atingiu Mai Loc com 600 granadas calibre 130 e 152, sendo esta a primeira vez que artilharia pesada deste calibre é utilizada contra o Sul.

Aparentemente, os canhões disparavam a norte da zona desmilitarizada e as suas granadas destruíram as fortificações daquela base.

Continua na pág. 14

KENNEDY nas primárias de Oregon

WASHINGTON, 31 (FP/«DL») — Os amigos políticos do senador Edward Kennedy conseguiram a sua inscrição entre os candidatos às eleições primárias democráticas de Oregon, que se efectuarão em 23 de Maio, estando agora a tentar inscrevê-lo na Califórnia. Uma tentativa análoga fracassou nas eleições do Novo Hampshire, onde o senador, à última hora, conseguiu retirar o nome da lista de candidatos. O Secretário de Estado de Oregon, Clay Myers, declarou ter feito a inscrição do senador Kennedy devido «ao considerável apoio popular de que goza a sua candidatura». Para os observadores, a súbita entrada de Kennedy na corrida para a indicação democrática confirma a decepção causada pelos restantes candidatos, que Nixon considera «pigmeus».

CHILE

Ex-director da CIA confirma a tentativa de golpe

NOVA YORK, 31 — (F.P.) — John McCone, antigo director da CIA, entrado ao serviço da companhia Internacional Telegraph and Telephone em 1966, confirmou que tinha planeado com membros do governo americano uma operação contra o presidente Salvador Allende do Chile, escreve a revista Business Week.

O artigo não especifica quem esteve na origem dessa iniciativa. A companhia teria comunicado às autoridades governamentais que «se tinham um plano, as ajudaria». McCone teria reconhecido que os documentos tornados públicos pelo jornalista Jack Anderson, pela primeira vez na semana passada, provinham realmente da ITT. Segundo a revista, McCone e Harold Green, presidente da companhia, lamentam a maneira como os documentos foram redigidos e publicados, «deformando, assim, a verdadeira política» da ITT.

Continua na pág. 14

A CHACINA NA TURQUIA

Contradizem-se as versões apresentadas pelas autoridades turcas sobre a morte dos três técnicos raptados pelo Exército Popular de Libertação e seus raptadores. O ministro do Interior afirma que os guerrilheiros mataram os reféns e morreram depois em luta com as forças policiais (Telefoto à esquerda). O vice governador da província declara que todos morreram quando os guerrilheiros dinamitaram a casa, para não se entregarem vivos. A imprensa Turca teve ordens para não falar no assunto. As autoridades parecem querer evitar que os guerrilheiros surjam como heróis que preferiram a morte à prisão. (Ler nas páginas interiores)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



O técnico Kent-John Law, morto (Telefoto UPI / Telimprensa / «DL»)



CRESCER O ALCOOLISMO EM PORTUGAL

Páginas
centrais

As férias algarvias de Marcello Caetano

O prof. Marcello Caetano e o ministro espanhol do Planeamento e Desenvolvimento Económico, prof. Lopez Rodó, estiveram no promontório de Sagres, após o que se dirigiram para Alvor, onde visitaram o complexo turístico da Torralta. Após o almoço, que decorreu num hotel da praia da Rocha, os dois estadistas dirigiram-se para Vilamoura, cujos campos de golfe apreciaram, tendo ouvido do eng. Silvério Martins, administrador da empresa, uma exposição sobre a importância do empreendimento na vida da província, não só no aspecto turístico como no aspecto agrícola e de apoio à população. O eng. Silvério Martins, referiu-se particularmente ao porto de recreio, que custará cerca de 260 mil contos e cuja primeira fase de execução estará concluída em Maio de 1974. O programa de hoje de Marcello Caetano e Lopez Rodó inclui visita às zonas de Albufeira, Faro, Tavira e Vila Real de Santo António, supondo-se que irão tam-



bém a Castro Marim, a fim de observarem a zona onde vai ser erguida a ponte internacional sobre o Guadiana.

ESTUDANTES

Cerca de 200 alunos finalistas do liceu, da escola industrial e comercial e da Escola do Magistério Primário de Angra do Heroísmo, que se encontram no Continente em viagem de estudo, foram recebidos pelo ministro Veiga Simão, a quem foram agradecer o apoio concedido pa-

ra a concretização desta romagem.

MUNICÍPIO

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa deu posse, nos Paços do Concelho, ao dr. Mário Quartim Graça do cargo de chefe da Repartição de Bibliotecas, Museus e Arquivos do Município.

QUEDA E MORTE

Uma avioneta, que procedia a trabalhos de munda química, despenhou-se no Monte Branco do Roxo, Canhestros, Beja. O único ocupante, o piloto sr. Joaquim Maia da Silva Raimundo, de 31 anos, casado, natural de S. Mamede do Coronado (Santo Tirso), teve morte imediata.

«OS CARLOS»

O Grupo Cultural e Filantrópico «Os Carlos», ao comemorar o seu 42.º aniversário, distribuiu mais um bodo, constituído por géneros alimentícios. Presidiu ao acto o sr. Carlos de Barros Queiróz.

DECORADORAS

Regressaram de uma viagem de estudo a Paris as alunas finalistas do Curso de Decoradores da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. A digressão, muito proveitosa, foi orientada pela directora, D. Fernanda Castro Freire.

MATANÇA DA PÁSCOA NO PORTO

Na tradicional «Matança da Páscoa», no Matadouro Municipal do Porto, foi de 3091 o total de reses abatidas, que produziram, em carne limpa, 124,821 kg. Foi inferior à do ano transacto em 387 cabeças.

O abate por espécies, atingiu os seguintes números em cabeças e quilos: 305 bois com 82,401 kg.; seis vitelas, 520 kg.; 1510 carneiros, 13,231 kg.; 27 cabras, 185 kg.; 782 cabritos, 3410 kg. e 461 suínos, 25,074 kg.

O maior exemplar de gado bovino adulto tinha o peso de 476 kg (carne limpa).

Foram, ainda distribuídos pelos talhos 33,498 kgs. de carne congelada.



Esta Páscoa de 1972

Paulo VI lava os pés de doze rapazes de uma instituição romana, em memória da cena histórica da Última Ceia, em que Jesus Cristo lavou os pés dos doze apóstolos. «Servo dos servos de Deus», o Papa ajoelhou diante dos jovens com a humildade que a cerimónia litúrgica prevê.

Em Roma e em todo o mundo cristão, a Quinta-Feira Santa foi assinalada por grande religiosidade, nomeadamente na vizinha Espanha.

Em Madrid saíram para as ruas as primeiras procissões da Semana Santa. Este ano foi com certa dificuldade que as 32 confrarias madrilenas (15 000 membros) conseguiram reunir a modesta soma de um milhão de

pesetas (cerca de 400 contos) para organizarem as onze procissões da capital.

Os penitentes madrilenos vão vestidos de preto, branco e roxo. A única cor discordante deste conjunto são os capuzes vermelhos da confraria do Divino Cativeiro, constituída por antigos prisioneiros durante a Guerra Civil.

Na Andaluzia as cores são mais garridas: o escarlate, o verde e o azul, e as procissões mais ricas, devido às subvenções recebidas de agências de viagens, hotéis e dos municípios, desejosos de manter o cartaz turístico da região na Semana Santa. Salienta-se que as procissões evoluíram. As cruzes dos penitentes

são progressivamente mais leves e os ferros que noutros tempos ligavam as pernas vão desaparecendo.

Entretanto, as férias da Páscoa em Portugal e em Espanha foram acompanhadas de um tempo magnífico. Durante o dia de ontem, os madrilenos saíram em massa da capital. Segundo a Direcção do Tráfego Rodoviário saíram e entraram em Madrid 313 mil veículos. As previsões de entradas e saídas até ao próximo dia 3, na capital espanhola são de 3 milhões de viaturas. Entretanto sabe-se que as praias do Mediterrâneo espanhol têm nesta época a maior afluência desde sempre, sobretudo de turistas franceses.

Cooperação Industrial Luso-Britânica

A fim de tomar parte nos trabalhos da reunião da Comissão Luso-Britânica para a Coope-

ração Industrial, a delegação britânica, que inclui o ministro do Departamento de Comércio e Indústria, Nicholas Ridley, deve chegar a Lisboa, no voo diário da B.E.A., no dia 4 de Abril, às 13 e 35.

A primeira reunião de trabalho será na manhã do dia seguinte e presidirá à comissão o eng. Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria.

O programa social da comissão inclui um «cocktail», oferecido pelo conselheiro da Embaixada Britânica, George Hall, na tarde do dia 4; no dia seguinte, almoço, oferecido pela Câmara de Comércio Luso-Britânica, em que são convidados de honra o Eng. Rogério Martins e o sr. Ridley e jantar oferecido pelo secretário de Estado da Indústria.

No dia 6, o embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, sr. David F. Muirhead oferece um jantar em honra da Comissão.

A delegação britânica regressa a Londres no dia 7.

Em GORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

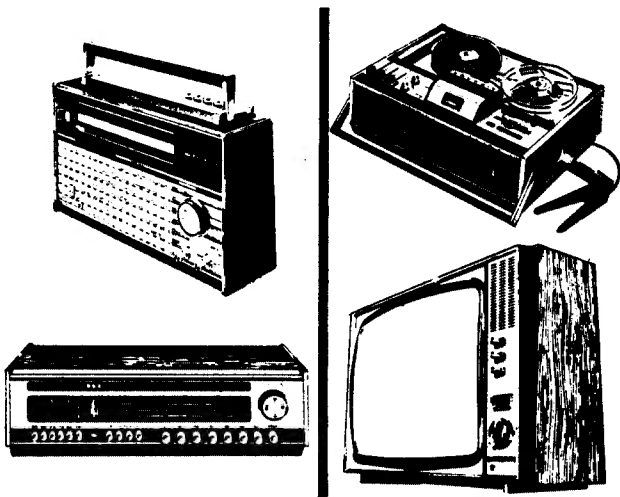
Tertúlia Festa Brava

Amanhã, às 13 e 30, haverá na sede da «Tertúlia Festa Brava» o habitual almoço, no qual é convidado de honra o cavaleiro tauromáquico José Mestre Baptista, que fará uma palestra sobre «Tourei Equestre».

AUMENTO DE CAPITAL DA C.C.N.

Realizou-se, sob a presidência do dr. Bustorff Silva, a assembleia geral da Companhia Colonial de Navegação, na qual foi aprovada a proposta do conselho de administração no sentido de se proceder ao imediato aumento de capital de 150 000 contos até ao montante de 400 000 contos.

Foram ainda aprovadas alterações de alguns artigos dos estatutos, de forma a actualizá-los em conformidade com a legislação vigente e integrar neles resoluções já tomadas em assembleias gerais anteriores.



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS

Av. Almirante Reis, 21B - Lisboa

MUNDILAR

Rua 1.ª de Maio, 138 - Lisboa

Vendas em 36 prestações
Sem entrada - Sem fiador

TV **GRUNDIG** '72

a qualidade... e a forma perfeita

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.			JOGO DO GALO		<table border="1"> <tr><td>O</td><td> </td><td>X</td></tr> <tr><td>O</td><td>X</td><td>O</td></tr> <tr><td>X</td><td> </td><td></td></tr> </table>	O		X	O	X	O	X		
	O		X											
	O	X	O											
	X													
CONCURSO														
SESSÃO nº7														
COLAR NO LUGAR DO ENDEREÇO	NOME _____													
	MORADA _____													
	IDADE _____		TELEF. _____											
	CORTAR													
CONCURSO - JOGO DO GALO -														
APARTADOS 3011 ou 3088														
LISBOA														





COMO SE FAZ UM JUDEU

Onde a ideia nasceu, não se sabe. Alguém foi, mas não se conhece quem. Contudo, o produto final correu a escala toda da invenção e da fabricação, desde o desenhador ao escultor, desde o preparador dos moldes ao adaptador das máquinas, desde o embalador ao vendedor, desde o grossista ao retalhista... Espalhou-se pelo país de origem (a Alemanha Ocidental), atravessou a fronteira, entrou em França com todas as licenças de importação, sob o olhar benevolente da alfândega, e, depois de percorrer a rede distribuidora, foi implantar-se triunfalmente nos escaparates, nas montras, nos «drug-stores». É um boneco e chamam-lhe «O Judeu».

Neste complicado processo de fabrico, promoção, distribuição e venda não houve, provavelmente uma só pessoa que pensasse em quebrar a cadeia odiosa. Desde o projecto à obra feita, a mercadoria passou por dezenas de mãos e não queimou nenhuma. Antes de se iniciar a produção industrial, o modelo pousou sobre a mesa do conselho para que a direcção desse o seu veredicto. Estamos daqui a ver, sobre a madeira polida, o boneco disforme, horrendo e caricato como um aborto, sob os olhares calculistas dos fabricantes. E o director comercial, apoiado em estudos de mercado e consequentes cifras, anunciando as perspectivas da venda, tanto no mercado interno como no mercado externo. E, por fim, a decisão: fabrique-se.

Em rigor, não encontramos grande diferença entre esta ordem, ao parecer meramente comercial, e aquela outra que alguém deu também na Alemanha, há mais de trinta anos, para que se construíssem campos de concentração destinados ao extermínio metódico (quase diríamos, científico) dos judeus. Tudo são formas de matar.

Depois disso, muitas foram as pessoas que vieram desculpar-se: que não sabiam, que viam realmente o fumo dos crematórios, mas que julgavam ser um novo modo de destruir o lixo das cidades. Ingenuamente, o mundo acreditou que, abertas as portas dos campos de concentração e mostrados os horrores, nunca mais a tentação ignóbil de humilhar raças diferentes encontraria motivo para extravasar-se. Ia começar uma nova era de fraternidade, e os homens, todos juntos, saíam finalmente da pré-história para se encontrarem no campo aberto da consciência e da dignidade.

Afinal, não se avançou um passo. Este boneco infame a que chamam «O Judeu», que apareceu na Alemanha e na França (e onde mais?), não seria produzido e vendido — se não se soubesse de antemão que haveria quem o comprasse. Quem compra então «O Judeu»? Porquê? Para quê? Sabê-lo, ajudar-nos-ia a compreender melhor a época em que estamos a viver. Um inquérito minucioso sobre as razões que levam centenas ou milhares de alemães e de franceses a gastar o seu dinheiro num boneco insultuoso, definiria o rumo oculto do futuro próximo e, quem sabe?, a direcção de novos conflitos. O dinheiro agora gasto no odioso «Judeu» há-de exigir, mais tarde ou mais cedo, a sua indemnização...

Ainda há poucos dias se assinalou o «Dia Internacional contra a Discriminação Racial». Valeu a pena? Milhões de mortos não ensinaram nada aos vivos que os mataram. E os vivos que vieram depois, afinal, não estão inocentes dos crimes antigos... O alcatruz da nora racista ameaça encher-se outra vez de sangue. Entretanto, o francês-puro-sangue leva debaixo do braço, para mostrar aos filhos, a imagem do inimigo.

Imunidade musical

Toda a gente sabe, mais ou menos, o que é imunidade diplomática, e muitos terão pensado até que se trata de uma agradável situação. Será. Mas há situações pelos vistos melhores, como a de Johnny Halliday, o qual Johnny Halliday, por causa de um simples incidente de trânsito, daqueles que um cidadão vulgar resolveria com duas simples palavras, se envolveu à pancada com um polícia em Paris, em plena Avenida dos Campos Elísios.

Um cidadão comum teria sido levado à esquadra, processado, julgado, condenado por agressão à autoridade. Mas, Johnny Halliday (ó melodioso privilégio!) foi mandado em paz, como se tivesse ajudado apenas uma velhinha a atravessar aquela assustadora torrente de automóveis que é os Campos Elísios. De maneira que não temos outros conselhos a dar — a não ser este: Cantemos todos, cantemos, que a cantar se infringem os sinais de trânsito!...

Dar os recados

Do livro de John Greenway «The American Folk Song», publicado em 1967:

«William de Malmesbury, que escreveu nos princípios do século XII, fala do seu antigo predecessor, Aldhelm, que se instalava junto de um rio cantando canções seculares até que chamava a atenção de suficientes transeuntes, e então começava a introduzir pouco a pouco ideias religiosas nas suas canções. Mil e duzentos anos depois, Jack Walsh, que nunca tinha ouvido falar de Aldhelm nem do seu biógrafo, instalava a sua banda «wobbly» à beira de um caminho e cantava canções religiosas até atrair a atenção dos transeuntes, e então começava pouco a pouco a introduzir ideias seculares nas suas canções.»

Dar os recados, sempre e sem fim.

Prémios e não

A Casa da Imprensa, cumprindo uma vez mais a sua tarefa anual, atribuiu os prémios de teatro. Actores, encenadores, cenógrafos foram distinguidos segundo os seus méritos e em conformidade com os critérios do júri. Mais uma vez não foi atribuído o Prémio de Autor, voltando o júri a lamentar que se mantenha a situação que impede a apresentação dos melhores originais portugueses. Lamentemos todos, lamentemos tudo.

Insígnias de cavaleiro

Na segunda-feira, às 12 horas, no Patriarcado de Lisboa, o sr. D. António Ribeiro impôs ao sr. almirante Henrique Serra dos Santos Tenreiro as insígnias de cavaleiro da Grã-Cruz de Mérito da Ordem Equestre do Santo Sepulcro (Jerusalém), condecoração com que foi distinguido pela Santa Sé.

O Patriarca de Lisboa presidiu à cerimónia, em representação do grão-mestre daquela Ordem Militar.

POLÓNIA/72

O ÉXITO DE GIEREK

Por BERNARD MARGUERITTE/ Exclusivo «DL».

As eleições de 19 de Março para a renovação da Dieta polaca significaram, naturalmente, um evidente êxito para as listas únicas apresentadas pela Frente de Unidade Nacional. A lei eleitoral não tinha sido modificada e os resultados não podiam pois ser muito diferentes das consultas anteriores; 97,94 por cento dos inscritos participaram na votação, contra 97,61 em 1969, e 99,53 por cento dos sufrágios (contra 99,22) foram para 460 candidatos das listas únicas, em que figuravam 625 nomes.

Uma leitura atenta dos resultados mostra, no entanto, certas tendências de grande interesse. Assim, em trinta e três circunscrições, num total de oitenta, a personalidade colocada à cabeça da lista — e pertencente, quase sempre, aos organismos do poder central — viu-se eleita em último lugar.

Este percalço aconteceu, por exemplo, ao general Moczar, eleito em último lugar na «voivodia» de Kielce, assim como a Jozef Kepa, primeiro secretário da organização de Varsóvia, eleito, num bairro de Varsóvia, no último lugar da lista com 93,30 de votos, isto é, uma das percentagens mais baixas no conjunto do país; ou ainda a Boleslaw Piasecki, que dirige a associação Pax, católica progressista; colocado em segundo lugar na lista de Radom, Piasecki viu-se, depois das eleições, no último posto.

Em contrapartida, Gierek alcançou em Sosnowiec um triunfo pessoal, pois obteve 99,80 por cento dos votos. O professor Henrik Jablonski, actual ministro da Educação Nacional, foi eleito em Opole por larga margem de votos. Jablonski será, segundo tudo indica, o próximo Presidente do Conselho e substituirá o actual Chefe de Estado, Cyrankiewicz, que se não apresentou às eleições. Com efeito, a proposta de criação de uma Presidência da República só será, parece, examinada dentro de uns meses.

Alguns candidatos, colocados em posições menos favoráveis nas listas, melhoraram nitidamente, as suas posições depois da votação. Foi o que aconteceu a Stanislaw Stomma, chefe do grupo católico liberal «Znack», que, apre-

sentado em quarto lugar em Bialystok, passou para o segundo, depois das eleições.

A votação assinalou, acima de tudo, a confiança da população em Gierek. Esta popularidade é tanto maior quanto os dirigentes evitam manifestar sinais exteriores da mesma. Assim, os estabelecimentos oficiais só são ornamentados com o retrato de Lênine; as assembleias eleitorais estavam decoradas com bandeiras com as cores nacionais em vez dos habituais estandartes vermelhos.

A campanha decorreu com modéstia e seriedade, sem a ritual acumulação de promessas do mais vago estilo e irrealidade. Um dos cartazes eleitorais mais espalhados limitava-se a proclamar: «Realizemos passo a passo o programa de desenvolvimento da Pátria.»

Estas eleições assinalam o termo de um período de transição e consolidação para Gierek, eleito primeiro secretário a seguir aos acontecimentos de Dezembro de 1970. Depois do congresso de Dezembro de 1971, o novo dirigente polaco tinha assegurado o seu «controle» sobre o Partido. Com estas eleições para a Dieta, acaba de fazer o mesmo com o aparelho do Estado. Terá, daqui em diante, as mãos mais livres para levar a cabo o seu programa de reformas. A nova Dieta, convocada para 28 e 29 de Março, a seguir a um «plenário» do Partido, terá de enfrentar questões muito difíceis: reforma da Constituição, do sistema de gestão da economia, amplificação do papel dos sindicatos e dos conselhos operários.

Não se devem, por certo, esperar modificações radicais. A atmosfera no conjunto do campo socialista não se presta a reformas num sentido democrático. O primeiro secretário não irá aventurar-se demasiado por este caminho. Trata-se de um homem de soluções pragmáticas, com vista a melhorar, dia a dia, as condições de vida dos seus concidadãos, evitando os choques e os enfrentamentos inúteis. Esta política de «renovação nacional», que lhe valeu, aliás, o apoio da maioria da população, será prosseguida, após estas eleições, com muito maior facilidade.



As Inquietações de Tio Sam.

50.º ANIVERSÁRIO DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO-SUL

À abertura das comemorações presidiu o Chefe do Estado

O cinquentenário do início da travessia aérea do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral foi assinalado com uma sessão solene, na Sociedade de Geografia, a que presidiu o Chefe do Estado e à qual assistiram numerosas individualidades do Governo, Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, Corpo Diplomático e muito público. Em cadeirão especial, à direita da mesa da presidência tomou o seu lugar o patriarca de Lisboa.

A chegada à Sociedade de Geografia, após terem-lhe sido prestadas honras militares por um destacamento da Força Aérea Portuguesa, o almirante Américo Thomaz foi cumprimentado pelo almirante Sarmiento Rodrigues que preside às comemorações deste cinquentenário e pelo prof. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia.

Eram cerca das 22 horas quando o Chefe do Estado se dirigiu à Sala Portugal, vistosamente engalanada, e tomou a presidência da sessão. Dois destacamentos, um da Força Aérea e outro da Armada encontravam-se de ambos os lados da mesa. Antes do início da sessão, uma banda da Armada executou a Portuguesa.

Entre as numerosas personalidades presentes destacavam-se os presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa; ministros da Defesa e Exército, do Interior e da Educação; secretários de Estado da Informação e Turismo e do Exército; subsecretários da Administração Ultramarina e da Saúde e Assistência; presidente do Supremo Tribunal Administrativo; embaixadores da Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, China, Dinamarca, França e Países Baixos e representantes das missões diplomáticas da Alemanha Espanha, Grã-Bretanha e Irlanda; presidentes da Fundação

Gulbenkian e da TAP, deputados, antigos membros do Governo, etc.

Na mesa da presidência, além do sr. almirante Américo Thomaz, encontravam-se os srs. prof. Gama e Silva, brigadeiro Pereira do Nascimento, prof. Adriano Moreira, respectivamente embaixador do Brasil em Lisboa, secretário de Estado da Aeronáutica e presidente da Sociedade de Geografia; e ainda os almirantes Pereira Crespo, ministro da Marinha, Sarmiento Rodrigues, presidente da comissão nacional das comemorações e o prof. António de Almeida, secretário perpétuo da Sociedade de Geografia.

No lugar reservado aos conferencistas tomou lugar o jornalista Norberto Lopes último sobrevivente dos jornalistas que fizeram a reportagem daquele feito histórico.

Falou em primeiro lugar o almirante Sarmiento Rodrigues que começou por prestar homenagem ao sr. Presidente da República, uma das poucas pessoas que testemunharam pessoalmente o extraordinário feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, afirmando:

— Será talvez o único de todos os presentes que assistiu à desesperada arrancada do «Lusitânia» na baía da Praia, nesse glorioso dia 18 de Abril; assim como bem poucos já somos os

que tivemos a rara felicidade de, onze horas e vinte minutos depois, o ver rasgar os céus, nunca dantes navegados do histórico penedo de S. Pedro, sentinela avançada da terra brasileira».

Referindo-se à divulgação que se espera venham a ter as históricas comemorações de um feito que, segundo então afirmou o presidente António José de Almeida constituía «fonte inesgotável de emoção patriótica», o almirante Sarmiento Rodrigues referiu-se à importância do feito nas relações luso-brasileiras afirmando:

— Acima de tudo, a expedição maravilhosa é um feito luso-brasileiro. Se dois portugueses o realizaram, ele é o produto do entusiasmo, da atracção, da fraternidade luso-brasileira.

As palavras finais do discurso do almirante Sarmiento Rodrigues foram de louvor à vida e obra do actual embaixador do Brasil em Lisboa, prof. Gama e Silva, cujas palavras encerraram esta sessão pública de testemunho de admiração pelo feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

UMA LENDA DE HERÓISMO

Seguiu-se um longo discurso do dr. Norberto Lopes, cuja presença na sessão de homenagem

à memória de Gago Coutinho e Sacadura Cabral se ficou a dever sómente, segundo as suas próprias palavras, «à circunstância meramente fortuita de ter acompanhado como repórter, em alguns momentos mais emocionantes, a viagem daqueles heróicos oficiais».

Debruçando-se pormenorizadamente sobre o momento da partida dos dois aviadores, para logo de seguida descrever com minúcia as peripécias e contratempos da viagem (recorrendo para isso a excertos de jornais e a declarações dos próprios Gago Coutinho e Sacadura Cabral), o dr. Norberto Lopes afirmou a certa altura:

— A repercussão da viagem no Brasil foi enorme. Em volta dos dois aeronautas criou-se uma lenda de heroísmo que perdurou por longo tempo nos dizeres simples do povo, em sambas, em modinhas populares e em choros de viola ao luar. Foi triunfal e comovedora a digressão que fizeram através de alguns Estados brasileiros. A passagem do comboio em humildes estações do interior, acorria em massa a população das localidades vizinhas, gritando, cantando, vitoreando, dançando, enquanto estalejavam foguetes no ar e bandas de música locais, desactualizadas em matéria de história política, atacavam com entusiasmo... o «Hino da Carta».

Definindo depois a histórica viagem como um acto simultaneamente político, desportivo e científico, o orador deteve-se largamente em cada um destes aspectos:

— Nas nossas relações com o Brasil, a viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho constituiu, sem dúvida, o momento mais propício para lançar as bases duma política de entendimento que tardou a chegar, «para completa e penetrante compreensão do problema luso-brasileiro, sempre actual, sempre oportuno e ainda não resolvido», escrevia João de Barros nessa altura. A primeira travessia aérea do Atlântico Sul teve, com efeito o grande mérito de encurtar a distância não apenas entre dois países, mas entre os corações de portugueses e brasileiros. Essa viagem foi, antes de mais nada, um acto político.

Mais adiante: — Ao acto político, cujo alcance seria desnecessário encarecer, somou-se a proeza desportiva que pôs à prova a coragem, a competência, a tenacidade, o espírito desportivo dos dois aviadores ao tentarem um voo sobre a imensidade atlântica a bordo dum frágil avião sem autonomia para longas tiradas, sem rádio e sem apoio eficiente, como haviam tido, por exemplo, os aviadores americanos que três anos antes tinham realizado

a travessia do Atlântico Norte: enfim, sem as condições exigidas pela viagem que iam empreender...

... E vem por fim, o que aliás não foi menos importante e prevaleceu sobre a façanha desportiva, o aspecto científico da viagem a qual se fez pela primeira vez por processos de observação astronómica que até ali nunca haviam sido postos em prática, usando métodos e instrumentos criados em Portugal, como Gago Coutinho gostava que se dissesse, excluindo modestamente o seu nome da modificação que introduzira no sextante. Este foi, sem dúvida, o grande mérito, a mais valiosa projecção que a Travessia do Atlântico Sul teve pelos ensinamentos que trouxe à navegação aérea.

Referindo depois o facto de o mundo ter ignorado o real valor da proeza efectuada pelos aviadores portugueses, chegando mesmo em certos casos, a ignorá-la por completo, o Dr. Norberto Lopes recordou as viagens ao Brasil feitas pelos presidentes António José de Almeida e Craveiro Lopes, que, juntamente com a proeza de Coutinho e Sacadura tinham sido marcos fundamentais na aproximação «mais estreita, mais realista do que teórica, mais útil do que estéril, mais consciente do que retórica» entre o Brasil e Portugal. E logo de seguida, concluindo o tema da aproximação:

«Embora muito se tenha progredido no processo de aproximação entre as duas pátrias irmãs, há sempre alguma coisa que nunca se conclui, alguma coisa que não chega a alcançar os fins que se têm em vista, alguma coisa que fica sempre por acabar, como as capelas imperfeitas da Batalha. Fazemos votos por que a próxima viagem do almirante Américo Thomaz seja o fecho da abóbada de um edifício que tem levado tantos anos a erguer e ainda não se pode considerar concluído nos vários andares da sua grandiosa estrutura.

O 17 DE JUNHO NUMA RUA DE LISBOA

Por fim, depois de realçar a contribuição da Marinha de Guerra no êxito da travessia aérea e ter lembrado várias figuras das guarnições dos navios destacados para dar apoio e assistência aos aviadores (entre as quais se encontrava o 2.º tenente Américo de Deus Rodrigues Thomaz, então encarregado de pilotagem), o dr. Norberto Lopes concluiu o seu discurso:

«Não quero terminar, porém, sem lembrar que a toponímia citadina não conta ainda, entre as suas datas históricas, a de 17 de Junho. Pois bem o merecia a da conclusão feliz da via-

gem aérea Lisboa-Rio de Janeiro e seria esta a oportunidade de a Câmara Municipal, que chamou a si a iniciativa de erguer um monumento à glória dos aviadores, consagrar a histórica façanha na esquina de uma artéria da capital digna da grandeza do feito. Essa data não pode ser esquecida. Ela representa, na história dos nossos dias, um marco miliário entre duas épocas, a recordação inapagável de um acto heróico mas de um heroísmo sereno e consciente, que ligou pelo ar dois continentes, duas pátrias, milhares e milhares de corações que pulsam com o mesmo ritmo, de bocas que falam a mesma língua e têm a mesma palavra para dizer amor.

DA FORMA DE UM CORAÇÃO

Usou por fim da palavra o prof. Gama e Silva que começou por afirmar:

«Bem sabeis, vós que me ouvís, de onde venho. É daquela terra distante, que Portugal descobriu, com a forma de um coração. E passados tantos anos, quando completava os primeiros cem anos da sua maioridade, como ela comungou convosco das vossas preocupações e das vossas angústias, mas também participou do vosso entusiasmo e das vossas alegrias naquele trimestre de ouro de mais uma página imperecível da vossa história.

«E quem isso nos recorda foi o presidente Epitácio Pessoa, que, em Junho de 1922, dirigia os destinos do Brasil, ao receber a notícia da pousada vitoriosa das asas de Portugal: «Não são rigorosamente exactos aqueles que dizem que só os portugueses domiciliados no Brasil vibram de entusiasmo com a chegada dos aviadores. Não, não somente os portugueses: são os brasileiros também, com eles identificados no mesmo sentimento de patriotismo e de orgulho, ao verem realizada, por homens da mesma raça, da mesma língua e, pode dizer-se, da mesma Pátria, essa proeza estupenda de que não há igual na história de outros povos».

«E com o grande homem público idêntico era o pensamento de toda a Nação».

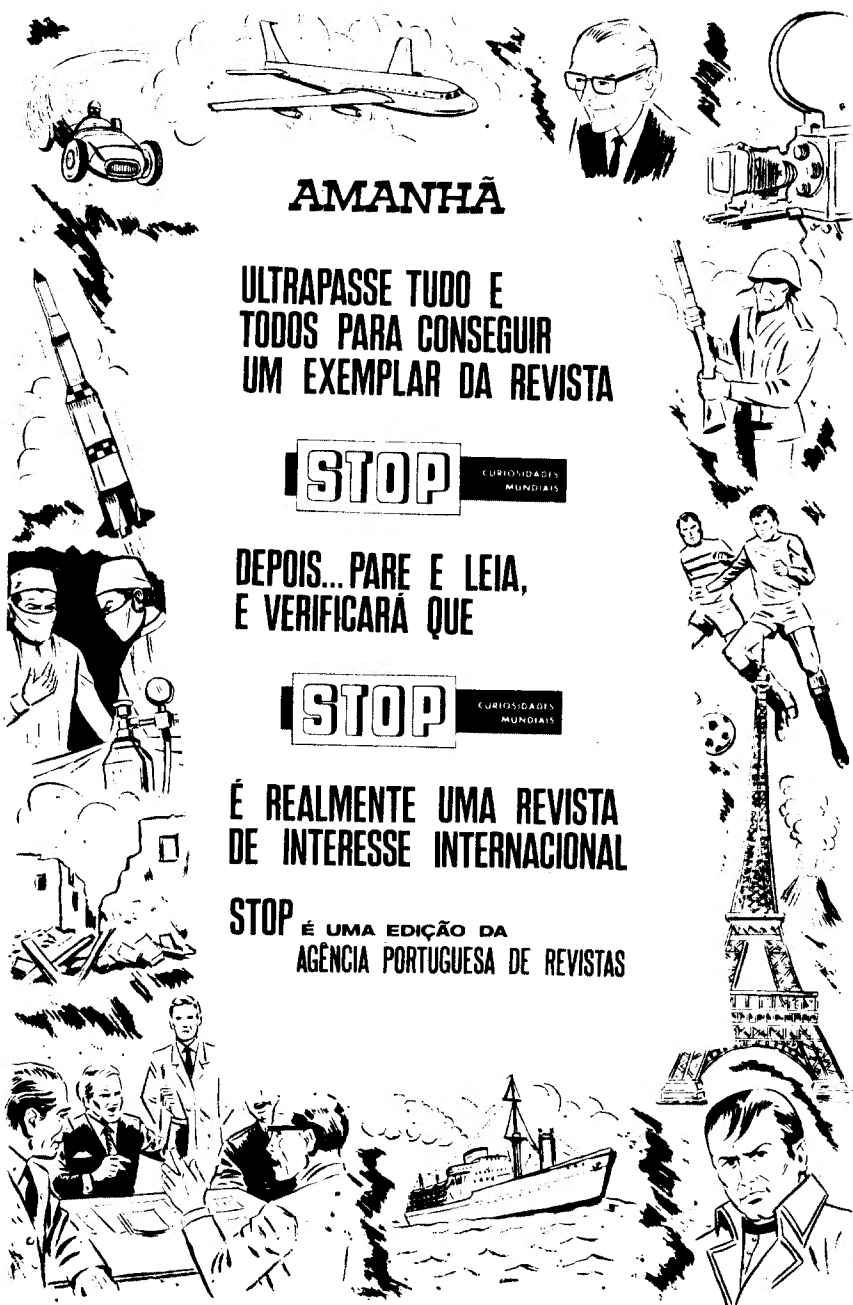
O prof. Luís Gama e Silva citou, em seguida, diversas passagens das referências feitas à viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral pelos mais importantes jornais brasileiros e que reflectem o interesse e o entusiasmo com que a nação irmã viveu o acontecimento.

Recordou, ainda, palavras de Sacadura Cabral proferidas mais tarde no Brasil, que afirmou no decorrer de uma das suas muitas visitas:

«O Brasil é já um grande país, destinado a no futuro ocupar um lugar proeminente na política mundial. É um país que já tem trinta milhões de habitantes e que dentro de vinte e cinco anos contará uns cinquenta milhões, um país rico, onde facilmente se acomodarão duzentos milhões de habitantes e onde se está formando uma raça audaz e cheia de vitalidade, uma raça que terá talvez defeitos, mas que tem uma grande qualidade — uma confiança ilimitada nos seus destinos...»

O orador encerrou o seu discurso citando palavras de Sacadura Cabral:

«Com o Brasil mais que com qualquer outro país, devemos manter e estreitar laços de amizade que, julgo, ambos os países teremos a lucrar, porque se é nossa fraqueza, talvez momentânea, há-de convir o apoio da juventude vigorosa do Brasil, a este deve igualmente convir prever o futuro e ver que o nosso território continental e as nossas ilhas do Atlântico são esplêndidos pontos de apoio que de muito lhe poderão servir».



AMANHÃ

ULTRAPASSE TUDO E TODOS PARA CONSEGUIR UM EXEMPLAR DA REVISTA

STOP CURIOSIDADES MUNDIAIS

DEPOIS... PARE E LEIA, E VERIFICARÁ QUE

STOP CURIOSIDADES MUNDIAIS

É REALMENTE UMA REVISTA DE INTERESSE INTERNACIONAL

STOP É UMA EDIÇÃO DA AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

A Travessia em banda desenhada

RIO DE JANEIRO, 31 — (ANI) — Será de 50 mil exemplares da edição «em quadradinhos» da história da primeira travessia aérea do Atlântico sul, que a Editora Brasil-América vai publicar, com o apoio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e do Centro de Turismo de Portugal, e a colaboração dos Transportes Aéreos Portugueses.

DL show

A programação de hoje de Rádio Renascença inclui um recital de Poesia, a cargo de Carlos Pinho, alusivo à quadra da Páscoa, no qual serão declamados poemas de José Régio, Afonso Duarte, Sebastião da Gama, Rui Cinatti, Alfredo Guisado, Moreira das Neves, Fernanda de Castro e António Luís Moita. Álvaro Sanchez assina a montagem e a sonorização.

Iniciou-se no Clube dos Cineastas Amadores de Coimbra a quarta sessão do Curso de Iniciação Cinematográfica, que os srs. drs. Marcelino das Neves e Brito do Amaral têm estado a dirigir. O êxito do curso prossegue.

Dário de Barros, em continuação da sua carreira de «one man show», esteve no Politeama, onde realizou um espectáculo de música e poesia intitulado «De Jogral a Musical». Com músicas de Pedro Jordão, Correia Martins, Vítor Simon, Arlindo de Carvalho, Alfredo Marceneiro, Acácio Go-

mes, Carlos Alberto, Jorge Rui, Vinícius de Moraes e António Salla, percorreram o programa poemas de Ary dos Santos, Aleixo, Brecht, Mourão Ferreira, O'Neil, Gedeão, Manuel Alegre, F. Luso Soares, Natália Correia, e outros.

Em «De Jogral a Musical», Dário de Barros teve a colaboração especial de Maria Manuela Cassola, Ana de Castro e Jorge Quaresma. Além disso, todo o tempo que durou o «show» esteve preenchido com óptimos efeitos de luz, música e guitarradas.

A propósito de música e guitarradas: o acompanhamento musical esteve a cargo do Ritmo Trio e do duo Carregosa A. Hilário na guitarra e na viola José Manuel Osório que ainda recentemente numa entrevista concedida ao DL afirmou estar disposto a abandonar o fado, vai agora tentar a rádio na dupla condição de produtor locutor. O convite veio dos emissores Associados de Lisboa. O programa chama-se «Progressão» e será apresentado quatro vezes por semana durante duas horas, das 22 às 24. Para além de um programa inaugural no qual participaram alguns dos nomes mais representativos da nova canção Osório projectou uma série de rubricas de divulgação cultural. «Progressão» começa já no Domingo.

"A maior história de todos os tempos"



Atendendo à solenidade do dia, o Cinema São Jorge exhibe hoje Sexta-Feira Santa, em duas únicas sessões - às 15.15 e 21.30 - a notável realização de George Stevens «A Maior História de Todos os Tempos». Obra de alto significado, foi considerada pela crítica como a mais pura expressão cinematográfica conseguida sobre a vida e morte de Jesus Cristo. Um elenco onde intervêm grandes nomes da 7.ª Arte, Max Von Sydow, Carrol Baker, Sidney Poitier, Charlton Heston, José Ferrer, Dorothy McGuire e John Wayne confere, ainda, maior importância a esta obra de cinema.

DE COMO MCCARTHY QUEBROU OS DENTES

Por falta de matéria crítica nestes dias de Semana Santa, oferecemos alguns trechos de autores diversos. A leitura vale a pena - M.C.

«Por volta de 1954, outro senador se tornou personagem familiar em nossos vídeos. Seu nome era Joseph McCarthy, natural de Wisconsin e hoje não há muita dúvida de que foi impelido a uma fúria quase insana. McCarthy não dava muita atenção às regras comuns do decoro da lei e muito menos ainda ao bom senso.

Afinal, o povo provocou a queda do ardiloso senador do Wisconsin. Havia presenciado um retrato devastador que dele fora feito no programa de TV de Ed Murrow «Veja-o Agora».

Um advogado de Boston, chamado Joseph Welch, vários outros senadores e o Ministro do Exército demonstraram ao povo americano, através da TV, que tipo de homem inescrupuloso era, na realidade, McCarthy - como ele mentiria e pervertiria a verdade para obter vantagem táctica e como usava o vivo instrumento da liberdade de palavra para silenciar os seus opositores.

Como resultado directo das investigações televisadas e em resposta ao escândalo público por elas provocado, o próprio McCarthy sofreu investigações por uma comissão do Senado. Ele foi oficialmente censurado e condenado pelos seus colegas pelo seu comportamento irresponsável.

Na data desta censura, 2 de Dezembro de 1954, o público americano viu Joseph McCarthy, de olhos turvos fitar a câmara de TV e tentar fazer um gracejo com a sua punição: «Não se pode dizer que eu haja tido um voto de confiança» disse ele entre dentes ao microfone. Naturalmente, a sua carreira política estava terminada e também irónicamente, o mesmo aconteceu com sua vida. O senador McCarthy morreu no dia 2 de Maio de 1957, de uma doença de fígado. Nos seus últimos meses de vida, ele raramente aparecia na colina do Capitólio e corriam boatos de que o amargor da sua derrota, bebido com muito álcool, contribuíram directamente para a sua morte.

O senador McCarthy foi a primeira baixa fatal da TV da América. O poder da opinião pública, gerado pelo que nós, o povo vimos nos vídeos, foi demasiado para esse demagogo.

O povo tinha visto... (Comunicação pela TV - George N. Gordon e Irving A. Falk)

...PARA UMA SOCIEDADE VERDADEIRAMENTE HUMANA

Permitimo-nos, numa circunstância tão bela e íntima como esta, desejar que estejam sempre à altura da vossa missão. Oh!, não lhes pediremos que estejam sempre e sómente ligados ao nosso mundo religioso, embora lhes agradeçamos que, em determinados momentos, o façam; ou que tirem dos programas quanto possa reflectir dignamente todos os aspectos da vida e quanto pretenda levar distração e repouso aos espectadores, tão ávidos e necessitados deles estão; mas desejamos que estejam sempre ao serviço nobre e consciente do homem moderno que quer ser o homem verdadeiro; do homem digno de sagrado respeito e sempre necessitado de toda a consideração e cuidado, do homem que, precisamente pelo que tem de grande e de

débil, precisa sempre de ser ajudado e instruído para pensar bem, antes de mais nada, para sentir bem, para bem amar, para bem crer, para bem esperar, para bem viver. Em resumo: imaginem o que os nossos filhos, o que as nossas crianças, vão ver e ouvir. Vosso serviço não está, certamente, restringido a este âmbito pedagógico, mas nunca devem excluí-lo se, em verdade, há-de dirigir-se à vida e se tira da vida suas exigências, seus critérios, seus objectivos, concebido para uma sociedade verdadeiramente humana, são, forte e consciente.

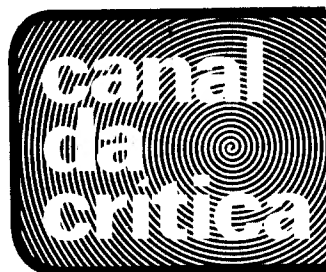
(Papa Paulo VI - palavras dirigidas à Televisão Italiana, como agradecimento pela cobertura da peregrinação do Papa à Terra Santa).

AUTOCRÍTICA

de Fernando Luso Soares in «JORNAL DO FUNDÃO»

Foi precisamente no decurso do ano de 1971-72, há largos meses já. Ao mesmo tempo que vinha praticando a minha crítica - em que considero à maneira de Luckács, o «partidarismo» como uma categoria literária - aconteceu-me o facto. Fui convidado, por alguém cujo nome não vem ao caso, para assistir à exibição de um filme.

Por mais ridículo que isto possa parecer a quem ignore



Por MARIO CASTRIM



as circunstâncias (mas digo-o porque nunca tive receio de declarar os meus ridículos, ou as minhas inconsiderações) quando saí de casa não sabia ainda qual o meu destino. Era o ver um filme. Mas, uma vez no carro da pessoa que me tinha convidado, fui esclarecido sem possibilidade de equívoco: «É para ver um filme na TV. Depois, você e eu conversaremos, frente às Câmaras, sobre a sua temática».

Fiquei hesitante. Encolhi-me na delicadeza, e não repudiei. Cheguei, no íntimo, ao ponto de ser tático: se o filme se prestasse, aproveitaria a coisa para ser crítico de circunstância, logo no momento. Aliás, justificava-me por dentro, não se tratava da famigerada «Convergência». E a verdade é esta: deixei-me ir, e fui.

Mas não fui bem, reconheço. Ainda que me haja comportado, na emergência, de acordo com a minha consciência crítica, o que não vi desde logo foi aquilo que viria, na sequência, a compreender mais tarde. A minha presença podia servir para lhes dar ajuda. Um «auxílio» àquilo que certa gente, matreiramente, pretende fazer crer: que a TV está aberta a todos com braços e coração maternos. A verdade, porém, é que não devo passar em branco o meu erro. E faço-o como advertência para os erros alheios. Porque «aberta a todos» quer dizer «aberta a tudo», isto é: a tudo aquilo que, uma vez pensado, tende naturalmente para ser dito.

AS DUAS ATITUDES

Para os que têm o poder de programar para a Televisão, só há duas atitudes possíveis:

— ou considerar com cinismo que a maioria do público não é digno da cultura e votá-la eternamente ao jogo das ninharias;

— ou confiar no homem. Respeitar a pessoa humana, quer dizer: respeitar a possibilidade de desenvolvimento existente em cada indivíduo. Chamar, convidar ao conhecimento e à reflexão. Despertar curiosidades, desenvolver per-

sonalidades, suscitar vocações. Numa palavra: fazer participar na construção do mundo.

A nossa época de precipitação e de confusão está já suficientemente fornecida de falsos valores, de falsos grandes homens, de falsas alegrias. Seria catastrófico que a televisão aumentasse este embrutecimento, ela que pode conduzir o homem para um pouco mais de beleza e de dignidade.

(LE RÈGNE DE LA TELEVISION - Jean-Guy Moreau)

POLÍTICA E TV

O vocabulário antes utilizado pelos políticos, quando se dirigiram à multidão, quer pela rádio, quer em concentrações de massas, já não resulta. Já não é possível o uso dos mesmos termos, das mesmas construções, das mesmas imagens, ao dirigem-se a uma audiência tranquila, repousadamente sentada em sua casa, sem estar dominada por influências de ambientes exaltados. Hitler, se hoje tentasse, não teria conseguido o mesmo êxito com a sua técnica de dominar as multidões. Os seus gritos, as suas expressões de verdadeiro histerismo, não caberiam nem teriam sentido num programa de televisão. O ridículo, o desconcertante logo viram à superfície, destruindo todo o seu esforço.

O político, se quiser ter êxito, deve adaptar-se ao processo da imagem televisada: abandonar a valentia oral que muitas vezes leva ao heroísmo de D. Quixote. Sua conduta deve ser simples, clara, objectiva, franca e, acima de tudo, verdadeira. Só assim ele convencerá. Seu aspecto físico também deverá ser agradável, simpático, apresentar boas maneiras, sensibilidade.

E não é outra coisa o que se observa nos países mais evoluídos. Na Inglaterra, por exemplo, os partidos políticos possuem estúdios de televisão onde se instruem os políticos de como se devem comportar diante das câmaras.

(INTRODUÇÃO À TV - Wilson A. Aguiar)



diplomat

Novidade em alcatifas de PURA Lã VIRGEM

Uma alcatifa macobe/guarda

A VENDA EM:

ALCOBIA
R. Ivens, 14

FOC - FÁBRICA JERÓNIMO OSÓRIO DE CASTRO
(HERDEIROS), LDA.
R. de D. Estefânia, 177

GRANDE MONTRA DE LISBOA
R. Rodrigues Sampaio, 1

INTERFORMA - EQUIPAMENTO DE INTERIORES, LDA.
Av. Casal Ribeiro, 44, 1.º

MATRIL, LDA.
Calçada da Estrela, 135, 1.º

MÓVEIS OLAIO
R. da Atalaia, 38
Largo Frei Luís de Sousa, 18-B

MÓVEIS SOUSA BRAGA
Estrada de Benfica, 176

RIBEIRO DECORADOR, LDA.
Av. Defensores de Chaves, 44

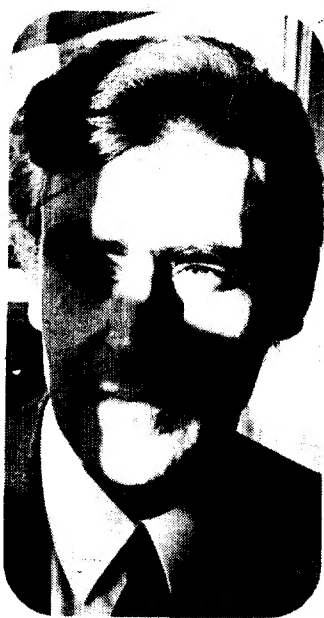
SILANTO, LDA.
R. 4 de Infantaria, 29-D

Luís Mata não tem medo de Virgínia Woolf

Luís Mata foi substituir Mário Pereira na representação da peça «Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?» de Edward Albee, que começou no Teatro Monumental, prossegue no Teatro Laura Alves e se mantém há vários meses em cena, constituindo um dos grandes e mais recentes sucessos de espectáculos «sérios» dos últimos tempos. Soubemos que foi Jacinto Ramos quem foi «buscar» Luís Mata e que o seu trabalho nesta peça tem agradado particularmente. Quem é Luís Mata?

Comecei a trabalhar em teatro, precisamente com Jacinto Ramos, no Grupo Cénico do Banco de Angola, onde sou funcionário, há alguns anos e numa peça de Arthur Miller, «Todos Eram Meus Filhos», com a qual concorremos ao concurso do SNI e obtivemos o 2.º lugar. Depois fizemos, sempre com o grupo cénico do Banco, «O Morgado de Fafe em Lisboa» e ganhei uma menção honrosa. A seguir, ainda, «A Espera de Godot» de Beckett e, no mesmo concurso, ficámos em 2.º lugar sem ter sido atribuído o 1.º, tendo eu ganho o prémio de interpretação. Montámos um outro espectáculo com «Doze Homens em Fúria», mas por divergências com a direcção do grupo, estacionámos e a secção de teatro deixou de funcionar. Surgiu, então, uma circunstância que coincidiu com a minha entrada no teatro profissional: fui «ponto» da «Forja». Não havia «ponto», o Jacinto Ramos estava afeito para estreiar a peça, e eu fui fazer-lhe o jeito, até porque ele pode sempre dispor de mim em qualquer eventualidade. Estive a fazer de «ponto» durante um mês e picos. Nesta altura o Sinde Filipe resolveu sair da peça, que estava no auge, e o Jacinto perguntou-me se eu queria tomar o lugar do Sinde. É claro que agarrei logo a oportunidade! Num curto espaço de tempo engrenei e, se a coisa não resultou ótima, pelo menos não comprometeu ninguém... A peça manteve-se mais uns meses em cena, a bilheteira não baixou de receitas, (e isso já é um bom indicio) e depois tudo acabou de repente, não se fazendo sequer a «tournée».

Como surgiu a substituição de Mário Pereira em «Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?».



Luís Mata

Como eu tenho a minha actividade no Banco, e como a carreira teatral não dá garantias algumas, tão depressa se está a trabalhar como não tenho carteira profissional, sou ainda estagiário, é difícil, portanto, encaixar-me, pois há muitos com carteira que raramente trabalham. Assim, estive quase dois anos sem fazer nada em teatro. Até que se me deparou esta oportunidade. O Mário Pereira quis sair devido ao convite de Marsillach para o «Tartufo» e o Jacinto Ramos voltou a chamar-me. Como é lógico, agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Em meia dúzia de dias decorei o papel e fui «lá para cima». Tudo tem decorrido o melhor possível, as pessoas estão a gostar e sinto-me bastante satisfeito com o papel.

Mas o Luís Mata continua ligado ao grupo cénico do Banco?

«Continuo. Aliás este ano comecei a actividade do grupo com o Joaquim Benite a dirigir-lo e a imprimir umas ideias muito boas, um género de teatro diferente, mais gestual do que de palavras. Está-se a fazer mais uma espécie de curso de teatro do que exactamente uma peça. Entretanto surgiu-me esta oportunidade e tive de deixar, em parte, de dar o meu curso ao grupo. Não intervenho na interpretação mas

continuo a colaborar ou como contra-regra ou como director de cena

Sente-se à vontade no desempenho da peça de Albee?

Eu gosto do papel, mas nestas coisas de substituições há sempre um contra; a crítica não nos vê, não se pronuncia sobre o nosso labor e por isso não temos possibilidade de nos analisarmos através dela. Por outro lado, implica uma facilidade, a composição da personagem está quase feita, a procura já foi encontrada no trabalho do actor que nos precedeu. Bastou-me ver duas ou três vezes esse actor funcionar para ter apanhado a verdade da personagem. A partir disto, é tudo mais simples. Além disso a equipa da peça ajudou-me muitíssimo nos ensaios de integração e, embora colada com cuspo como é costume dizer-se, a coisa foi. Houve dois ou três falhanços na estreia, mais dois ou três nos dias seguintes e depois tudo entrou na rotina.

A partir daqui que projectos tem?

«Projectos, não tenho. Propostas efectivas, também não. Sei que o Jacinto Ramos tem em mente montar a seguir a esta, uma outra peça sobre Freud e convidou-me, em tempos, a fazer um papel nela. Estou convencido que ainda pensa em mim para esse elenco. O Jacinto tem-se preocupado com a minha carteira, até porque em cada companhia não podem actuar mais de dois estagiários, salvo erro, e quer que eu tire a carteira com uma certa brevidade, logo... deve querer contar comigo de futuro.

Portanto o seu signo teatral continuará a ser marcado pelo Jacinto Ramos?

Com o Jacinto comecei e interessa-me continuar com ele. Aliás, o que vou dizer não é um elogio. Ele não precisa que lhos faça aqui, digo-lhe pessoal e sinceramente, mas gosto imenso de trabalhar com ele. É um temperamental, mas um extraordinário director. Tem pulso e quando é mais impulsivo é por bem, é para puxar pelos actores, espevitá-los, incentivá-los. E julgo que ele gosta da minha maneira de trabalhar, também. Suponho que continuarei, enquanto ele quiser, a ser dirigido pelo Jacinto Ramos.

Estreias de
CINEMA
Lauro António



O ladrão de Bagdad

TÍTULO: O LADRÃO DE BAGDAD (The Thief of Bagdad)
REALIZAÇÃO: Ludwig Berger e Michel Powell, 1940 (Inglaterra)

INTERPRETES: Conrad Veit, Sabu, June Duprez, John Justin, Rex Ingram, Miles Malleison, Morton Selten, etc...

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Luso-mundo.

ESTREIA: Cinema Tivoli (27.3.1972)

TÍTULO: A PATA DOS OVOS DE OURO (\$1000000 Duck)
REALIZAÇÃO: Vincent McEveety, 1971 (EUA)

INTERPRETES: Dean Jones, Sandy Duncan, Joe Flynn, Tony Roberts, James Gregory, o pato Charly, etc...

DISTRIBUIÇÃO: Sif

ESTREIA: Europa (25.3.1972)

TÍTULO: A ESPADA NORMANDA (Ivanhoe)
REALIZAÇÃO: Roberto Mauri, 1971 (Itália)

INTERPRETES: Mark Damon, Krista

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castelo Lopes

ESTREIA: Cinema Olympia 927.2.1972)

Rodado em 1940 por uma equipa de realizadores que dividiam entre si as diversas fases de rodagem (entre os directores de *O Ladrão de Bagdad* contam-se os nomes de Ludwig Berger, Michael Powell e Tim Whelan, não sendo ainda de estranhar a interferência directa na filmagem do produtor (Alexander Korda), este conto das mil e uma noites árabes continua, hoje em dia, a fascinar o público pelo seu lado fantástico e maravilhoso, agora enriquecido com uma «patina» que o tempo (e a distanciação) lhe conferiram.

Quando as bombas alemãs começavam a cair sobre Londres, nos estúdios da London Films (casa produtora de Korda que aparece como sendo o realizador de um filme que só produziu, uma actividade impressionante conseguiu pôr de pé um filme monumental para a época, onde não se sabe o que mais admirar, se o barroquismo majestoso dos cenários, se a cadência vertigi-

nosa das aventuras. Estamos a falar de um filme datado de 1940 e bom é que nisso entendamos. Trata-se de uma obra que, vista por uma plateia actual, não deixará de fazer sorrir nos momentos de maior intensidade dramática, e enternecer pela ingenuidade de toda a intriga, pelo tom «faustoso» dos cenários, pelo simplismo da moralidade, opondo «tiranos» e «libertadores de povos oprimidos» (consequência da guerra onde a Inglaterra entrava abruptamente), trazendo à luz do dia todas as maravilhas que as «Mil e Uma Noites» criaram para deleite e sabedoria dos que as leram: génios compreendidos em garrafas, cavalos que voam, tapetes voadores, olhos que tudo sabem e vêem, ladrões e ladinos que a maldade dos feiticeiros transforma em felpudos cães, reis destronados que a paixão literalmente cega, sultões infantis que trocam o reino por brinquedos, etc. etc... Um pouco de tudo, com a imaginação no Poder... E para que tudo isto não aparecesse um pouco por acaso, lá temos o ensinamento final que muitos nos apaz registar: quando o rei destronado reavê o trono e casa com a princesa «que é a luz dos seus olhos» oferece o cargo de grão-vizir ao bom e leal «ladrão de Bagdad». Mas este recusa «assimilação pelo sistema» e foge no seu «tapete voador». Prefere a «AVENTURA E A IMAGINAÇÃO», diz ele. Troca o certo pelo incerto, em busca de mundos desconhecidos...

Cenas de uma espantosa fantasia, magnificamente dirigidas, há algumas: Sabu, trepando a uma estátua para ir roubar «o olho que vê e sabe», tendo pelo caminho de lutar com aranhas gigantes... o sultão assassinado pela estátua

(Kali) da «mulher de prata» que o beija para melhor o perder... Sabu no reino «dourado» da fantasia... e outras mais. Aliás, toda a segunda metade de *O Ladrão de Bagdad* é de antologia no domínio do cinema fantástico dos anos 40... Entre os actores, para além de Sabu (mau actor, mas figura de certo fascínio, sabe-se lá porquê...) e de June Duprez (um «herói» impossivelmente mal interpretado), temos o «grande» Conrad Veit, uma das glórias do expressionismo alemão (lembram-se de *Gabinete do Dr. Galigari*?) que patenteia toda a sua classe e talento. Com uma dicção que faz lembrar Vincent Price, ele é inquietante e fatal.

Meninos e meninas (bem assim como todo o respeitável público): aqui têm *O Ladrão de Bagdad*. Um bom princípio para começarem a amar o cinema e a aventura. Um cinema e uma aventura que não ofende a inteligência, nem corrompe a imaginação.

O mesmo não poderemos dizer, infelizmente, de *A Pata dos Ovos de Ouro* que Vincent McEveety realizou para estúdios Walt Disney. Parafraseando a lenda da galinha dos ovos de ouro, McEveety revela-se homem de pouca ou nenhuma imaginação e total integração na ideologia da classe média americana, classe para que se dirigem os nadas ambiciosos produtos da fábrica Disney.

Entretanto, vimos também uma adaptação muito livre de *Ivanhoe*, dirigida em Itália por Roberto Mauri e que se dá pelo nome de *Uma Espada Normanda*. Sem ser tão repetente quanto a maioria dos westerns spaghetti, este filme de «capa e espada», com Mack Damon no protagonista, não oferece qualquer tipo de surpresa.

Prémio para Larreta

O prémio de Teatro da Casa de las Américas foi atribuído ao escritor uruguaio António Larreta, pela sua peça «Juan Palmieri». Do júri, que teve de ler 89 obras, faziam parte, entre outros, Alfonso Sastre, René de La Cruz e Rogério Paulo.

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

HOJE: descanso da Companhia
AMANHÃ: às 21 horas e às 23 horas

Tartufo
RAUL SOLNADO e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEIRO
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CEU GUERRA
no papel de «Dorina»
DIVERTIDÍSSIMO!!!
M/18 anos

TEATRO • tel 3260 37
VARIEDADES

VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MES

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 844756

VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MES

Quem tem medo de Virgínia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUIS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes
benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 32 7493

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR

ORA BOLA P'RO' PAGODE!

com JOSÉ VIANA — LIGIA TELES BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional CÍDALIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE e pela primeira vez no «compê» CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE ÀS 16 HORAS
3.ª Feiras, descanso da companhia

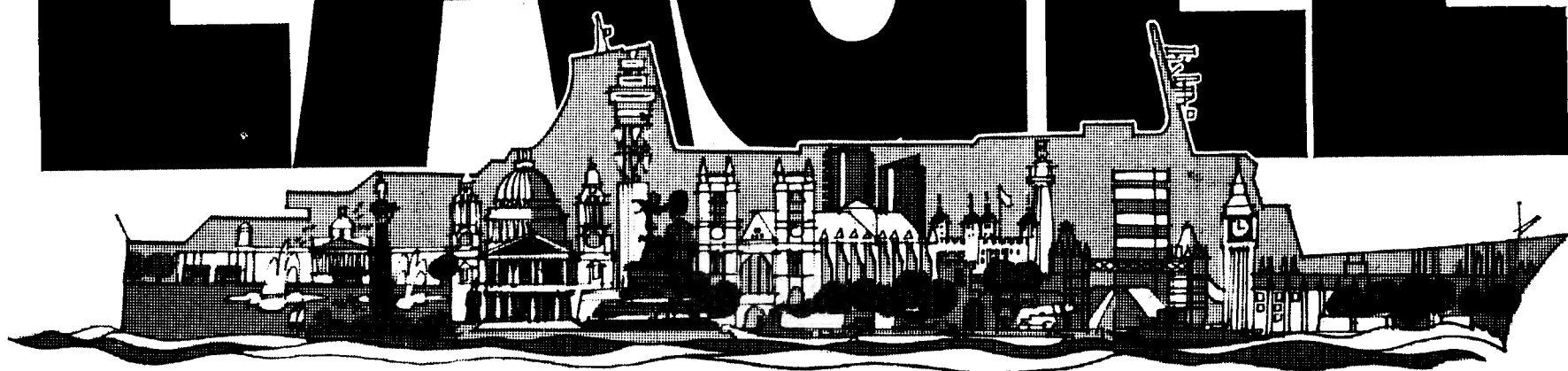
Restaurante
“O PEIXE”
NO ESPELHO DE ÁGUA, EM BELÉM. Facilidades de estacionamento.

DOMINGO DE PÁSCOA
Servem-se almoços e jantares com ementa especial

Telefone 6104 94

COMUNICAMOS AOS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES QUE DEVIDO À SOLENIDADE DO DIA; O RESTAURANTE «O PEIXE» NÃO TEM HOJE SERVIÇO DE JANTAR

EAGLE

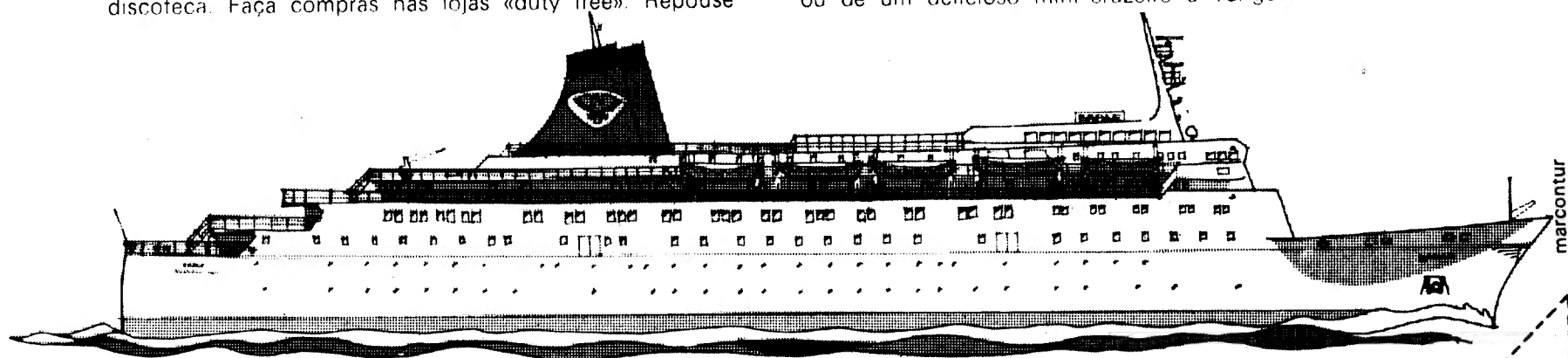


o prazer de viajar até Inglaterra e Marrocos Com o seu carro. Ou sem ele

O Eagle é um luxuoso «car liner» que liga regularmente Lisboa a Southampton e Tânger. Proporcionando-lhe todos os encantos de uma viagem por mar num paquete de cruzeiros... e a vantagem de poder levar o seu automóvel.

Passe horas agradáveis na piscina e solário, cinema, salões, discoteca. Faça compras nas lojas «duty free». Repouse

confortavelmente nos camarotes climatizados, com casa de banho privativa. Almoce e jante nos dois magníficos restaurantes - as refeições estão incluídas. O Eagle leva-o até à Inglaterra em menos de dois dias. E apenas em 15 horas a Marrocos. Faça hoje mesmo a reserva da sua viagem de férias, de negócios... ou de um delicioso mini-cruzeiro a Tânger.



inglaterra

é o preço de uma viagem de ida e volta, incluindo camarote, alimentação e o transporte gratuito do carro, quando em conjunto com 4 bilhetes inteiros.

2.847\$

562\$

tânger

Um dia basta para um mini-cruzeiro. O mesmo preço é válido para viagens de ida e volta, com estadias de 7 ou 14 dias em Marrocos. Inclui camarote e refeições a bordo.

SOUTHERN FERRIES

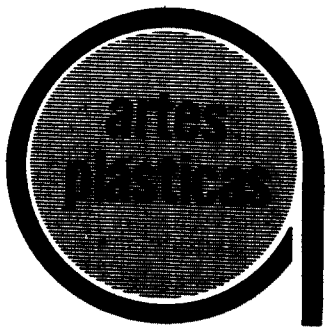
Maravilhosa auto-estrada flutuante



Saiba mais sobre o Eagle. Consulte o seu Agente de Viagens. Ou remeta nos o cupão anexo para receber um folheto descritivo.

E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Praça do Duque de Terceira, 20 / Telef. 36 86 59 / Lisboa 2

Nome _____
Morada _____



CASAL DE ARTISTAS EXPÕE NA QUADRANTE

Um escultor mexicano, Alberto Ramirez Campy, vai expor na Quadrante. Veio a Portugal há tempos passar férias com sua mulher, Mimi Fogt, gostaram do país e acabaram por se fixar por cá. Ela é francesa e pintora.

«Aqui em Portugal, descobri toda uma imensa variedade de materiais com os quais eu trabalho. São os granitos, o calcário, os mármore e nestes, uma variedade enorme: o mármore tem muita importância para mim. Trabalho geralmente em pedra, toda a pedra, e por vezes em madeira. A riqueza de materiais aqui encontrada é importante para mim, como calcula.»

Pedimos a Alberto Campy que nos desse alguns elementos a seu respeito: «Ponha apenas que trabalhei no México, nos Estados Unidos (especialmente em Nova-Iorque). Depois, há três anos, vim para Portugal e por cá fiquei.»

Quando inquirimos das influências que acha mais se fazem sentir na sua obra. Fogt responde:

«Não temos escola. Eu, pessoalmente, sou contra as escolas. Penso que todos os artistas devem tentar expressar algo de oculto, de secreto que existe em si mesmo, dentro de cada um. Desse modo se define um estilo, naturalmente próprio, o que significa impossibilidade de filiação, seja em que escola for.»

Arte implica vender, entrar no mercado, toda a gente o sabe e todos os artistas o desejam. Como será que um mexicano consegue vender as suas obras em Portugal?

«Nestes três anos, verificámos ambos que havia pouca gente interessada em comprar escultura, mas ultimamente tem aparecido bastante gente nova a trabalhar, tem-se divulgado bastante mais, e paralelamente com tudo isso, aumentaram os interessados. No meu caso particular, têm sido os médicos os maiores compradores. Médicos de todas as especialidades: psicanalistas, ortopedistas, de clínica geral, etc. Para o estrangeiro não tenho vendido, todo o meu trabalho tem sido orientado para esta exposição, que é a primeira que faço em Portugal, a minha primeira oportunidade. Só desejo a mim próprio que haja uma boa aceitação.»

Resta dizer que a exposição estará patente ao público, na Galeria Quadrante, a partir do próximo dia 7.

A foto ao alto, mostra-nos uma escultura de Alberto Campy.

SALÃO DE ARTE DE MOTIVOS RIBATEJANOS

De 19 de Maio a 1 de Junho, decorre na Casa do Ribatejo o já tradicional «Salão de Arte de Motivos Ribatejanos», que engloba pintura, escultura, cerâmica e desenho.

Serão atribuídos vários prémios aos três primeiros classificados. As inscrições podem ser feitas até 6 de Maio, na Rua do Salitre, 136, 1.º.

CONGRESSO DE TURISMO EM MADRID

Decorrerá em Madrid, de 17 a 20 de Abril, o 1.º Congresso Mundial de Transporte Aéreo e Turismo, promovido pelo Ministério espanhol da Informação e Turismo. A reunião tem o objectivo de estudar as mudanças que ocorreram desde a Convenção Internacional de Aviação Civil, assinada em 1944 e que vigora ainda para as companhias aéreas regulares e «charter».

Entre os convidados estarão todos os representantes dos interesses públicos e privados de cada continente, representando os interesses turísticos agentes de viagens e hoteleiros.

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA NO BARREIRO

Foram atribuídos os prémios do 1.º Salão de Arte Fotográfica Cineandra, realizado no Barreiro, os quais couberam a Aníbal Sequeira, o 1.º, a José Manuel Ganhão, o 2.º, e a Guilherme Silva, o 3.º. O júri atribuiu ainda sete menções honrosas.

A exposição das fotos classificadas efectua-se de 3 a 10 de Abril, na sede da Associação Académica daquela vila, das 21 às 23 horas dos dias úteis e das 15 às 21 dos sábados e domingos. A entrada é grátis.

Emissão de obrigações do Metropolitano

A empresa do Metropolitano de Lisboa S.A.R.L. foi autorizada, por decreto-lei, pelos Ministérios do Interior e das Finanças, a emitir, no ano corrente 50 000 obrigações nominativas ou ao portador no valor nominal de 100\$00 cada, em títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 obrigações.

É autorizada, igualmente a Câmara Municipal de Lisboa a conceder o aval às obrigações emitidas.

Congresso das Agências de Viagens

Tomou posse, no Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo, a comissão executiva gremial para o 6.º Congresso da Federação Universal das Associações de Agências de Viagens, que se realiza em Portugal, de 13 a 18 de Novembro, por iniciativa daquele organismo.

Dela fazem parte os srs. Albino André, presidente do Grémio, Alberto Rodrigues de Assunção, dr. Aníbal de Abreu, Francisco José Santos Leitão da Silva, Joaquim Pinto da Silva, João Wanstein, Ivo Rodrigues e Fernando Leonel Coelho. Esta comissão em colaboração com a Direcção-geral de Turismo, organizará o programa daquele congresso que trará a Portugal quase um milhão de pessoas.

A exposição «Seara Nova» em Almada

Na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, em Almada, estará patente ao público, de 3 a 6 de Abril, a partir das 19 horas, a exposição comemorativa dos cinquenta anos da «Seara Nova», através da qual os organizadores pretendem dar um panorama da actividade desenvolvida ao longo deste período, tanto na publicação da revista como na edição de livros.

Para a análise e debate da intervenção da «Seara Nova» e dos «seareiros» na vida nacional, haverá mesmo local, no dia 6, às 21, 30, um colóquio no qual tomam parte os redactores da revista António Melo e José Manuel Tengarrinha e colaboradora Helena Alves.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

AS FÉRIAS À PORTA



O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 83 69 69.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI

À CONFIDÊNCIA

RUA DO OURO, 292 E 300 (junto com a Rua)
TEL. 369 84 56

Notícia de LIVROS

TORQUATO DA LUZ



A BEIRA DO CAMINHO

No segundo volume de «Pedras à Beira do Caminho», agora publicado dez anos depois de ter surgido o primeiro, reuniu Joaquim Paço d'Arcos 30 estudos produzidos entre 1929 e 1971. Trata-se de artigos publicados na imprensa ou conferências proferidas sobre figuras que vão de Wenceslau de Moraes a José Régio.

A grande maioria dos artigos não excede três a quatro páginas do volume, que tem cerca de 400. Os maiores são os dedicados a Carlos Malheiro Dias e a Guilherme de Faria. Outras figuras tratadas em «Pedras à Beira do Caminho-II»: Colúmbano, capitão Vieira Branco, Ribeiro Couto (dois estudos), embaixador Teixeira de Sampaio, Teixeira de Pascoaes, marquês de Soveral, Álvaro Pinto, Roy Campbell (dois estudos), Eça de Queiroz, Erico Veríssimo, Carlos Pena Filho, Jaime Cortesão, Valery Larbaud, António Corrêa d'Oliveira, João de Barros, prof. Edgard Santos, Armand Guibert, Nuno de Montemor, Walt Disney, Jorge Amado, Ladislau Patrício e Gonçalo Mendes Ramires.

A edição é de Guimarães Editores.

D. JOÃO REABILITADO

«Reabilitação de D. João» é um estudo de Raul d'Andrade, agora publicado em separata da revista de história e cultura «Estudos de Castelo Branco». Diz o autor, a certa altura: «Para o homem-D. João a actividade erótica é predominante porque é em função dela que a vida toma sentido». Noutro passo: «O destino de D. João é encontrar-se repetidamente perante uma frustração do seu ser, porque não se trata de simples satisfação dum instinto, mas da busca definitiva duma plenitude». Falando do donjuanismo (em que «não há amor»), Raul d'Andrade diz que ele é «o comportamento que se pauta pelo modelo lendário de D. João, e este é o homem que nunca se enamora».

POESIA

A. J. Vieira de Freitas reuniu cerca de 30 poemas no livrinho «A Palavra que Somos», agora publicado. Dele retiro esta «Écloga»:

Eram espigas erguidas pelo vento
Pesadas na manhã que atravessava
As límpidas mãos do firmamento
Era a luz mürmura que fluía
Para a foz íntima do dia.
Tomando novas cores para os olhos
E olhos novos para amá-las;
Era o silêncio impondo harmonia
A paisagem vária que sentia;
Tudo fazendo voz de novidade:
Alma da terra, peso da vontade
Que o homem aos poucos ia deixando:
Era o espaço ao tempo se entregando...

CABRA-CEGA

Entre outros a que, depois, farei referência, saíu na colecção «Cabra-Cega» das Edições Afródite o livro de António José Forte «Uma Rosa na Tromba de um Elefante», com capa e ilustrações de Carlos Ferreira. Poemas para crianças (que os adultos como eu, aliás, gostam de ler) e não poemas infantis, são quase todos muito belos. Um é, por exemplo, o intitulado «Um chapéu alto»:

Um chapéu alto alto alto
e dentro dele um coelho
tudo em cima da cabeça
dum homem já muito velho

quando o homem muito velho
tirava o chapéu alto alto
ficava à vista o coelho

o coelho dava um salto
ficava à vista a careca
do homem já muito velho.

BODAS DE OURO

1 de Abril de 1922 – 1 de Abril de 1972

A Gerência da LOJA DOS FIGURINOS, LD.ª, Rua Augusta, 185, em LISBOA, ao comemorar o 50.º Aniversário da sua fundação, agradece ao público, aos seus fornecedores e às suas representadas, toda a colaboração prestada.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ



ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971/72 (3.º TRIMESTRE)

9 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.

10 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — Às 21.45 h.

28 DE ABRIL — SEXTA-FEIRA — Às 21.45 h.

30 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ

Solista: CHRISTA RUPPERT
SUITE DE S. PAULO

GUSTAVE HOLST

ABERTURA N.º 3

JOLY BRAGA SANTOS

CONCERTO PARA VIOLINO

BRAHMS

22 DE JUNHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.

25 DE JUNHO — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ

Solista: SEQUEIRA COSTA
ABERTURA «A VINGANÇA DA CIGANA»

LEAL MOREIRA

QUINTETO, EM MI b M, K 407

MOZART

CONCERTO N.º 2 PARA PIANO
E ORQUESTRA

BRAHMS

Maestro: MANUEL IVO CRUZ

Solista: DOMINGOS TANECO
ABERTURA «CONDESSA CAPRICHOSA»

MARCOS PORTUGAL

CONCERTO PARA TROMPETE

HAYDN

SINFONIA N.º 5

TCHAIKOWSKY

6 DE JULHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.

Maestro: DR. IVO CRUZ

Solista: DINORAH LEITÃO
SERENATA «EINE KLEINE NACHT
MUSIK»

MOZART

2.º CONCERTO PARA PIANO
E ORQUESTRA «LISBOA»

IVO CRUZ

SINFONIA DE AMADIS

IVO CRUZ

Às 21.45 H. — GRUPO B/MAIORES DE 10 ANOS

Às 16 H. — GRUPO A/MAIORES DE 6 ANOS

Pão condimentado com arame

Solicita, a avó chamou o rapazito e diz-lhe:

— Fernando! Anda tomar o pequeno almoço, vá.

Lá que o Fernando, ladino nos seus nove anos mal cumpridos, às vezes se faz um pouco esquivo à vista de comida que não lhe agrada, não é mentira nenhuma. Portanto, aquele remoer e remoer na carcaça com manteiga, pode ter parecido à avó mais um dos «truques» com que ele procura, de quando em quando, fugir àquela «obrigação» de comer sempre que os adultos se lhes afigura ser hora. Ontem, porém, o Fernando até tinha as suas razões, e bem «pesadas», para não devorar a carcaça logo à primeira:

— Avó! Isto é tão duro! Parece ferro...

Num pressentimento, a avó arrancou-lhe a carcaça das mãos e observou-a. E lá estava: um pedaço de arame incrustado na massa do pão.

— Ai Jesus! — exclamou a senhora aflita. — Se o meu neto comesse isto!...

Pois. As consequências adivinham-se. Se o garoto tem engolido o pedaço de arame, ninguém sabe o que teria acontecido. E quem responderia pelas consequências? E quem nos garante, a adultos e crianças, que o pão que se come hoje, não nos manda para o hospital no dia seguinte? Foi esta pergunta que trouxe o sr. Juvenal Garcia, avô do pequeno Fernando, morador na Rua Fernão de Magalhães, 27, 4.º dto, em Lisboa, nosso leitor de muitos anos, à redacção do «DL», munido da «preciosa» carcaça — ou cacete, como agora lhe chamam — condimentada com um troço de arame dos seus cinco centímetros de comprimento. Acha o sr. Juvenal, que se abastece num padeiro daquela área, que tais coisas devem ser conhecidas e reconhecidas como verdadeiros atentados à saúde pública, «venham com as desculpas com que vierem».

Ou é preferível ignorá-las?

COMÉRCIO COM O ORIENTE

É esperado em Lisboa na terça-feira o dr. Amaro de Matos, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, que foi em missão de prospecção a diversos países do Oriente, nomeadamente Paquistão, Japão, Hong-Kong, etc. Ali ultimou pormenores quanto a instalação permanente de delegações do seu organismo para apoio do comércio exportador nacional.

No Japão o dr. Amaro de Matos inaugurou as exposições de produtos portugueses em Tóquio e Osaka e cujos resultados as entidades nipónicas ligadas ao comércio internacional consideraram de excelentes para as relações comerciais entre os dois países.

ACORDO SOBRE O PETRÓLEO DE ANGOLA

No gabinete do ministro do Ultramar foi celebrado um acordo com a Cabinda Gulf Oil Company, estabelecendo preços afixados e de referência fiscal para as ramas de Cabinda, na província de Angola, cuja produção actual é superior a 120.000 barris diários.

A referida empresa era representada pelo presidente do conselho de administração e pelo administrador delegado, respectivamente, embaixador, Vasco Garin e Sidney Adersen, estando presentes, além do prof. Silva Cunha e do subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, dr. Martins dos Santos, o inspector-geral de Minas, eng.º Cabral de Moncada e o delegado do Governo junto daquela companhia, coronel Themudo Barata.

O desconto ao preço afixado aceite finalmente pelo Estado foi de 23 centimos de dólar por barril para o ano de 1972, decrescendo gradualmente até um máximo de 11,3 centimos de dólar por barril em 1975.

Siderurgia: participação nos lucros

Reuniu-se em 28 do corrente mês a assembleia geral ordinária da Siderurgia Nacional, sob a presidência do Prof. Dr. Fernando Olavo.

Depois de analisados aspectos importantes da vida e do futuro da empresa, foram aprovados por unanimidade o relatório do Conselho de Administração, o parecer do Conselho Fiscal, as contas e a respectiva proposta de aplicação de Resultados.

Assim, ficou decidida uma distribuição de dividendos equitativa a 5 por cento do capital e a correspondente participação do pessoal nos lucros.

Para o preenchimento da vaga existente no Conselho de Administração foi eleito o Prof. Eng.º Henrique Estácio Marques.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 37 — FORNECIMENTO DE MATERIAL PARA ANÁLISES CLÍNICAS

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 28 de Abril próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 27 de Março de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Alexandre Pinheiro

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

Com a habitual expectativa reabre depois de amanhã a temporada taurina que este ano se apresenta rodeada de especial curiosidade pela entrada em vigor do novo regulamento.

Os touros com peso e idade (a única base de emoção da festa) andavam um tanto arredios das arenas portuguesas. Mas a nova lei vem responsabilizar tanto os ganadeiros como os empresários e toureiros. Desta forma, a nova temporada, que se inaugura com a tradicionalíssima corrida de Domingo de Páscoa, surge-nos como uma temporada de renovação, de regresso a uma verdade e a uma emoção que estavam em vias de desaparecer.

Por outro lado, vai porporcionar a revelação de novos valores,

CONFERÊNCIAS DE ROTÁRIOS

De 5 a 7 de Maio, realiza-se na Ericeira a XXVI Conferência do Distrito Rotário 176 (Portugal), organizada pelo Rotary Clube de Lisboa-Norte.

Naqueles dias, alguns centros rotários portugueses, nos seus encontros de trabalho, discutirão os temas «Aspectos económicos da emigração» e «A emigração e os laços familiares».

A referida conferência é semelhante às que nesta época são realizadas anualmente pelos 14 000 clubes rotários que reúnem 800 000 membros em todo o mundo.

Regresso às tardes de touros

através da organização de espectáculos para jovens toureiros, já anunciada por Manuel dos Santos.

Assim, no próximo domingo sairão touros grandes e arroba-dos da ganaderia de Ortigão Costa para toureiros que terão

de ter bastante mais coragem do que a observada em temporadas anteriores...

Estão neste caso Oscar Rosmano que regressa ao convívio dos aficionados portugueses depois de um «exílio» de quatro anos no México.

Com ele alterna um toureiro que a crítica e os aficionados de Espanha apontam como um caso especial de coragem e de dignidade: «Calatraveño», um diestro que ganhou o seu lugar num permanente desafio a touros que as vedetas rejeitavam.



Oscar Rosmano, a grande curiosidade da próxima corrida



O subsecretário americano do Tesouro foi recebido, ontem à tarde, pelo ministro Rui Patrício, no Palácio das Necessidades. Paul Volcker, que chefiava a delegação americana ao encontro de peritos financeiros no Estoril, conversou demoradamente com o ministro dos Negócios Estrangeiros português, em reunião secreta



BANCO TOTTA & AÇORES

S. A. R. L.

Rua Aurea, 88 — Lisboa

DIVIDENDO DE 1971

Esc: 60\$00 por acção n.º 1 a 500 000

Esc: 24\$00 por acção n.º 500 001 a 900 000

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do próximo dia 3 de Abril estará a pagamento, todos os dias úteis, excepto aos sábados, na Sede do Banco em Lisboa, nas Filiais no Porto, Funchal e Ponta Delgada e em todas as suas Dependências e Agências, o dividendo de 60\$00 por cada acção antiga e 24\$00 por cada acção nova, cativo de impostos.

O montante líquido a receber por acção será:

Acções antigas n.ºs 1 a 500 000

Nominativas	50\$01,7
Portador Registradas	52\$63,2
Portador	39\$28,1

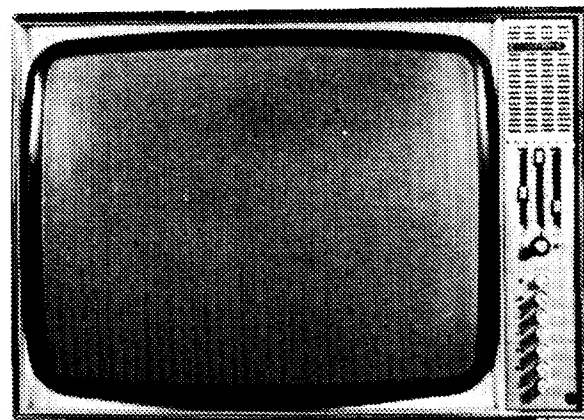
Acções novas n.ºs 500 001 a 900 000

Nominativas	18\$43,8
Portador Registradas	21\$05,3
Portador	15\$71,3

Lisboa, 31 de Março de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

GRUNDIG



TELEVISORES RÁDIOS GRAVADORES HI-FI

A. OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A • LISBOA

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA
SEM FIADOR

Figueira da Foz VALORIZAÇÃO DO PLANO DE URBANIZAÇÃO

Pela sua grande extensão, as obras de urbanização constituem um sector que, dada a sua importância, tem levado anos a realizar.

De maior relevo tem sido a Avenida da Beira Mar, no troço da praia de Buarcos, com duas faixas de rodagem e a ligação da Avenida do Forte à Avenida Salazar, conjunto que, pela sua grandiosidade, pelo seu magnífico traçado e pela sua excelente localização, valoriza toda esta zona e a própria cidade.

A nova zona das Abadias saída de terrenos do cultivo de uma quinta a pouco mais de cem metros do Jardim Municipal, no centro da cidade, está a tornar-se num belo e harmonioso conjunto, com grandes e modernos prédios de certa dignidade a emoldurar o novo Parque, que tem o nome do saudoso figueirense dr. Joaquim de Carvalho e começa a ficar acolhedor. Do mesmo modo, toda a zona, com os valiosos edifícios culturais, o Museu Dr. Santos Rocha e a Biblioteca Fernandes Tomás, construções estas já em fase de conclusão da importante obra cultural. E completado o seu apetrechamento, ficará a constituir um dos mais importantes conjuntos culturais do País e o património mais valioso da cidade.

Nesta mesma zona, foi, ainda, aberta a grande Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, que se prolonga até ao Liceu Nacional e ao Estádio Municipal e serve, também o edifício do Ciclo Preparatório, devendo depois estender-se até ao Parque de Campismo, que regista extraordinária afluência de nacionais e estrangeiros.

O automóvel caiu à doca

De madrugada o automóvel de praça conduzido pelo sr. António Marques Queirós e levando dois passageiros da estação ferroviária, ao seguir pela Avenida Saraiva de Carvalho, em consequência do espesso nevoeiro não contornou a placa em frente da Câmara, foi de encontro ao gradeamento e caiu na doca, no momento da enchente.

Os passageiros salvaram-se a nado e o motorista, que saltou para o tejadilho da viatura, foi socorrido pela tripulação do arrastão «Figueira», fundeado próximo do local do acidente. Nada sofreram, além do susto e do banho forçado.

Horas depois, o carro foi retirado com o auxílio de um guindaste militar, apresentando sérios danos.

ALBUFEIRA Homenagem a Samora de Barros

No dia 2 de Abril, às 16 horas, é inaugurada e manter-se-á patente ao público até ao dia 9, no Clube Albufeirense uma exposição de pintura de Samora de Barros, falecido há meses com 84 anos. Natural

desta vila, onde era muito estimado e admirado, Samora de Barros cursou Direito e frequentou a Escola de Belas-Artes, em Lisboa, tendo-se fixado na sua terra natal, onde foi professor de desenho, poeta e pintor nas horas vagas.

O Rotary Clube local vai prestar homenagem ao artista, descerrando uma lápida na casa onde nasceu e patenteando



na referida exposição grande parte da sua obra, constituída por paisagens, marinhas e retratos.

SERPA Grémio da Lavoura

Por portaria do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, foi nomeada para dirigir o Grémio da Lavoura de Serpa uma comissão administrativa, constituída pelos srs. dr. José Maria Martins Barroso, presidente; eng. Manuel António Saramago de Brito e dr. Rogério de Melo Pires, inspector da Comissão de Coordenação Económica.

PRIMEIRA REUNIÃO DO SERVIÇO DE EMPREGO

Reuniu-se, pela primeira vez, o Conselho Consultivo Regional do Serviço Nacional de Emprego de Coimbra. A sessão foi presidida pelo dr. António Dias Coimbra, delegado do I. N. T. P. de Leiria, na ausência, por doença, do dr. Manuel Carvalho Parente, delegado em Coimbra. Presentes os srs. Alberto de Oliveira, delegado do I. N. T. P. de Aveiro; Vítor Ferreira e Veiga Miranda, sub delegados de Coimbra; Lé de Matos, adjunto do director do S. N. E.; representantes de grémios e sindicatos, e ainda entidades representativas de diversos sectores da economia e de serviços públicos, a nível da região plano de Coimbra.

Aberta a sessão, o dr. Dias Coimbra saudou as entidades referidas, passando-se, imediatamente, à análise da agenda de trabalho, que foi feita pelo chefe da Divisão Regional, dr. Alberto Esteves Perdigoto.

Da agenda constavam os seguintes pontos: O Serviço Nacional de Emprego — a) Seu funcionamento e objectivos; b) Breve panorâmica sobre o mercado de Emprego Regional. — Os Conselhos Consultivos das Divisões Regionais. Suas atribuições e importância na dinamização dos objectivos do S. N. E.

Os dois pontos foram devidamente analisados e esclarecidas certas dúvidas que surgiram.

A reunião foi secretariada pelos adjuntos dos chefes de Divisão, srs. Cipriano Martins e Gabriel V. Figueira.

A próxima foi marcada para os fins de Junho.

ORDEM DOS ENGENHEIROS

Na Secção Regional da Ordem dos Engenheiros, reuniu-se a assembleia geral, para discussão e votação do relatório regional de 1971; e apreciação do orçamento que foram aprovados.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

Na Escola de Educação Familiar Rural, na Quinta de San-

to António, ao Almeigue, encerrou-se o Curso de Iniciação Agrícola que foi frequentado por dezanove alunas do meio rural.

Na sessão de encerramento, presidida pelo Eng.º Francisco Simões, em representação do Inspector Coordenador da Formação Profissional da Secretaria do Estado da Agricultura, eng.º Cortês Simões, estiveram presentes o dr. Costa e Almeida, presidente da Federação

INVENTORES PORTUGUESES PREMIADOS EM BRUXELAS

O júri internacional do 21.º Salão Internacional das Investigações e Novos Produtos de Bruxelas, a exposição técnica do género mais importante do mundo, distinguiu a quase totalidade dos inventores portugueses que nele participaram, com os seguintes diplomas:

A medalha de ouro, ao sr. Jaime Octávio de Magalhães Filipe, de Lisboa, pelo seu «Electrovisor para ser utilizado por invisuais».

A medalha de prata dourada, ao sr. João da Silva, de Lisboa, por «Caixa-portátil com empilhagem tripla para transporte de garrafas com copos-cápsulas incorporados»; João Ratola, de Lisboa, por «Talha»; eng.º Avelino de Freitas Lima do Porto, por «Reci-

piente para recolha de lixos ou contentor»; António M. Alves dos Santos, de Lisboa, por «Caneta binária bipolar»; e Mário Gama, de Lisboa, por «Esferocomputógrafo».

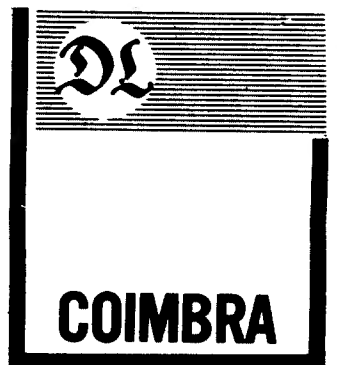
A medalha de prata, aos srs. João Ratola, de Lisboa, por «Aparelho de suspensão de «pallets» sem pente»; Manuel Lopes de Sousa (Abrantes), por «Aperfeiçoamentos em máquinas para limpeza de cereais, leguminosas e outros produtos»; Fernando Ferreira Soares, de Lisboa, por «Prancha fabricada para a construção de paredes e pavimentos»; José Luís Gonçalves, de Lisboa, por «Ventoinha eléctrica para escritórios»; e António M. Alves dos Santos, de Lisboa, por «Ferragem binária bi-

polar para classificadores».

A medalha de bronze, aos srs. José Manuel Carapeto Patrocínio, de Lisboa, por «Aparelho ripador para a colheita de frutos»; António Gonçalves Sanches, de Portalegre, por «Espelho de dupla visão para automóveis».

O inventor alemão Helmut von Schwerin, residente em Luanda (e por isso incluído na representação portuguesa) foi distinguido com um diploma de medalha de prata pelo seu invento «Novo tipo de elementos de construção».

Os prémios obtidos pelos inventores portugueses são tanto mais de salientar pelo facto de terem sido conseguidos em competição com inventores de 20 países.



À PROCURA DE NOVOS TOUREIROS

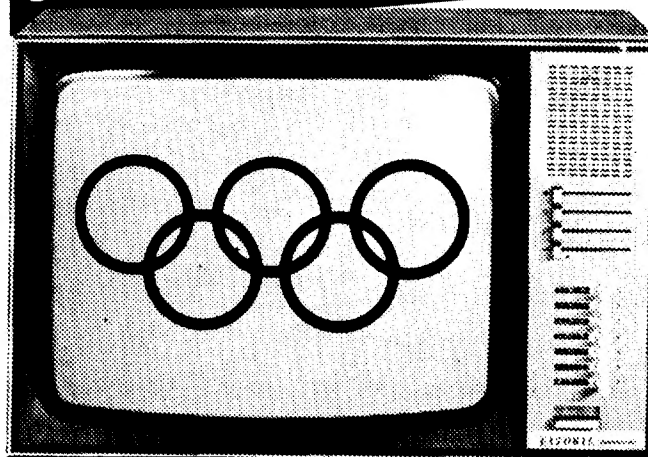
Com a colaboração do Grupo Tauromáquico «Sector 1», a Sociedade do Campo Pequeno leva a efeito o concurso intitulado «A procura de novos toureiros», tendo em vista a descoberta de novos valores para a carreira de novilheiro.

A iniciativa conta também com a colaboração das colectividades congêneres, que no dia 7 farão uma selecção preliminar dos candidatos inscritos, havendo uma segunda escolha no Campo Pequeno, no dia seguinte, às 15 horas.

Os candidatos apurados participam em três espectáculos com garraios, que se realizam no Campo Pequeno, nos dias 16 e 30 de Abril e 7 de Maio, e aos dois primeiros classificados serão concedidos vários prémios.

MUNICH 72

JOGOS OLÍMPICOS



**SIEMENS
ESTORIL**

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

importado com garantia da procedência

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO
NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA
A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas
de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc.,
e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta
toda a assistência até total reembolso do capital
empréstado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6
PORTO—R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6



DECIDA-SE HOJE MESMO POR
STº ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
(JUNTO À PLACA DE FLAMENGA)

100 apartamentos, 4 assoalhadas alcatifadas, paredes revestidas a papel, 2 casas
de banho, cozinhas com equipamentos modernos, construção de primeira.

A PARTIR DE 395 CONTOS

Com 30% até à entrega das chaves e o saldo em 3 ou 8 anos:
CORRETORES DE PLANTÃO DIARIAMENTE NO LOCAL

A NOSSA DECORADORA ESTUDARA COM OS CLIENTES
A SOLUÇÃO IDEAL PARA CADA CASO

INFORMAÇÕES: Rossio, 74-3.º Telef. 3 55 21 3 54 38 36 62 57
LISBOA 2



AOS SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS
atendemos pelos telefones
253-10 02 e 21 31 02

SPDC - Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

ESMOLAS PARA PORTUGUESES EM FRANÇA

PARIS, — Uma religiosa portuguesa, da congregação das franciscanas de Maria, vive desde há vinte e oito anos na França e é a imagem da província para os trabalhadores portugueses fixados na região de Lille — revela, numa reportagem publicada sob um título a quatro colunas, «La Voix du Nord».

A reportagem narra as venturas e desventuras de um trabalhador português, Joaquim Tavares de Sousa, a quem a família chegou à França sem ele esperar.

Em casa, três quartos num prédio em ruína, destinado à demolição, nem um móvel, nem um fogareiro, nem uma caçarola, sequer. E para mais Joaquim Tavares não habitava ali sozinho, mas com outros compatriotas, que partilhavam com ele o encargo da renda.

Dinheiro, também não havia e as crianças tremiam de frio, habituadas a um clima mais benigno e mal abafadas.

E então que intervém a irmã Faustina. Vai de porta em porta, fala com os comerciantes, com a gente rica e caridosa de Lille, com os «grandes patrões», que são os mais beneficiados pelo trabalho dos portu-

gueses, e dentro de vinte e quatro horas havia no lar dos Tavares «tudo quanto é elementar e primordial para a vida» — colchões, um fogão, agasalhos para as crianças.

Joaquim Tavares de Sousa apenas ganha, porém, 450 francos por quinzena e para beneficiar de um abono de família tem de habitar uma casa nas condições de salubridade que a lei francesa exige. Ora o aluguer de uma casa nessas condições não custa menos de 300 francos mensais. A miséria, continua, pois, a espreitar, na França, a família Tavares, embora a infatigável irmã Faustina permaneça atenta.

Entretanto, os filhos do casal em idade escolar passaram já a frequentar a escola que a irmã Faustina criou e de que é a única professora.

«Bem sei — declara ela — que os pequenos podem frequentar as escolas francesas. Mas assim, vindo aqui, eles ao menos não esquecem a língua dos seus pais e sempre aprendem um pouco da geografia e da história da nossa Pátria.

São dezasseis mil os trabalhadores portugueses que no norte da França, trabalham sobretudo, nas indústrias têxtil e siderúrgica.

A "TALUDA" da Páscoa distribuiu 16 milhões, (n.º 6.163) em Matosinhos e Leça da Palmeira As 40 cautelas premiadas contemplaram gente humilde

No sorteio da Lotaria da Páscoa que hoje se efectuou na antiga sala das extracções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, foi decidido o destino de cerca de vinte e oito milhões de escudos, em menos de meia hora!

Funcionários conferentes e cerca de duas dezenas de auxiliares ocuparam os respectivos lugares alguns minutos antes do meio-dia. A mesa do Júri foi presidida pelo director da Lotaria Nacional, sr. dr. António Branquinho de Amaral Pereira, secretariado pelos funcionários superiores srs. Octávio Cau de Albuquerque e António Sabino Polido.

Os funcionários auxiliares, srs. Manuel Prudêncio e Eduardo da Costa, entregaram em mão de espectadores interessados o disparador do longo cabo de comando que provoca o disparo das esferas. E forma-se o primeiro número a ser premiado nesta Lotaria da Páscoa, o 14 278, contemplado com 50 contos, a que se seguiu outro de igual quantia. Seguidamente, chegou a vez da sorte grande, «cantada» pelo sr. Virgílio Antunes Flambó em resposta ao colega sr. Augusto Valente, que apregoou o 6163, o número da sorte.

Imediatamente se soube que o 6163 fora «aberto» em cautelas e remetido para o requisitante oficial sr. Albano Teixeira Basto, estabelecido em Matosinhos, em cujo estabelecimento foram vendidas cerca de metade das 40 fracções contempladas com quatrocentos contos, cada uma. Conforme nos informou a responsável pelo aludido estabelecimento, sr.ª D. Esménia Mo-

reira de Almeida, todos os compradores são pessoas bastante necessitadas de sorte e de fortuna. As restantes fracções foram cedidas para o «café» Sinos, também em Matosinhos, e para um revendedor de Leça da Palmeira. Tudo gente precisada! — disse-nos a sr.ª D. Esménia.

Vieram a caber ao n.º 19 543 os 1600 contos do 2.º prémio, em bilhete também dividido em cautelas e que foi vendido no «Quiosque da Sorte», em Lisboa, defronte da própria Santa Casa. O sr. Manuel Mateus, gerente do referido estabelecimento informou-nos que parte do bilhete foi remetido para a zona da Pontinha.

Finalmente, os 240 contos do 3.º prémio ficaram também em Lisboa, e couberam ao n.º 3437, vendido aos balcões da Casa da Sorte.

NÚMEROS PREMIADOS

6.163 - 16.000.000\$00
19.543 - 1.600.000\$00
3.437 - 240.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

6.162 - 21.000\$00
6.164 - 21.000\$00

PREMIOS DE 50 CONTOS

2.994; 3.760; 5.049; 5.756;
11.789; 14.278; 16.220; 19.307;
20.383; 20.536; 22.133; 22.981

PREMIOS DE 3.000\$00 (CENTENAS)

3.401 a 3.500; 6.101 a 6.200
e 19.501 a 19.600

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 163 ou 543 são premiados com 9.000\$00, em cada bilhete e, os terminados em 437, são premiados com 7.000\$00. Os terminados em 653, são premiados com 6.000\$00. Os terminados em 087, 099, 146, 305, 460, 487, 735, 827 ou 960 são premiados com 4.000\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 43 ou 63 são contemplados com 5.000\$00 e os terminados em 37, com 3.000\$00. Todos os restantes números cujo último algarismo - terminação - seja 3, têm direito a 2.000\$00 de prémio também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O terceiro prémio grande foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE.

AUSTRALIANOS VISITAM PORTUGAL

A bordo do paquete «Galileo» chegou a Lisboa, pelo segundo ano consecutivo, um grupo denominado «Catholic Word Exploration Tour», composto por 135 australianos, que visitarão o nosso País durante uma semana. Estão previstas excursões a Fátima e ao Porto, organizadas pela agência Orey Antunes.

Estradas asfixiadas pela "Ponte" da Páscoa

O lisboeta fugiu da cidade para gozar a «ponte» da Páscoa e o tempo maravilhoso que a Primavera trouxe.

A Ponte Salazar registou, ontem, um aumento de cerca de 6700 passagens (15230 saídas e 11477 entradas) e, pela Auto Estrada do Norte, passaram 22900 veículos (15000 na saída).

Tudo leva a crer que hoje o êxodo seja mais intenso. Durante a manhã, a portagem de Sacavém viu passar mais de mil carros por hora!

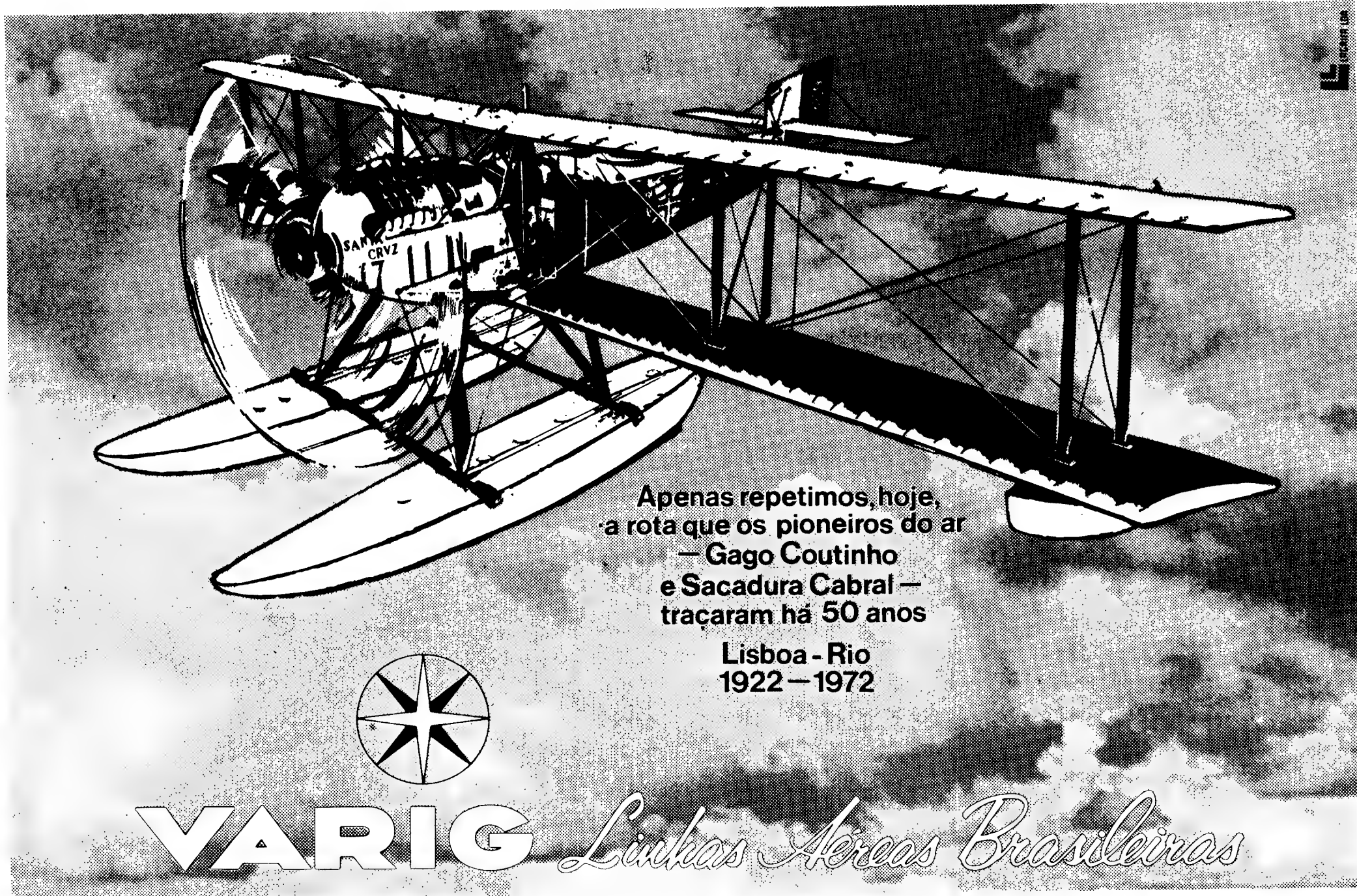
E a fuga da cidade, em carros cheios como um ovo, onde o lisboeta segue entalado, para fugir à pressão do dia-a-dia estafante. E a pressa do descanso, a maratona do asfalto, por essas estradas apertadas, cheias de curvas e contra-curvas mortais.

Depois da Páscoa, será a arreliada do regresso em bichas medonhas que não terão fim. Mas alguns ficarão pelo caminho e para eles não haverá a festa da Ressurreição. Que sejam poucos!

serviços cadastrais de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 31 — A demarcação de cento e vinte e duas povoações e a aquisição de um avião para trabalhos de fotografia são os principais objectivos dos serviços geográficos e cadastrais de moçambique para o corrente ano.

A verba reservada para aqueles serviços é superior a 65650 contos, destinando-se, fundamentalmente, a trabalhos de cadastro e demarcação de terrenos.



Apenas repetimos, hoje,
a rota que os pioneiros do ar
— Gago Coutinho
e Sacadura Cabral —
traçaram há 50 anos

Lisboa - Rio
1922 - 1972

VARIG *Linhas Aéreas Brasileiras*

PATARATAS E DELINQUENTES

Joaquim José Patarata, preso por roubo. Preso, julgado e condenado. Várias vezes. Pequenos roubos, mesmo ninharias a que só a sua mente desequilibrada empresta um valor insólito. Mas será o Patarata um delinquente que se recupere entre as grades duma prisão?

Não são exactamente anomalias e o anacronismo do nosso Código Penal, em muitos aspectos a necessitar duma revisão urgentíssima, o que aqui se põe em causa. No caso que nos vai servir de referência - e de exemplo, pois infelizmente não é único -, o que mais nos choca é o profundo divórcio existente no nosso país entre o Código Penal vigente e a realidade social deste tempo que todos amamos ou abominamos, consoante as circunstâncias.

Há crimes que, na sua evidência, só podem ser considerados à luz do código, ainda que as anomalias e o anacronismo invalidem quantas vezes, um modo justo de julgar. Outros, porém, nada ou muito pouco têm a ver com ele. Em princípio, está provado que todo o criminoso é um doente. Um doente com largas possibilidades de recuperação, se essa recuperação for tentada a tempo e pelos processos adequados, que em alguns países atingem uma verdadeira escala científica, onde a psicologia, a psicopatologia e a psi-

canálise têm papéis mais do que evidentes. Convirá, no entanto, acrescentar, que certos casos são de tal modo graves e tão profundamente complicados, que a recuperação se torna impossível. Por outro lado, há o factor moral: um homem pratica um crime, a sociedade exige o devido retratamento. Mas, quando se prova que o criminoso é, realmente, um desequilibrado, a melhor maneira de compensar a sociedade que ele atingiu com o seu acto, será metê-lo numa prisão?

Joaquim José Patarata - e vamos entrar de imediato no tal exemplo de ao pé da porta - é um jovem de 19 anos que, nos últimos dois meses, foi preso cinco ou seis vezes pelo menos. Roubos menores, qualquer coisa que apanha à mão lhe serve, nada de violências. Na polícia, o Patarata mostra-se humilde e, nos seus olhos espantados, a inocência duma interrogativa, o não compreender a razão porque o prendem só por aquilo. Sofreu uma meningite aos três anos de idade e nunca mais recuperou totalmente. Foge de casa, sempre depois de furtar dinheiro à mãe, uma pobre mulher que chora amargurada o desgosto de um filho assim. No Governo Civil, onde é visitante assíduo, o infeliz Patarata conquistou já a simpatia da polícia. Um graduado da PSP, apercebendo-se do drama do Patarata, quis cortar o mal pela

raiz, ou seja, encaminhou-o para uma casa de saúde de Lisboa, convencido, e bem, de que o caso do Patarata não é um caso de Código Penal, e sim um dilema de desvio mental perfeitamente visível. No dia seguinte, porém, a tal Casa de Saúde reenviou o Patarata ao Governo Civil, alegando que não podia aceitar o internamento do rapaz por razões várias. E o Patarata continuou o seu martírio.

E aqui surge o motivo desta crónica. O nosso Código Penal não prevê qualquer ponta de assistência a este género de indivíduos. As nossas autoridades não podem contar com um verdadeiro centro de recuperação para casos como este. Não seria hora de nos debruçarmos sobre o assunto e tentarmos que o Código não fosse apenas uma via de castigo, mas igualmente uma via de recuperação de todos os Pataratas? Ou convém mais aguardar que o doente passe de delinquente menor a delinquente maior, para depois o metermos em prisão durante dez ou quinze anos e supormos o assunto arrumado? A onda de criminalidade aumenta. Criar um centro de recuperação seria uma das medidas mais inteligentes e que melhor poderiam favorecer o recasso dessa onda. O Patarata será um exemplo típico das anomalias apontadas, mas é apenas um de entre muitos.

Josué da Silva

Espelho da Imprensa

Peixe: um dos alimentos mais caros

«Atendendo às partes do peixe que se podem comer e aos preços a que as diversas espécies se cotam, tanto nas lotas como nos mercados municipais e outros estabelecimentos, o peixe tem-se tornado, nos últimos tempos, um dos alimentos mais caros.

Isso não se dá apenas com as chamadas espécies finais que se capturam mais ou menos artesanalmente ao longo da costa, pois verifica-se desde o carapau ao peixe-espada, embora a pescada congelada mantenha os preços estabelecidos desde há anos, quando a há — pois nem sempre a oferta dos tamanhos mais procurados pelo consumidor responde satisfatoriamente à procura.

Entretanto, consta que, se os «stocks» de algumas espécies do arrasto, guardados tanto tempo em grandes frigoríficos industriais, fossem lançadas no mercado quando a falta de peixe fresco mais se acentua, não só com isso melhoraria o abastecimento público, como até os preços poderiam ser mais baixos, do que muitas vezes são.

Comparando o valor alimentar do peixe fresco ou congelado com o de outros géneros

mais ricos em nutrientes, os preços do peixe são, frequentemente, mais elevados do que os desses géneros, e, até, do que os das carnes.

Ao contrário do que acontece por exemplo em Espanha, país que pesca mais do que consome, a nossa frota — não obstante a modernização em curso — faz capturas em quantidades inferiores à capacidade de consumo do País, o que se revela em todos os locais onde se vende peixe, desde os supermercados e mercados municipais às peixarias fixas e ambulantes, não obstante o que, mesmo assim, como é sabido, se fazem exportações de pescado português para a Itália.

Filletes de peixe congelado, embalados em caixas de 350 a 400 gramas de peso bruto por líquido, vendem-se ao público a preços fixados pelos embaladores, que resultam à razão de 50\$00 a 60\$00 cada quilo, o que dá a ideia da enorme margem de comercialização com que os embaladores agravam preços que poderiam ser de metade ou menos, se esses embaladores não tivessem o mercado nas mãos.

Sendo frequentemente necessário importar peixe congelado, parece que o licenciamento das importações não decorre de forma a facilitar o abastecimento através de médias empresas privadas, que, dispondo também de capacidade financeira, meios de transporte apropriados, câmaras frigoríficas e organização comercial, poderiam fazer concorrência susceptível de corrigir a alta artificial de alguns

preços de revenda e de venda ao público.

Recentemente, foram autorizadas algumas importações de pescada congelada.

Sem que se pudesse considerar o mercado normalmente abastecido, os pedidos de importação foram «rateados» de tal maneira, que nem todas as firmas que apresentaram pedidos de licenciamento a preços que permitiriam respeitar os que estão estabelecidos, foram atendidas.

No sector comercial privado, pensa-se que a forma esporádica e incerta como as licenças de importação de peixe congelado são concedidas, concorrem para a rareficação do abastecimento e para o consequente encarecimento dos preços de todo o peixe.

Pensa-se também, que o sistema de licenciamento actualmente seguido, contribui eficazmente para o aumento dos preços dos mercados exportadores, na medida em que frequentemente impede se aproveitarem preços externos favoráveis.

Neste contexto, empresas privadas, grossistas e importadoras de peixe, pensam que as facilidades que superiormente puderem ser dadas no sentido de o abastecimento interno se poder fazer em clima de concorrência entre as médias e as grandes empresas do ramo, teriam, além de outras, vantagens de preço imediatas para o consumidor, pois que os elevados preços do pescado concorrem indirectamente para a alta dos preços de outros géneros alimentícios.

(In «O Mercador»)

O tratamento ALCOOLISM deveria alargar a todo o país

- Declarou-nos o director do Centro Antón

No campo do alcoolismo somos dos primeiros, somos pioneiros das grandes percentagens do consumo de álcool. Mas não será certamente motivo de grande regozijo este género de «récord» que justifica a morte anual por cirrose alcoólica de mais de 16060 indivíduos.

Dizer que ocupamos um lugar de triste destaque no mapa internacional da captação de álcool é já conversa estafada e esquecida, sabendo nós, há muito, que depois da França, Portugal e a Itália são países onde mais estragos o álcool produz. Mas num agregado social tão curto de zeros em estatísticas, a existência de 300 000 a 400 000 pessoas que sofrem de doenças alcoólicas e que precisam de tratamento é já um índice de uma situação apodrecida, que não seria exagero qualificar de catástrofe.

E se a França nos bate a palma, as nossas carências sociais levam a que no campo da morbilidade (relação entre os casos graves de alcoolismo e o número de habitantes) a taxa nacional lhe seja muito superior e mesmo uma das mais altas do mundo.

O problema tem sido encarado de maneira diversa e, felizmente, já lá vai o tempo em que o alcoolismo era tido como um «acidente», situação imprevisível desgarrada de causalidades sociais, anomalia individualizada sujeita a pretensas recriminações moralizantes para a qual não estava pensada a sua definição como atitude social. Hoje, vincando as suas consequências orgânicas, psíquicas e sociais, o alcoolismo é reconhecido como doença idêntica a qualquer outra e, dentro de certas condições, perfeitamente tratável.

ASSUNTO DE HOMENS?

Sem grande margem de erro, e ressaltando casos minoritários, a população com problemas alcoólicos situava-se (melhor, dividia-se) nos dois estratos sociais mais afastados. Com a larga proliferação do alcoolismo campesino, variando de intensidade segundo as diferentes regiões, havia também que contar com avultado número de casos verificados em classes economicamente fortes.

No seu quadro geral, a situação mantem-se, se bem que se tenham dado alterações que interessam registar. Assim, a partir de determinada altura do

desenvolvimento industrial e da crescente onda migratória, é possível registar uma deslocação da intensidade do consumo de álcool detida pela massa agrícola para o operariado industrial e, consequentemente, para zonas urbanas fortemente industrializadas.

Paralelamente, é flagrante o aumento da população feminina com problemas de alcoolismo. Enquanto nos meios rurais o álcool era, em grande parte, consumido pelo homem, a integração da mulher na produção fabril vem alterar, substancialmente, o panorama tradicional.

Por outro lado, a nossa taxa de abstinência é extremamente baixa... Ora, se existe uma enorme quantidade de não-bebedores e se a intoxicação alcoólica tem um índice assustadoramente elevado, uma conclusão primeira há a tirar: quem bebe em Portugal, bebe em quantidades astronómicas.

Associando estes elementos e tendo em conta que o alcoolismo se manifesta como um evidente barómetro dum certo mal-estar social, teremos, forçosamente, que concluir que alguma coisa está podre no reino da Dinamarca...

DO TRATAMENTO E SUAS CARÊNCIAS EM PORTUGAL

Existem no nosso País dois centros que se dedicam especificamente ao problema da desintoxicação e reeducação do doente alcoólico, mas não satisfazendo o mínimo desejável dos casos. Em Lisboa existe, no Hospital Júlio de Matos, o Centro António Flores, criado por subsídio da Fundação Gulbenkian em Coimbra, nas instalações do Hospital Sobral Cid, foi criado não há muito tempo um outro centro, dirigido pela dr.^a Maria Lucília de Mello.

Mesmo que notoriamente insuficientes, os dois centros desenvolvem, dentro das suas limitações, uma acção medicamentosa e psicológica tendente à reeducação do doente, a uma estabilidade psíquica que o liberte da intoxicação e, portanto, lhe permita modificar a sua relação com o meio social. Sobre este assunto, conver-

samos com o dr. Pompeu Silva, psiquiatra especializado no tratamento do alcoolismo e director do Centro António Flores, que nos declarou:

A designação de Centro deve ser interpretada no sentido de que é uma instituição que centraliza todas as actividades de combate à doença (profilaxia, tratamento e recuperação social) dos alcoólicos tratados. Deveríamos ter aqui uma secção de profilaxia. Mas não temos. Todas as acções de profilaxia que temos desenvolvido devem-se sempre à iniciativa pessoal de médicos, assistentes sociais ou enfermeiros. Torna-se necessária uma secção dirigida unicamente para esta finalidade com pessoal especializado. Assim, essencialmente, este Centro desenvolve, nas suas limitadas possibilidades, uma função de tratamento dos alcoólicos.

Mas o âmbito da questão é muito vasto e só a um nível nacional verá as suas carências resolvidas. É o que nos diz o dr. Pompeu Silva:

Julgo que um problema tão grave e com uma tão grande expansão como a que se verifica no nosso país obrigaria a



do O r-se IS io Flores



Mais um copito, mais um copito...

minizar dentro da assistência, e da assistência psiquiátrica, uma coordenação de todos os serviços, de modo um pouco semelhante ao que, em outros países, se fez com outras doenças (tuberculose e sífilis), a utilização de dispensários, etc. Será talvez uma solução pessoal, mas parece-me que as entidades oficiais não encaram assim o problema.

Em caso, quais lhe parecem as medidas imediatas para que se ponha em marcha essa organização assistencial? Havia a necessidade de organizar esta acção a um nível nacional, por uma entidade que dirigisse toda a actividade antialcoólica que, por sua vez, estaria integrada nos serviços de assistência, através do Instituto de Psiquiatria. Portanto, como devemos organizar, todo o País, serviços de assistência, haverá a necessidade de os coordenar numa entidade com autonomia dentro deste combate exclusivo à doença.

O alargamento e uma reorganização do combate ao alcoolismo deverão ter em conta

a função a desempenhar pela clínica geral.

— Já tenho dito várias vezes — acrescentou — que, se os nossos cálculos estatísticos (já que estatísticas não temos) nos dizem que devemos andar pelos 300 000 alcoólicos, é claro que não podemos fazer tudo apenas pela psiquiatria. Não existem, nesta especialidade, médicos, enfermeiros e assistentes sociais que cheguem para resolver o problema. É, pois, urgente levar o tratamento do alcoolismo ao nível da clínica geral. Para isso, devem ser ministrados cursos sobre o tratamento do alcoolismo a médicos de clínica geral, de maneira a que tenham a possibilidade de assistirem a este tipo de doentes.

Os Centros, na opinião do nosso entrevistado, ficarão para os casos mais difíceis que obrigam as terapêuticas especializadas, já dentro do âmbito da psiquiatria. Aliás, «esses casos não faltarão».

INFORMAÇÃO E BASES LEGAIS

Não estaríamos dentro de razão se disséssemos que muito se tem feito ao nível da infor-

mação das populações, no que respeita ao problema da intoxicação alcoólica. Sobre o assunto pouco se sabe e, praticamente, só o conhece quem o álcool muito gastou. Vejamos o que nos disse a tal respeito, o dr. Pompeu Silva:

- No combate ao alcoolismo, encontramos três directrizes importantes: uma legislação anti-alcoólica, uma propaganda nesse sentido e o tratamento e recuperação de doentes. Neste momento está em estudo uma legislação anti-alcoólica. Está em estudo, mas, por enquanto não a temos! De facto, a legislação existente que interessava a este problema médico-social é muito antiquada e nem sequer é cumprida. É uma legislação que não teve em mira combater o alcoolismo, sendo muito anterior a este ser encarado como um problema médico-social grave.

E acrescentou:

- Uma legislação, que não temos, é basililar para uma luta anti-alcoólica que necessariamente, terá de se efectuar dentro de uma base legal. Não nos compete a nós fazê-la; podemos ser ouvidos, assim como muitas outras entidades o serão, pois que muitos problemas vão surgir: basta pensar que estamos num País vinícola, onde muitas sociedades comerciais e industriais há, ligadas à produção de bebidas alcoólicas. E tudo isto move interesses...

Facilitaria ou alargaria, essa legislação, a actividade destes Centros?

- Existindo tal lei, este Centro deveria ter como uma das suas missões, a função de vigiar pelo cumprimento da mesma, indicando às autoridades as infracções, que, decerto, seriam muitas.

Disse-nos, ainda, o director do Centro António Flores que haverá que contar com uma informação e propaganda, mas que sem aquela base legal, toda a propaganda que se pudessem fazer não seria nunca eficaz. Aquela falta vem criar um círculo vicioso.

- Poder-se-ia evitar, com efeito, que muitas pessoas caíssem no alcoolismo crónico, aconselhando a moderação dos hábitos alcoólicos informados dos períodos em que incorrem pelas numerosas alterações orgânicas e psíquicas a que estão sujeitos. É necessário divulgar a noção de que

o alcoolismo é uma doença e que, se não conseguem, por vontade própria, moderar o seu procedimento, os bebedores devem, então, dirigir-se a uma instituição que os trate.

É sob esta orientação que se deverá dirigir a informação ao público.

E há, ainda, outros casos concretos:

- Também se impõe uma informação ao nível das empresas e dos seus serviços médicos. Além de se actuar junto dos locais de trabalho, há que levar a informação aos agregados familiares, no sentido de estes levarem os seus membros a tratarem-se. Um esclarecimento ao público em geral, deverá ser mais incisivo e utilizar técnicas especiais, para as situações em que, previamente, já sabemos que o alcoolismo se desenvolve, particularmente, em centros de trabalho, regiões com tradições ligadas ao álcool, etc. Nestes locais, exige-se uma acção mais directa, a fazer pelo tal pessoal de que não dispomos...

ATITUDES FACE AO PROBLEMA

Recordemos, a propósito, que o primeiro combate ao alcoolismo se registou nos países anglo-saxónicos, feito por ligas puritanas que pretendiam mais castigar do que redimir o alcoólico. Havia mais uma noção de castigo do que de recuperação. A grande viragem na atitude face à questão deu-se depois da Segunda Guerra Mundial. A partir de então de desenvolveram-se uma série de estudos sobre a doença, abrangendo os seus mais diversos aspectos, não só no sentido de um outro entendimento da situação, como no campo das novas terapêuticas.

Mas, se bem que a integração do alcoolismo no campo das doenças lhe conceda, como tal, prerrogativas de assistência, há toda uma incompreensão do público a combater.

O meio imediato do doente, a família, tem grandes responsabilidades, tanto nas motivações ao alcoolismo (hoje sabe-se que grande parte dos não-alcoólicos provém de famílias não autoritárias), como na recuperação do doente tratado: o «chefe de família» desintoxicado, ao tentar integrar-se, é muitas vezes tido como o elemento passivo e de-

sautorizado que era, tendo de competir com a mulher para assegurar a posição que dantes ocupava. Nada pior para ele. Acerca destes problemas insistiu o nosso interlocutor:

- Todas estas atitudes sociais, e a experiência de séculos o demonstra, não diminuem o número de alcoólicos, que continuam a ser indivíduos socialmente prejudiciais e o problema vai-se agravando nesta incompreensão das pessoas. Por outro lado, a atitude do doente varia consoante a evolução do seu estado alcoólico. Devo dizer-lhe que uma grande percentagem dos nossos doentes vem aqui espontaneamente para se tratar. Isto faz parecer, à primeira vista, que o alcoólico português é muito compreensivo. Mas não nos devemos enganar; é que o doente em último grau, se não tiver, como não tem, alguém que o proteja, precisaria de ser procurado em casa. Como nós estamos numa atitude meramente receptiva e não temos uma acção extra-hospitalar, pouco por eles se pode fazer. Para se ir para o tratamento dos doentes nesta fase já avançada é precisa uma legislação. Se eles não têm apoio familiar, nenhum pergunto eu: quem é que os pode fazer tratar-se?

TRATAMENTO COMPULSIVO

Para terminar, e voltando a abordar a carência de uma le-

gislação que, à semelhança de outros países, obrigue legalmente os doentes a internamento, afirmou, o dr. Pompeu Silva:

- O doente que o justificasse deveria ser internado num regime especial, em que não poderia decidir se quer ou não tratar-se; teria de o fazer porque a lei a isso o obrigaria, ficando a sua liberdade condicionada pelo resultado do tratamento. Teríamos de manter uma atitude de um bocadinho severa, rígida, mas tudo isto resultaria em proveito para o doente; para evitarmos que caísse numa doença orgânica mortal ou mental crónica, ou, ainda, que se tornasse num elemento anti-social.

Em conclusão:

- O tratamento como pena é uma coisa que temos de pedir à nova legislação.

Estas palavras são duras, como duro é o motivo que as dita. Falou um especialista na matéria. A nós cumpre-nos apenas assinalar o facto e dar ocasião a que se manifestem propostas de soluções. Porque não é possível cruzar os braços quando sabemos que o País mantém o mais assustador «record» de alcoolismo da Europa.

F.N.



Bebidas para todos os gostos de... cirrose

A KAVERNA

Devido à solenidade do dia, este Restaurante encontra-se HOJE encerrado.

Travessa Fieis de Deus, 34 — Tel. 35593.

LISBOA À NOITE

Devido à solenidade do dia, este Restaurante encontra-se HOJE encerrado.

DOMINGO DE PASCOA:

Aberto, excepcionalmente, dado o dia Festivo. Rua das Gaveas, 69 — Tel. 368557.

CONFECÇÕES DARBEL, LDA.



Fábrica de casacos de cadebal e antilope.

Todas as semanas novos modelos no vosso fornecedor.

Peça casacos

DARBEL

Directamente ao Público sempre restos de colecções que vendemos por baixos preços.

CONFECÇÕES DARBEL, LDA.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-A — LISBOA

beber a quem tem fome

Compre a

J. PIMENTA S. A. R. L.

ANDARES

OU

APARTAMENTOS

MOBILADOS

Preços desde 180 contos

Com 25 contos pode participar na modalidade de compropriedade e obter um bom rendimento

Informações:

Queluz — Edifício Sede
Av. António Enes, 25
Telef. 95 20 21

LISBOA

Pr. Marquês de Pombal, 15

Telef. 4 53 43 - 4 78 43

UM DIA TURÍSTICO NO RIBATEJO

DOMINGO, 9 DE ABRIL

Inauguração da época da Praça de Touros de SANTARÉM

- Transporte em autocarro de Lisboa a Santarém, e volta.
- Passeio turístico no Ribatejo (visitas a grandes casas agrícolas e adegas — prova de vinhos).
- Almoço rústico em pleno campo.
- Festa no campo, com garraios, cavalos e campinos.
- Bilhete para a tourada.

Preço 295\$00

- Programa anterior com jantar, no qual tomam parte os toureiros do festival, com sessão de fados e exibição de ranchos folclóricos.

Preço 415\$00

Uma Organização:



Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — Telef. 4 21 85

Rua dos Caminhos de Ferro, 62-C — Telef. 86 85 88

PEÇA PROGRAMA

Tentativa nos EUA para bloquear auxílio a Portugal

WASHINGTON, 31 (R) — O senador republicano Clifford Case, de Nova Jersey, apresentou ontem um projecto de lei destinado a bloquear a futura concessão de auxílio a Portugal e a Bahrein até que a administração de Nixon resolva pedir ao Senado a aprovação de dois acordos executivos assinados recentemente e que preveem que os Estados Unidos continuem a utilizar bases militares nos Açores e no Bahrein.

O senador Case, membro da Comissão Senatorial dos Negócios Estrangeiros, disse apresentar a proposta com o carácter de uma emenda a introduzir num projecto de lei sobre auxílio estrangeiro ainda pendente de aprovação.

O Senado já aprovou uma resolução compulsória pedindo ao presidente Nixon que procure obter a aprovação do Congresso antes da entrada em vigor dos acordos.

A resolução pedia ainda que estes acordos fossem considerados como tratados, os quais precisam sempre de ser ratificados por dois terços do Senado, enquanto os acordos de carácter executivo não necessitam de ser submetidos ao Congresso.

Clifford Case anunciou ter resolvido apresentar agora um projecto de carácter compulsório porque a Secretaria de Estado o informou de que, após cuidadoso exame, resolvera não submeter os acordos à ratificação do Senado. Segundo Case, tal decisão é fundamentalmente anticonstitucional.

Ex-director da CIA confirma a tentativa de golpe no Chile

Continuação da pág. 1

A direita e a esquerda chilena defrontam-se no debate parlamentar iniciado depois das revelações do jornalista americano Jack Anderson quanto à intervenção da companhia de telecomunicações ITT nos assuntos interchilenos.

A oposição é de parecer que o governo de Salvador Allende aproveita a situação para brandir o espectro do golpe de estado, enquanto a esquerda vê confirmarem-se os receios que tinha manifestado várias vezes, sobretudo na altura das eleições, acerca dos objectivos da «campanha de terror» conduzida, segundo dizia, pela oposição.

Depois de ter vindo a denunciar há um ano, sem grande êxito, as ameaças de sedição da extrema direita, o governo conseguiu mobilizar a máquina judiciária, a que ninguém nega a independência, contra um determinado número de pessoas. Embora alguns acusados, incluindo Pablo Rodríguez, presidente do movimento de extrema direita «Patria e Libertade», conseguissem sair em liberdade sob caução, outros foram entregues à justiça militar, por infracção da lei de segurança interna do Estado.

Apesar de tudo, a direita

continua a afirmar que a tentativa de conspiração, denunciada pelo próprio presidente Allende, se destina a enganar a opinião pública e as forças armadas.

POR UM GOVERNO «AUTORITÁRIO»

Andrés Zaldivar, que foi ministro das Finanças no governo de Eduardo Frei, pretende que o jornalista Jack Anderson esteja a soldo da embaixada chilena nos Estados Unidos. Por seu turno, Pablo Rodríguez, mal saiu da prisão, acusou o governo de ser ele próprio um instrumento de sedição, na medida em que as autoridades cobrem com uma protecção benévola as actividades do movimento da esquerda revolucionária (MIR).

O jornal «Patria e Libertade» chegou a escrever: «Rejeitamos qualquer governo político-demagógico, rejeitamos mais ainda qualquer regime marxista, lutamos pela implantação de um governo autoritário, capaz de restabelecer a ordem».

Nesse contexto, segundo os meios especializados, não é de admirar que o governo de Unidade Popular tome precauções.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DAS EMPREITADAS DE CONSTRUÇÃO DE 90 FOGOS DO AGRUPAMENTO DE CASAS ECONÓMICAS DE CALDAS DA RAINHA

Em referência ao Anúncio publicado no «Diário do Governo» n.º 70 de 23 de Março de 1972 relativo ao concurso acima designado, informa-se que o Acto Público do Concurso se realizará pelas 15 horas e 30 minutos do dia 4 de Maio de 1972 e no local nesse Anúncio designado, devendo as propostas dar entrada no Fundo de Fomento da Habitação, Reparação Administrativa, até às 17 horas do dia 3 do mesmo mês e ano, ou até 1 hora antes do Acto do Concurso se forem enviadas pelo correio, sob registo.

Esclarece-se que o valor da base de licitação para a associação das empreitadas 1/A/72 + 1/B/72 é de 13 587 094\$00 e o valor da respectiva caução provisória a prestar é de 339 677\$40.

Fundo de Fomento da Habitação, em Março de 1972.

Pel'O PRESIDENTE

Tomás Ritto

Director dos Serviços de Obras

A MORTE DOS RAPTORES TURCOS E DOS REFÊNS

ANCARA, 31 — (R.) — São confusas e contraditórias as notícias dadas pelas autoridades turcas sobre a forma como três técnicos ocidentais e os seus raptadores do Exército Popular de Libertação da Turquia morreram ontem numa aldeia das montanhas, depois do esconderijo dos guerrilheiros ter sido cercado por forças do Exército.

Os observadores locais pensam que as diferentes versões apresentadas sobre o desfecho do drama constituem uma tentativa para evitar que os raptadores figurem como heróis, que preferiram suicidar-se a ser condenados.

Os três reféns que perderam a vida eram dois técnicos britânicos de radar e um canadiano, que tinham sido raptados no domingo da sua residência junto de uma área turca no Mar Negro, onde trabalhavam na instalação de radar. Os raptadores exigiam em troca da sua libertação três companheiros presos e condenados à morte por actividades terroristas.

O Ministro do Interior, segundo a rádio de Ancara, disse que as forças de segurança encontraram os corpos dos três reféns com as mãos amarradas atrás das costas e um tiro na cabeça, matando, em seguida, os dez guerrilheiros, durante uma troca de tiros na casa onde eles se escondiam.

No entanto, o vice-governador da província, Ismail Sucuro, tinha anteriormente declarado aos jornalistas que os guerrilheiros e os reféns morreram quando os raptadores dinamitaram a

casa, para não caírem vivos em poder das forças que os cercavam.

Uma fotografia dos corpos dos três técnicos foi mostrada aos jornalistas, mas pelo seu aspecto era impossível saber se tinham morrido em consequência de uma explosão ou atingidos a tiro.

Também continua confuso outro aspecto do drama relacionado com o advogado turco Senner Sadi, que aparentemente estava a servir de intermediário nas negociações com os guerrilheiros para salvar a vida aos técnicos britânicos.

Inicialmente foi anunciado que ele também tinha morrido na explosão, mas, mais tarde, foi dito que nada sofreu.

Este desfecho sangrento constituiu um pesado golpe para o Exército Popular de Libertação da Turquia, na medida em que vários dos seus principais dirigentes perderam a vida, incluindo Mahir Cayan e Cihan Alptekin, que já tinham fugido da prisão em Novembro, com mais três elementos, depois de confessarem várias actividades, incluindo o rapto e assassinio do conselheiro israelita, Ephraim Elrom.

Entretanto, as autoridades militares nesta capital, que se encontra em regime de lei marcial, ordenaram à Imprensa local que não publique notícias sobre o incidente na pequena aldeia perdida nas montanhas do norte, cuja população, constituída por 700 pessoas, tinha sido evacuada de suas casas quando começou o cerco.

VIOLENTA OFENSIVA NORTE-VIETNAMITA

Continuação da pág. 1

Em Fevereiro, a aviação americana efectuou 125 ataques a essa região a norte da zona desmilitarizada precisamente para tentar impedir a deslocação para o sul dos canhões de longo alcance. Nessa operação perderam-se 3 aviões a jacto e teriam sido destruídos 7 canhões de 130 milímetros.

A barragem de artilharia e foguetões começou cerca do meio dia e coincidiu com o movimento de tropas comunistas em torno de Camp Fuller e Camp Carrol, duas antigas bases americanas a noroeste de Quang Tri, actualmente ocupada por forças sul-vietnamitas.

Em vários combates nessa região os norte-vietnamitas sofreram 43 baixas e os sul-vietnamitas 15 mortos e 47 feridos.

Durante a noite travou-se também luta perto de Cammlu, uma capital distrital a leste das

duas bases e, segundo fontes militares, aquela cidade encontra-se gravemente ameaçada.

O bombardeamento mais cerrado foi, no entanto, dirigido contra Camp Charlie, uma base a norte de Cam Lo, atingida por cerca de mil granadas e foguetões. Segundo observadores militares esse foi o mais intenso bombardeamento feito contra um só alvo pelos norte-vietnamitas desde o início da guerra.

Este súbito recrudescimento das hostilidades no norte do país coincide com uma nova ofensiva comunista nas montanhas da região central. Travar-se ali vários combates terrestres e 300 foguetões e morteiros foram disparados contra posições governamentais junto à fronteira do Laos e do Camboja.

Vão ser enviados reforços de Saigão para aquela zona a fim de fazerem frente a esta nova ofensiva.

SINDICATO NACIONAL DOS ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 19.º dos Estatutos convoco a reunião ordinária da Assembleia Geral para o dia 17 do próximo mês de Junho pelas 20.30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1972/1974.

Se à hora marcada não estiver presente número de sócios que permita o funcionamento da Assembleia em 1.ª Convocação fica desde já marcada a reunião da Assembleia em 2.ª Convocação para o mesmo dia às 21.30 horas.

De acordo com o determinado nos números 1 e 2 do Artigo 1.º do Decreto n.º 51/72 de 10 de Fevereiro, só podem tomar parte na Assembleia Eleitoral os sócios que, no decurso dos 12 meses anteriores à data marcada para a realização da eleição, tenham pago as quotas a que estatutariamente se acham sujeitos e tenham exercido efectivamente a profissão.

Nos termos do recenseamento elaborado de harmonia com o referido Decreto encontra-se patente na Sede do Sindicato a lista dos sócios que podem tomar parte na Assembleia Eleitoral.

Aproveita-se a oportunidade para solicitar de todos os sócios a leitura atenta do referido Decreto n.º 51/72 de 10 de Fevereiro que veio publicado na íntegra, no Boletim Informativo N.º 1 (Janeiro, Fevereiro).

Lisboa, 30 de Março de 1972

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Lopes Peixoto



SABOTAGEM? — O Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugénio Sales dá os últimos sacramentos a um operário, ferido na explosão na refinaria Petrobras, em Duque de Caxias, perto do Rio. O Exército investiga as possibilidades da explosão, que causou de 2 mortos a 75 feridos, ter sido causada por sabotagem. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Brasil: dez mortos por explosão numa refinaria

RIO DE JANEIRO, 31 — (R) — Dez pessoas morreram e 75 ficaram feridas, muitas delas em estado gravíssimo, por terem explodido três depósitos de gás liquefeito numa refinaria perto desta cidade.

VARÍOLA: 15 MORTOS

BELGRADO, 31 — (ANI) — Há já 15 mortos na Jugoslávia em consequência da epidemia de varíola, pelo que todos os médicos e estudantes de medicina estão mobilizados para combaterem tal doença.

Segundo a agência noticiosa jugoslava Tanjug, a varíola teria sido trazida por um peregrino muçulmano que foi a Meca.

A Jugoslávia e a Albânia são os países da Europa com maior número de Muçulmanos.



EDUARDO RODRIGUES CARDOSO

FALECEU

Sua esposa, filha, genro e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu saudoso e querido marido, pai, sogro e parente e que o funeral se realiza amanhã às 10 horas, saindo o préstito fúnebre da Igreja dos Anjos para cemitério de FATAUNÇOS (Vouzela)

AGÊNCIA MARTINS
Tel. 57528

Novo êxodo judaico desta vez do Uganda

NAIROBI, 31 — (ANI) — Mais uma vez, o povo judaico está em êxodo. O presidente do Uganda, general Idi Amin, expulsou do país centenas de israelitas, acusando-os de actividades subversivas.

O embaixador de Israel no Uganda, Davir Laor, desmentiu as acusações, mas isso não serviu de nada, uma vez que o presidente Amin está decididamente a virar-se para os árabes.

Os observadores atribuem esta viragem a uma visita que o presidente fez em Janeiro à Líbia, onde assinou um comunicado conjunto com o coronel Gaddafi.

Na vizinha Tanzânia, onde o antigo presidente Milton Obote procurou refúgio depois de ser derrubado, disseram que os israelitas tinham auxiliado Amin a subir ao poder.

No entanto, Amin é muçulmano e decidiu não levar por diante a sua aliança com o povo judaico. Ainda há poucos dias desposou, pelo direito costumeiro africano e pelo direito islâmico a sua quarta mulher, Madina Majamba.

Os observadores não vêem muito bem como é que o Uganda será compensado do auxílio que perde ao expulsar os israelitas, mas suspeitam de que a Líbia está por trás desta manobra, certamente havendo prometido grande ajuda ao general Amin, que conta 46 anos.

O manifesto dos 33

«A Igreja Católica está a atravessar uma crise complexa de confiança e de autoridade».

Não se trata propriamente de uma novidade. O que é novo é a afirmação ser feita num manifesto divulgado por um grupo de 33 teólogos católicos progressistas, de sete países, incluindo a Espanha, a Holanda, a Alemanha e os Estados Unidos. Os teólogos criticam o Papa e os bispos da maneira mais directa possível, particularmente no que diz respeito ao exercício da autoridade Igreja.

«O governo da Igreja, que na altura do Concílio Vaticano II teve de enfrentar problemas novos e velhos e os resolveu com extraordinária eficácia, tem demonstrado neste período pós-conciliar a sua incapacidade para obter resultados concretos em sectores que demandam grande atenção e urgência, tais como a justiça e a paz no mundo, com particular incidência na crise do sacerdócio» — dizem os crí-

cos da hierarquia católica, os quais se queixam ainda da falta de liberdade dentro da Igreja, de sanções arbitrárias e a impossibilidade de se apelar, além do segredo em nomeações e a insistência no respeito à autoridade e obediência.

O manifesto é contestação pura da autoridade do Papa e dos bispos, atribuindo-lhes mesmo responsabilidade na crise que se acentua na Igreja duas vezes milenária. «O crédito da Igreja Católica está a dissolver-se de um modo inquietante. O Papa e os bispos, que são, de facto, os absolutos governantes da Igreja, concentram nas suas mãos, sem qualquer controle eficaz, todos os poderes legislativos, executivos e judiciais» — dizem os teólogos, que lançam por fim um apelo aos católicos para que resistam ao abuso da autoridade e protestem colectivamente.

O manifesto não é longo (duas mil palavras) e talvez seja cedo para medir o seu



NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

alcance, mas em Roma é considerado já como um dos golpes mais duros dos últimos tempos contra a hierarquia da Igreja Católica e um gesto quase comparável ao de Lutero. Seja ou não assim, trata-se em todo o caso de uma tentativa de mobilização da opinião pública numa altura em que a Igreja atravessa um período particularmente difícil, pois, anualmente mais de 2000 padres abandonam o sacerdócio.

LANUSSE: decisão irrevogável de organizar eleições em 1973

BUENOS AIRES, 31 — (ANI e FP) — O general Alejandro Lanusse, presidente da República Argentina reafirmou hoje que era «irrevogável» a decisão do seu regime de organizar eleições gerais em Março de 1973, e de entregar o poder aos vencedores dois meses após as eleições.

«Nem o terrorismo, nem os atentados nem os raptos, levarão o Governo a reconsiderar esta decisão», declarou o presidente Lanusse.

Ontem, o chefe de Estado argentino partiu para Bariloche, na região dos lagos, 1800 km a Sul da capital, onde se avistará com os oficiais superiores do exército dos Andes.

Entretanto, o jornal de Buenos Aires «La Razon», publica-

va ontem um comunicado, que julga ser dos raptos de Oberdan Sallustro, no qual se afirma que a «execução» do industrial fora adiada.

No entanto, o próprio jornal salienta que tem «sérias dúvidas quanto à autenticidade do comunicado».

A direcção da Fiat, a Polícia e o Governo não comentaram o suposto comunicado.

O VATICANO CONDENA

CIDADE DO VATICANO, 31 — (R) — A Rádio do Vaticano condenou a noite passada veementemente o rapto de Oberdan Sallustro, director executivo da subsidiária argentina da Fiat italiana.

No seu comentário, a Rádio

Católica disse: «Parece-nos mais do que apropriado exprimirmos as mais veementes críticas aos métodos de luta e coacções que estão em conflito aberto com o proclamado desejo de justiça social».

A Rádio do Vaticano prosseguiu os seus comentários exprimindo a esperança que «os angustiantes apelos, repetidamente feitos pelos familiares do rapta-

do e partilhados por todos os homens de boa vontade na terra, sejam ouvidos e promovida a libertação de um chefe de família».

No princípio da semana, círculos da Santa Sé informaram que o Santo Padre se encontrava em contacto com o Governo argentino numa tentativa para salvar a vida de Oberdan Sallustro.

BOM APETITE

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO
Telef. 2980535

(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES



TONI DOS BIFES

NÃO TEM
SUCURSAIS

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

ESTALAGEM D. SANCHO II ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÁMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

Restaurante Mondego

COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida da República, 29
LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias, convoco a Assembleia Geral a reunir na Sede deste Sindicato, no dia 14 do próximo mês de Abril, pelas 20.30 horas com a seguinte:

ORDEM DOS TRABALHOS

1. — Apreciar e votar uma proposta da Direcção sobre o aumento de quotas.
2. — Condições actuais da nossa Sede.
 2. 1. — Analisar a situação existente quanto a dificuldades de utilização e a falta de espaço para eficiente funcionamento dos serviços.
 2. 2. — Discussão de várias hipóteses para construção de uma nova sede.

Não havendo número legal de representantes presentes, é desde já convocada nova reunião, para o mesmo dia e local, às 21.30 horas, funcionando com qualquer número, ao abrigo do artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 30 de Março de 1972.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Ezequiel de Sousa

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



RESULTADOS DO SORTEIO REALIZADO EM 17 DE MARÇO DE 1972

PREMIADOS COM GARANTIA TOTAL VITALICIA:

- 1.º Prémio — José Joaquim Pereira Rica
R. Fernando Santos, 11 - 2.º, Dt. — Setúbal
- 2.º » Maria de Lourdes Carvalho
Calçada da Costa Branca, 60 - 1.º — Vila Franca de Xira
- 3.º » Romão Correia Lourinço
Vila Verde dos Francos — Alenquer
- 4.º » Arlindo Almeida da Silva
R. Pais Ramos, 15 - 3.º, Esq. — Reboleira — Amadora
- 5.º » Emília Fernandes Soares
Vila Maria Luiza — Xabregas
- 6.º » Manuel Joaquim Afonso
Av.ª D. Luis I, 33 - 1.º, Esq. — Alfragide
- 7.º » Francisco Lopes Serrano
R. da Oliveira, 9 — Beja
- 8.º » Manuel João
Espiche — Lagos
- 9.º » Adérito Nascimento Patrão
Av.ª Infante Santo, 48 - 1.º, Dt. — Lisboa
- 10.º » José Francisco Baptista
Avis
- 11.º » Carlos Manuel A. dos Santos
Estrada das Laranjeiras, 240 - 5.º-C — Lisboa
- 12.º » Diamantino Marques Diniz
Estrada de Alcochete, r/c, Dt. — Porto Alto — Samora Correia
- 13.º » Serafim Gonçalves Pires
Travessa da Lagoa, 34 — Guifões — Maia
- 14.º » João de Jesus Conchinho
Barragem da Régua — Régua
- 15.º » Manuel Mota
Terra da Varzea, Lote C - 2, 2.º, Esq. — Massamá
- 16.º » Vasco Borges dos Santos
R. Tristão Vaz, 22 - 5.º, Dt. — Restelo — Lisboa
- 17.º » Manuel Francisco Marques
Rua B Lote 7 - 1.º, Dt. — Corroios
- 18.º » Inácio Duarte
Esculca — Viseu
- 19.º » Rafael Domingos da Silva Coxixo
R. João de D. us, 21 - 3.º, Dt. — Pinhal Novo
- 20.º » Inês Manuel Rodrigues Mota
Rua Conde Castelo Melhor, 54 - 1.º — Pombal

PREMIADOS COM GARANTIA TOTAL DE 10 ANOS:

- 21.º Prémio — Cristilino Palma Silva
R. José Sipiiano Silveira Machado, 18, r/c — Queluz
- 22.º » Luiz Filipe Dias Cavica Pinto
R. Cidade de Santarém, 9 - 1.º, Esq. — Corroios
- 23.º » Américo Calado Lopes
R. da Oliveira, 48 - 2.º-B — Moscavide
- 24.º » Furtunato Mendes Pedro
R. Luis de Camões, 32 - 1.º — Cacém
- 25.º » António Luis Ramalho
Taveiro — Bredita
- 26.º » Alfredo Luiz Rocha
Rua dos Fornos — Póvoa de Lanhoso
- 27.º » José Alberto Diogo
R. Tristão Vaz, Lote 1561 - 3.º, Dt. — Restelo — Lisboa
- 28.º » Manuel Marques
Bom Sucesso — Aveiro
- 29.º » Joaquim Adriano Gomes
R. F. Lote, 6, r/c, Dt. — Olivais Sul — Lisboa
- 30.º » Carlos de Araújo Rosales Graça
R. Pedro Alexandrino, 31 - 2.º, Dt. — Lisboa
- 31.º » Adelino Barbosa Miranda
Contriz — Roris — Barcelos
- 32.º » Francisco de Oliveira Soares
Tr. do Senhor do Calvário, 23 — Perosinho — V. Nova de Gaia
- 33.º » Fernando Nogueira
Av.ª Panjim, 21 - 3.º, Esq. — Reboleira — Amadora
- 34.º » Narciso Gonçalves Panças
Rossio Marques de Pombal, 27 - 2.º — Estremoz
- 35.º » Ilídio Carvalho Bota
Algarvesol — Portimão
- 36.º » António Pereira
R. D. Maria Pia, 198, Porta 2 — Lisboa
- 37.º » Joaquim Esteves Lopes
Rua Nova — Mombeja — Beja
- 38.º » Manuel Cândido Grilo Balau
Rua Marechal Gomes Freire d'Andrade, 86 — Peniche
- 39.º » Francisco Peixoto Monteiro
R. Dr. António Mota Prego, 15 — Guimarães
- 40.º » Adriano da Cruz
R. M. 12, Musgueira Sul — Lisboa
- 41.º » António Andrade Rodrigues
R. António Maria Cardoso, 32 - 4.º, Esq. — Odivelas
- 42.º » Manuel Ferreira Saragoca
Bairros de Vale d'Oca — Aljustrel
- 43.º » Maria da Natividade Botelho
R. António José Almeida, 1 - 1.º, Dt. — Coimbra
- 44.º » Augusto Pires Cavaleiro
Ladeira dos Cavadas, 8 — Torre da Marinha — Seixal
- 45.º » José Silva Ventura Santos
S. João do Campo — Coimbra
- 46.º » Armandinho Palmela de Oliveira
Quinta do Ouveador — Palma — Alcácer do Sal
- 47.º » António Pina Abrantes Neves
Vivenda Gil Duarte, 9, B.º S.ª da Saúde — Catujal — Camarate
- 48.º » António José de Carvalho Ferro — Vila dos Frades
- 49.º » Maria Bárbara Laurencia Rodrigues Marques Viegas
Av.ª Dr. António Carvalho Figueiredo, 37 - 3.º, Dt. — Loures
- 50.º » Rosa da Conceição Martins
R. da Banharin, 147 - 2.º — Porto
- 51.º » Carlos Rodrigues Duarte
R. Condessa do Amial, 18 - 3.º — Coimbra
- 52.º » António da Cunha Sampaio
Alto da Bandeira — Creixomil — Guimarães
- 53.º » José Francisco da Graça
Quinta da Cabouca, lote 98 — Corroios
- 54.º » Helena Margarida Franco
Quinta dos 3 Bicos — Portimão
- 55.º » David Andrade Magalhães Barbosa
R. S. Tomé e Príncipe, 1, cave, Dt. — Beja

- 36.º » Humberto de Araújo Guerra
R. Alfredo Pimenta, 5, Bairro St.ª Cruz — Benfica — Lisboa
- 37.º » Angelina Pinto de Almeida
R. da Serpente, Vilar do Andorinho — Vila Nova de Gaia
- 38.º » Ventura António da Fonseca
R. da Presa — Valongo
- 39.º » Lucínio Ant. de J. Carvalho
Avenida Dias da Silva, 122 — Coimbra
- 40.º » António Fernandes dos Santos
Rua do Carmo, 65 — Viseu
- 41.º » Mário Liberto Francisco de Sousa
Alameda Infante D. Henrique, 7 - 2.º, Dt. — Odivelas
- 42.º » João Rosado Prates
Quinta da Comendinha — B.º da Comenda — Évora
- 43.º » Eduardo Fernando Freitas Miranda
Rua Actriz Adelina Abranches, 3 - 4.º, Dt. — Lisboa
- 44.º » António Maria Coelho Carvalho
Tramagal
- 45.º » Fernanda Cândida Costa
Vale das Mós — S. Fucundo
- 46.º » José da Silva Rosa
Rossio ao Sul do Tejo
- 47.º » Augusto Santos
R. Domingos Bontempo, 22 — Lisboa
- 48.º » Ramiro da Silva Teixeira
Av.ª Conde Valbom, 83 - 7.º — Lisboa
- 49.º » José Ferreira
S. Roque — Costa — Guimarães
- 50.º » José Manuel da Costa Marques
Vila Franca do Rosário — Oeste

PREMIADOS COM GARANTIA TOTAL DE 5 ANOS:

- 71.º Prémio — António Ferreira
Rua Narciso Ferreira, 3 — Esposende
- 72.º » Domingos Agostinho da Silva
Área do Boleão — Hortas de Vila Real de Santo António
- 73.º » Elisabette Castro Sá
R. N. Senhora de Fátima, 48 — Porto
- 74.º » Manuel Corrêira da Silva
Gandra — Trofa
- 75.º » Teófilo Costa
Rua Tomaz da Anunciação, 22 - 1.º, Esq. — Lisboa
- 76.º » Manuel Tavares Arêde
R. da Lapa, S/N.º — Albergaria-a-Velha
- 77.º » Mário Félix Dias
Maiorga — Alcobaca
- 78.º » Arnaldo de Oliveira
B. da Câmara, Bloco D, 4.º, Dt. — Laranj. de Fora — C. Piedade
- 79.º » Augusto da Silva Ferreira
Travessa de S. José, 7 — Pero Pinheiro
- 80.º » Silvério da Alegria Chaves
R. Lourenço Marques, 12, r/c, fr., Quinta S. Nicolau — Corroios
- 81.º » João de Almeida
Marques da Silva V. M. B., 10 - 1.º, Dt. — Lisboa
- 82.º » Manuel Inácio Furtiga
Baratã (Algueirão)
- 83.º » Dorindo Marques Gaboleiro
Zembojal Baixo — Sesimbra
- 84.º » Maria Xavi r Botelho Mourão
Rua Santa Maria, 66 — Chaves
- 85.º » Virginia Gomes de Oliveira
R. F. Lote 12 - 1.º, Porta A — Olivais Sul — Lisboa
- 86.º » António Pereira Calçada
Av.ª 5 de Outubro, 256, r/c, F. — Lisboa
- 87.º » António Alves da Silva
Bairro Vinha do Pinto — Samora Correia
- 88.º » José Nobre Marques
R. de Santo Amaro, lote 11, r/c — Lagos
- 89.º » José Manuel Quitano Romão
S. Bartolomeu de Messines
- 90.º » António Fernandes Almeida
Av.ª dos Bons Amigos, 6 - 1.º, Dt. — Cacém
- 91.º » José dos Santos Junior
Castro Marim
- 92.º » Alcindo Ferreira da Ponte
Bairro Américo Tomaz, 9, r/c, Dt., Bloco A — Viseu
- 93.º » Moisés Rodrigues Correia
R. Pinheiro Campanhã, 679 — Porto
- 94.º » Maria Adelaide Pereira da Cunha Lima
R. Cidade de Benguela, Lote 294-A, r/c, Dt. — Oliv. Sul — Lisboa
- 95.º » António Mendes Castanheira
Vivenda Acácio — Ponte da Silveira — Alverca do Ribatejo
- 96.º » Angelo Moreira Guimarães
Rua D. Afonso Henriques — S. João da Madeira
- 97.º » Marcos de Oliveira Martins
R. Victor Hugo, 10 - 2.º, Dt. — Lisboa
- 98.º » Madame Matisson
R. Alto da Maceira, lote 12 — Cascais
- 99.º » Delfim Pereira da Silva
Pedra Branca — S. João da Madreira
- 100.º » Saul Fernandes de Aguiar
R. Heróis de Mucaba, Let. A.F.R., 3.º, Dt. — B. Angola — Camarate
- 101.º » António Valentim Moreira Parra
Largo 28 de Maio — Castro Marim
- 102.º » Comandante João Gregório Bentes
Farragudo — Lagos
- 103.º » Alberto Nicolau
R. Dr. Silvestre Falcão — Castro Marim
- 104.º » Domingos Rosa
Bairro Regado, Bl. 12, Ent. 300 C/34 — Porto
- 105.º » Manuel Joaquim Godinho Figueiredo
Bairro das Bragadas — Póvoa St.ª Iria
- 106.º » Octávio José Maurício
Travessa d.ª Menezes, 9 - A — Évora
- 107.º » Maria das Dores Andrada Araújo
R. Cidade da Beira, lote 70 - 1.º A — Olivais Sul — Lisboa
- 108.º » Mariano José Oliveira
R. 1.º de Dezembro, 2 - 1.º, Dt. — Beja
- 109.º » António Ferreira Rodrigues
R. de Campolide, 417, r/c, Sete Rios — Lisboa
- 110.º » António d.ª Lima
Lugar da Estrada — Gonça — Guimarães
- 111.º » Fernando da Cunha Duarte Dias
R. do Vale, 16 - 3.º — Lisboa

- 112.º » Manuel Feliciano de Matos — Mata — Alenquer
- 113.º » Mário Simões Correia
Vale de Rios — Louçã
- 114.º » Joaquim de Castro
Travessa da Pedreira, 378, Porta 2 — B. da Liberdade — Lisboa
- 115.º » Eng.ª José Eduardo Fernandes Osório
R. D. Diniz, 16 — Estoril
- 116.º » Manuel Joaquim Assis Napita
Ribeira de Baco, 4 — Portalegre
- 117.º » Domingos Branco Guidões
Estação de Caminho-de-Ferro — Vila Viçosa
- 118.º » Elias Jorge
Figueiras — Pegões Velhos — Freguesia de St.º Isidro
- 119.º » Dr. António Cruz
Av.ª Uruguai, 26 - 5.º, Esq. — Lisboa
- 120.º » Fernando de Almeida Moedas
R. Aquiles Monte Verde, 32 - 3.º, Esq. — Lisboa
- 121.º » Francisco Coelho Lima
Lameirão — Pevide — Guimarães
- 122.º » José João Duarte
Bairro das Arcas — Mexilhoeira Grande — Portimão
- 123.º » Maximino de Oliveira Sousa
Estrada — Louredo — Paredes
- 124.º » Venâncio Fortes da Silva
R. Grão Vasco, 16 - 3.º, Dt. — Lavradio
- 125.º » Maria de Ascensão Sustelo Costa
Rua Praceta Lister Franco, 1 - 1.º — Faro
- 126.º » Augusto António
R. João Pereira Rosa, 16 - 3.º — Lisboa
- 127.º » Afonso Cunha de Aguiar
R. Padre António Vieira, 28, r/c, 2.ª Porta — Lisboa
- 128.º » António dos Santos Pepe
R. D. Afonso Henriques — Degolados — Campo Maior
- 129.º » Joaquim Mendes Domingues
R. dos Olivais, lote 46, cave, frente — Portimão
- 130.º » João Gouveia Ferreira
R. dos Soeiros — Alto dos Moinhos, Rua B, 3-A — Benfica - Lisboa
- 131.º » Olímpio Manuel Esteves
R. Aguiar, 175 - 1.º — Barreiro
- 132.º » Ilda de Jesus
Quinta dos 3 Bicos, 1.º — Portimão
- 133.º » Manuel da Silva Palma
R. do Touro, 41 — Beja
- 134.º » Mário Pereira Magalhães
Travessa da Rochousa — Canelas — Vila Nova de Gaia
- 135.º » Manuel Soares de Almeida
R. Joaquim de Almeida, 108 — Montijo
- 136.º » António Moreira Torres
R. Alfredo Bastos, 256 — Poço da Barca — Vila do Conde
- 137.º » Francisco Inácio Vargas de Castro e Sousa
Av.ª Vasco da Gama, Bloco 4 - 1.º, Dt. — Beja
- 138.º » Rodrigo Augusto Morcira
R. do Pilar, 160, r/c — Vila Nova de Gaia
- 139.º » Francisco Asdrubal Carvalho Neves
R. António Maria Jalles — Prédio Tralha — r/c, Dt.º — Alenquer
- 140.º » Inácio Guerreiro
R. Luiz de Camões — Alvalade — Sado
- 141.º » António Jorge Faria da Costa
R. Eng.ª Armando Magalhães, 577 — Ermesinde
- 142.º » Manuel da Silva Barbosa
R. Padre César, 72 — Canelas — Vila Nova de Gaia
- 143.º » Virgílio João Gomes Paulo
Av.ª Tomás Ribeiro — Viv. Paulo — Linda-a-Pastora
- 144.º » Francisca Isabel Mira Miradouro
R. Escrivão da Câmara, 5 — Évora
- 145.º » Luís António Mendonça Raposo
Bairro Nossa Senhora da Conceição, 55 — Beja
- 146.º » João Cavaco Correia
R. St.º António da Glória, 49, r/c, Esq. — Lisboa
- 147.º » Vítor Manuel Oliveira Quintão Martins
Estrada de Vale Mourão, lote 24, r/c, Esq. — Cacém
- 148.º » Zulmira Lopes Amorim
R. de Tânger, 1267 - 1.º — Porto
- 149.º » Maria Leonor do Espírito Santo Tavares
R. Alf. Carv. Pereira, lote 28 - 3.º, letra C - Oliv. Norte - Lisboa
- 150.º » Noémia Rosa Godinho
R. Cidade do Porto, 4 - 2.º, Esq. — Corroios
- 151.º » Serafim Augusto Lemos
R. Artilharia Um, 44 - A — Lisboa
- 152.º » António Portugal
Vivenda Portugal — Alto do Moinho — Corroios
- 153.º » António Manuel Silva
Nazaré — Sítio
- 154.º » José Martins Guerreiro
Bairro do Manuel Inácio — S. Bartolomeu de Messines
- 155.º » José Júlio Resende
Quinta da Murtinheira, lote 16 - 2.º, Esq. — S. ixal
- 156.º » Arsénio da Silva Sousa
Cheira — Penacova
- 157.º » José dos Santos Bravo
Oleiros de Azeitão — Azeitão
- 158.º » Pedro Paulo Martins
S. Mamede — Caldas da Rainha
- 159.º » Dr. Flávio Gomes
R. Passos Manuel, 100 - 1.º, Esq. — Lisboa
- 160.º » Alfredo Figueiras
Av.ª Alfredo da Silva, 17, r/c, Dt. — Barreiro
- 161.º » Colégio de Santa Doroteia, Centro da Mocidade Port. Feminina
Campo Grande — Lisboa
- 162.º » Manuel Simões Duarte
Vila Verde
- 163.º » José Maria Fernandes
R. D. João I, 131 — Guimarães
- 164.º » Manuel António Cabeça Pinto
Trav.ª da Alegria, 12 — Évora
- 165.º » Aires Azevedo de Almeida
Oliveira de Frades
- 166.º » João Baptista Cascatheira
Bairro Aparica, 1 — Beja
- 167.º » António Augusto Pereira
Paredes — Avanca
- 168.º » Faustino Bernardo
R. José Santos Pereira, lote 9, r/c, Esq. — Benfica — Lisboa
- 169.º » Francisco Rita
R. Afonso Albuquerque, 1.º, Esq. — Loulé
- 170.º » Francisco Gonçalves do Rêgo
Praça do Comércio, 109, 2.º — Braga

O mundo a seus pés ou a pequena história de um império (I.T.T.)

NOVA IORQUE, 31 (F.P.) — A sociedade «International Telephone Telegraph» — ITT — cujo nome é citado pelos jornais americanos há muitas semanas, é, sem dúvida, um exemplo típico desse novo género de empresa industrial aparecido nos Estados Unidos durante o último decénio cujas actividades se estendem aos domínios mais diversos.

Em pouco mais de dez anos, o volume de negócios da sociedade decuplicou passando de 811 milhões de dólares em 1960

para 7 biliões 345 milhões de dólares no ano passado. A receita desta expansão, a mais forte de todas as grandes empresas americanas durante o último decénio: comprar, comprar e comprar ainda. Durante estes anos a ITT não deixou de multiplicar as suas aquisições de sociedade, entre as quais a «Hartford Fire Insurance» causa actualmente debates no Congresso.

A ITT é ainda a oitava empresa dos Estados Unidos mas enquanto as actividades das que

a ultrapassam se concentram num único sector (automóvel para a General Motors, Ford e Chrysler, petróleo para a Standard de Nova Jersey, Texaco, Gulf e Mobil Oil, ordenadores para a IBM), as suas estendentes se em virtude das suas aquisições aos sectores mais variados.

O gigantismo da ITT pode medir-se em termos de fábricas e empregados: mais de 175 fábricas e laboratórios no estrangeiro (40 na Grã-Bretanha, 38 na Alemanha e 20 na França) e mais de 150 os Estados Unidos, 380 000 empregados trabalhando em 70 países sem contar com os representantes que andam a viajar duns para os outros. Tudo isto está agrupado em divisões, filiais, sub-filiais, formando uma imensa pirâmide à imagem do arranha-céus de vidro e aço que é a sede da sociedade de Park Avenue em Nova Iorque.

O gigantismo pode medir-se também pela variedade dos produtos que o grupo fabrica. A variedade é tal que uma pessoa pode sem sequer saber, passar uma boa parte do seu dia numa espécie de mundo da «ITT». Pode muito bem imaginar-se um homem de negócios vivendo nos arredores de Paris numa casa construída pela Levitt and Son, com um frigorífico saído da STK (Sociedade norueguesa) iluminado com lâmpadas Claude. Depois de ter ouvido as informações no seu rádio marca «Oceanic», telefonar graças a um aparelho fabricado pelo «material telefónico» à sua secretária diplomada de fresco pelos cursos Pigier, depois pegará no carro, equipado com travões produzidos por Alfred Tive GmbH e limpa-vidros fabricados pela SWF (alemã) para ir a Orly tomar um avião para Munique.

Ao chegar à capital bávara vai ao «Avis-Rent-a-Car» alugar um carro e segue para o hotel Sheraton-Munique. Depois de visto um programa de televisão num aparelho «Euroset» irá enviar via «ITT World Communications» um telegrama ao seu sócio americano. Neste momento, este na sua casa dos arredores de Chicago, também construída pela Levitt, está a

tomar o pequeno almoço com fiambre de «ITT Owaltny» (o nome verdadeiro do fiambre de Smithfield) e com pão da «ITT Continental Bakeries», isto enquanto vai lendo um livro publicado pela Bobbs-Merrill. Na sua frente, a esposa com um robe de fibra, matéria fornecida pela «ITT Rayonier», está a olhar através do vidro, fabricado a partir da sílica produzida pela «Pensylvania Glass Sand Corporation», a relva plantada pela O. M. Scott and Sons e mantida com os adubos da mesma companhia.

Ao mesmo tempo pensa no excelente jantar da véspera na «Kinzie Steak and Coup House» e que nessa noite poderá oferecer ao marido um prato congelado preparado pelos «Morton Frozen Food».

A enumeração poderia continuar por muito tempo pois as 20 empresas citadas são apenas uma parte das múltiplas filiais da ITT.

A extraordinária expansão da «ITT» deve-se largamente a um homem, Harold S. Green que preside aos destinos da companhia desde 1959. Rodeado por um conselho de administração de uns 20 membros dos quais metade são dirigentes do grupo e que conta individualidades como Eugene Black, antigo presidente do Banco Mundial ou John McCone antigo chefe da «Central Intelligence Agency», Green não hesita em trabalhar vinte horas por dia se for necessário.

Green está decidido a obedecer ao Departamento de Justiça de modo a não prejudicar o ritmo de crescimento da ITT. Assim, tem de vender muitas filiais do grupo, entre as quais a firma de aluguer de carros «Avis». Estas vendas vão render dólares que será necessário aplicar de novo. Os investimentos serão mais difíceis nos Estados Unidos na medida em que por efeito do acordo com o Departamento da Justiça as possibilidades de aquisição da ITT neste país ficarão seriamente limitadas. E possível que a ITT se volte de novo para a Europa, um dos seus terrenos de caça favoritos.

destinava-se apenas ao trânsito de peões.

A projectada e controversa auto estrada prolongar-se-á ao longo da margem do rio oposta à Ilha da Cité e a Notre Dame, a monumental catedral que é a personagem central de um dos mais famosos livros de Victor Hugo, «Nossa Senhora de Paris». É um cartaz turístico muito mais famoso e antigo do que a Torre Eiffel

A PONTE DAS ARTES VAI SER DEMOLIDA

PARIS, 31 (R) — A célebre Ponte das Artes, lançada sobre o rio Sena, em pleno centro de Paris, deve ser demolida em 1973, devido a um projecto para construção de uma nova auto estrada ao longo das margens do rio. A estreita ponte, construída por ordem de Napoleão, um pouco abaixo de Notre Dame,

OBJECTIVO DE GIEREK:

Dar satisfação aos trabalhadores

VARSOVIA, 31 — (FP) — A dieta polaca saída das eleições de 19 de Março teve a sua primeira sessão.

O Parlamento elegeu um novo «marechal» (presidente), Stanislaw Gucwa, de 54 anos, presidente do Partido camponês, renovando também o Conselho de Estado composto por 17 membros, à frente do qual ficou Jablonski, de 63 anos, membro do gabinete político do Partido e ministro da Educação Nacional.

A dieta manteve como primeiro ministro Piotr Jaroszewicz, que é conhecido como um estreito colaborador de Edward Gieriek.

As diversas remodelações hoje ocorridas dão a impressão de que Gieriek continua prudentemente, mas com firmeza, a rodear-se de personalidades que lhe são fiéis afastando aquelas cujo tempo passou já, ou as que não se quiseram actualizar.

Agindo como chefe do país, o primeiro secretário do Partido pronunciou perante os deputados um discurso visivelmente dirigido à população.

«Queremos dar satisfação aos trabalhadores, aos operários e aos camponeses melhorando a justiça social. Para o conseguir é necessário que a disciplina do trabalho se acentue em toda a parte», afirmou.

Gieriek preconizou uma luta sem quartel contra o «conservantismo democrático», afirmando que era necessário reformar a administração, desenvolver a democracia socialista e reforçar os poderes de controle da dieta.

«Objectos» no espaço: cepticismo

JODRELL BANK (INGLATERRA), 31 — (ANI) — A notícia assim divulgada pela agência Tass de que astrónomos soviéticos descobriram «objectos» desconhecidos do espaço sideral, causou uma reacção de interesse, embora um tanto céptico, entre os astrónomos do observatório de Jodrell Bank.

Um informador do observatório disse que Ivan Mosieyev, o astrónomo soviético que explicou esta descoberta à agência russa em Moscovo, «muito com-

petente» e de modo nenhum louco.

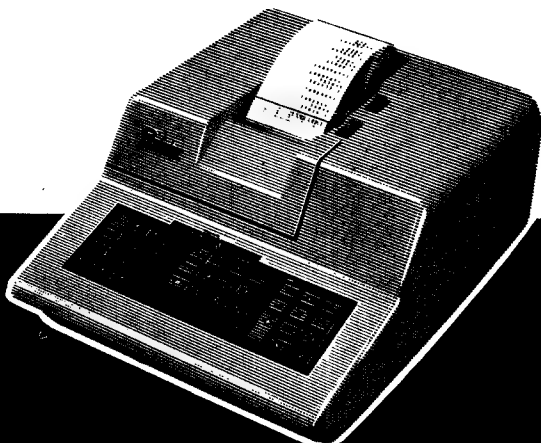
«Mas é difícil admitirmos que esses objectos sejam desconhecidos, tal como ele afirma» — salientou o informador.

«Já foram registadas mais de dez mil fontes de energia de rádio, e apenas 500 estão identificadas. E caso para perguntarmos se estas não serão exactamente algumas das que estão por identificar».

E concluiu dizendo: «Vamos certamente aguardar até que surjam mais pormenores».

Precisa CALCULADORA electrónica
MODELO 370

alta velocidade de impressão e silêncio de funcionamento



Grças à sua banda impressora ela permite ler instantaneamente os factores e os resultados dos cálculos mais complexos. As suas 5 memórias fazem dela um instrumento de trabalho com múltiplas possibilidades. Para as exigências menos ambiciosas, o modelo 374, dotado de 3 memórias, serve perfeitamente.

Por outro lado, a Precisa apresenta igualmente uma gama completa de somadoras manuais e eléctricas e calculadoras eléctricas-impressoras completamente automáticas para as 4 operações, a preços módicos. As calculadoras Precisa são fabricadas na Suíça com a mesma precisão e meticulosidade com que se fabricam os cronómetros e são vendidas em Portugal com a garantia e a assistência técnica dos seus representantes exclusivos.

ESTABEL. M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
Lisboa-Porto-Aveiro-Braga-Beja

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo do Notário Luís Martins de Campos Ferreira

CERTIFICO: para efeitos de publicação que por escritura de quinze do corrente, escutada de folhas setenta e sete verso, a folhas oitenta e duas verso, do livro para escrituras diversas número D-dois mil quinhentos e cinquenta e seis, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO: A sociedade adopta a denominação de «Intermobel-Móveis Modernos, Limitada», vai ter sede e estabelecimento em Lisboa, freguesia de São Domingos de Benfca, na Estrada da Luz, números cento e dezasseis-B e cento e dezasseis-C, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

ARTIGO SEGUNDO: O seu objecto é a fabricação de equipamentos ou quaisquer produtos para a construção civil, nomeadamente mobiliário estandardizado, portas especiais, divisórias amovíveis, tampos para mesas e secretárias, estruturas ligeiras para a construção de edifícios, serralharias e carpintarias em geral, estofos, a importação de móveis e ferragens, bem como qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e não dependa de autorização especial.

ARTIGO TERCEIRO: O capital social é de um milhão e duzentos mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa social, e representado pelas seguintes quotas: uma de duzentos mil escudos do sócio Antunes, uma de duzentos mil escudos da sócia Luíza Alice Pereira Ryder da Costa; uma de duzentos mil escudos do sócio João Rebelo Balseir, uma de duzentos mil escudos, do sócio Manuel Idalécio Esteves; uma de duzentos mil escudos da sócia - Interpares - Sociedade de Produtos Químicos para Construção Limitada; uma de cinquenta mil escudos do sócio Victor Fernando da Costa Panaca; uma de cinquenta mil escudos da sócia Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado; e uma de cem mil escudos, do sócio João Ferreira de Almeida Meleças.

ARTIGO QUARTO: É dispensada a autorização da sociedade para a cessão de quotas, no todo ou em parte, a favor de um associado e para a divisão de quotas por herdeiros de sócios. A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com o consentimento da sociedade.

ARTIGO QUINTO: Todos

os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem retribuição, conforme for deliberado em assembleia geral, e para que a sociedade se considere obrigada é necessária a intervenção de dois gerentes, podendo os actos de mero expediente ser assinados só por um.

ARTIGO SEXTO: Pode a sociedade conferir a estranhos poderes de gerência e pode também qualquer sócio-gerente delegar em quem entender os seus poderes de gerência e de representação social, por meio de procuração.

ARTIGO SÉTIMO: Dado o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os restantes sócios e com o representante do sócio interdito ou os herdeiros do sócio falecido, salvo se estes preferirem afastar-se da sociedade.

Neste caso proceder-se-á a balanço e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito receberão o que se apurar pertencer-lhes por tal balanço, que lhes será pago em quatro prestações semestrais, iguais e sucessivas, sem vencimento de juros, amortizando-se assim a quota.

PARÁGRAFO ÚNICO: Enquanto a quota estiver indivisa, aqueles herdeiros serão representados na sociedade por um só deles entre os mesmos escolhidos.

ARTIGO OITAVO: Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos. É certidão que fiz extrair e declaro que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, dezassete de Março de mil novecentos e setenta e dois.

O ajudante - (a) Georgette Simões Barata

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN auditório dois

3.ª feira, 4, às 18,30 h.

Recital de violino e piano

GERARDO RIBEIRO / MARIA JOÃO PIRES

PROGRAMA: BEETHOVEN: Sonata em lá menor, op. 23 * STRAVINSKY: Divertimento * MOZART: Sonata em fá maior, K. V. 376 * BRAHMS: Sonata em ré menor, op. 108.

Preço: 30\$00 * 50% de desconto a estudantes
A bilheteira estará encerrada nos dias 1 e 2 de Abril
GRUPO A — M/ 6 anos

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA

S. A. R. L.

Capital: 450 000 contos

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 104-4.º LISBOA

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 1 de Abril, se encontram a pagamento os seguintes cupões:

Obrigações de 5% — 1960 — 2.ª Emissão — Cupão n.º 23
Obrigações de 5% — 1961 — 3.ª Emissão — Cupão n.º 22

O valor do juro é assim discriminado:	Obrigações ao Portador	Obrigações ao Portador Registradas
Juro líquido	25500	25500
Impostos	8595,24	3549
Juro líquido	16904,76	21551

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Comunica-se aos Senhores Obrigacionistas que conforme foi anunciado foram sorteadas 1710 obrigações de 5%, 1960 2.ª Emissão e 2190 obrigações de 5%, 1961 3.ª Emissão, que a seguir se discriminam, para amortização em 1 de Abril próximo, data a partir da qual deixam de vencer juro. Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números.

Obrigações de 5% — 1960 — 2.ª Emissão
9.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 23)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO									
50003	50258	50419	50619	50741	50924	51001	51189	51295	51428
50005	50274	50443	50629	50766	50932	51005	51223	51299	51429
50055	50292	50452	50638	50782	50944	51033	51226	51303	51430
50086	50297	50459	50677	50791	50951	51095	51232	51323	51448
50107	50299	50484	50706	50797	50973	51099	51247	51334	51464
50152	50300	50511	50709	50805	50974	51125	51257	51355	51483
50188	50346	50547	50710	50828	50983	51128	51259	51358	51486
50201	50360	50607	50711	50843	50984	51170	51265	51363	51499
50218	50365	50617	50732	50897	50994	51178	51287	51380	51525

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

53336	53621	53866	54256	54821	55186	55511	56051	56276	56856
53436	53621	53971	54411	54936	55221	55686	56056	56281	56911
53476	53706	54041	54606	54966	55241	55826	56096	56756	56931
53491	53801	54161	54691	55046	55341	55861	56146	56831	56941
53541	53811	54206	54701	55166	55486	56031	56221	56846	57036

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

62461	62921	63801	64251	64511	65641	65951	66471	66871	67191
62581	63241	63991	64261	64731	65431	65661	66501	66931	67231
62851	63651	64011	64311	64791	65451	65751	66151	66781	67031
62871	63771	64171	64491	65201	65561	65931	66411	66851	67041

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

73601 73941 74141 74601 74941

Títulos de Sorteios Anteriores por Reembolsar

2.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 9)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
35289

3.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 11)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
52312

4.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 13)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
52313 52361

5.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 15)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
53280 53293

6.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 17)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
53279

7.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 19)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
51355 51622 51701 52165 53300
51607 51635 52160 52176

Obrigações de 5% — 1961 — 3.ª Emissão

10.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 22)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

75017	75190	75311	75497	75697	75799	75908	76046	76204	76351
75038	75202	75316	75534	75700	75811	75911	76049	76231	76372
75070	75210	75317	75547	75707	75824	75934	76062	76232	76394
75077	75220	75325	75560	75719	75830	75942	76064	76240	76416
75094	75225	75337	75561	75720	75833	75957	76072	76255	76419
75105	75240	75355	75564	75735	75843	75960	76078	76279	76427
75137	75243	75357	75577	75739	75847	75976	76138	76288	76456
75147	75249	75340	75599	75742	75851	75993	76140	76293	76463
75154	75255	75441	75631	75754	75880	76004	76144	76303	76468
75159	75260	75445	75638	75756	75897	76009	76167	76322	76481
75165	75263	75452	75662	75769	75900	76019	76180	76327	76504
75184	75282	75460	75683	75780	75901	76021	76193	76328	76518
75189	75296	75468	75685	75785	75903	76035	76200	76336	76530

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

78481	78891	79166	79696	80251	80566	80816	81336	81691	81906
78511	78926	79381	79731	80261	80676	80851	81376	81701	82046
78551	79001	79491	79761	80276	80681	80871	81426	81706	82076
78626	79006	79501	79851	80331	80756	80896	81461	81726	82091
78641	79101	79596	80001	80436	80766	81086	81591	81761	82466
78711	79106	79651	80061	80431	80771	81106	81606	81786	82541
78746	79111	79666	80091	80491	80786	81281	81661	81851	82551

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

87371	87951	88291	89201	89681	89881	90211	90501	90851	91661
87461	88071	88821	89261	89711	89951	90271	90531	90981	91761
87671	88181	88861	89431	89721	89971	90291	90541	91201	91851
87851	88231	88871	89631	89871	89981	90481	90611	91561	91891

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

98621 98861 99061 99341 99421 99941

Títulos de Sorteios Anteriores por Reembolsar

3.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 8)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
75409 75413

4.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 10)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
75412

5.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 12)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
91841

6.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 14)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
77532 77881

7.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 16)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
75411 78154

8.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 18)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
75806 76803 77618 78163

9.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 20)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO
81356 84781 86911 86916

9.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 20)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

75259 75525 76170 77370 77807

75305 75699 76660 77422 78160

75464 75702 76796 77545

75523 76147 77301 77621

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

79066 80966 82666 82966 84376 85901

80086 80996 82686 83346 85396 86381

80721 81756 82761 83871 85406 86441

80726 82596 82796 83886 85416 86901

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

90821 90881 90921 96841 96971 97091 98111

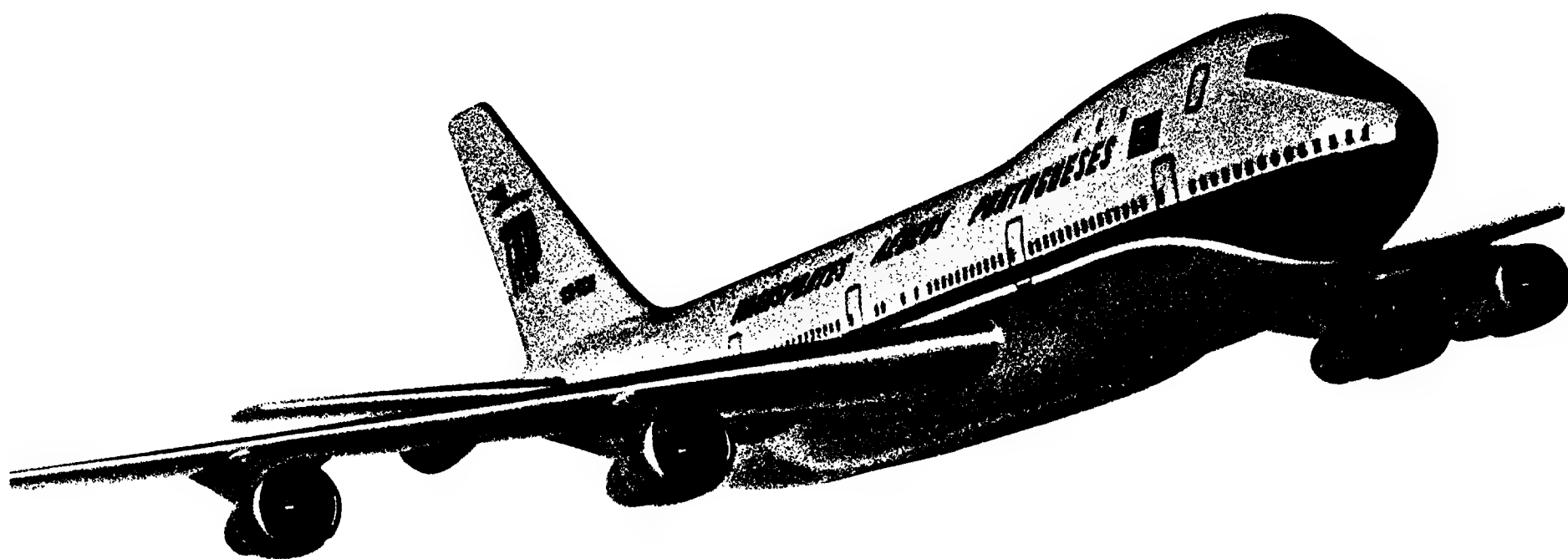
90831 90891 90991 96951 97001 97101

O reembolso das obrigações sorteadas e o pagamento de juros serão efectuados nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
— BANCO DE FOMENTO NACIONAL
— BANCO DA AGRICULTURA
— BANCO DO ALENTEJO
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FONSECAS & BURNAY

— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO PINTO & SOTTO MAIOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— BANCO TOTA & ACORES
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
— CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Uma nova era,
a era do... **747-B**



Para a **AMÉRICA DO NORTE**

e a partir de hoje, a TAP

põe ao seu serviço

o Boeing 747-B

a mais moderna aquisição

que uma companhia de aviação comercial
pode fazer.

Os nossos passageiros, a nossa

tripulação, o nosso serviço

merecem um 747-B

SOMOS UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

Benfica-Bayern, em Paris: para jogar ou cumprir?

Que interesse poderá ter para o Benfica o jogo de domingo em Paris frente ao Bayern, de Munique? Talvez que a mesma interrogação se possa colocar perante a turma alemã, que tal como a do Benfica, joga três dias depois a continuidade da sua presença numa competição europeia.

Ora um Benfica sem Simões e Rui Rodrigues, castigado por uma temporada de sucessivos jogos e com um «4.ª feira europeia» de arrepios à sua espera, vai a Paris tentar dar uma alegria a todos os portugueses, benfiquistas ou não, que por lá labutam e nunca conseguiram ver o seu Benfica a ganhar e a exibir toda a gama dos seus vastíssimos recursos.

Primeiro, foi contra o Ajax (o de agora) num malfadado terceiro jogo em que os holandeses acabaram por derrotar com amplitude um Benfica que nunca se encontrou. Depois sucedeu com o Sporting (o ano passado) em que, contrariando todas as previsões, os «Leões» regressaram do Estádio de Collom-

bes com um concludente e saboroso triunfo.

O Benfica, por tudo isto, está em dívida para com os portugueses de França: mas, seria esta a melhor altura para a pagar? Já deixámos transparecer que não: olhando para o adversário que vai ter pela frente essa ideia to-

para resistir a isso? Uma dúvida curiosa, à qual certamente irão responder os benfiquistas, domingo em Collombes e quarta-feira em Amesterdão.

O Benfica deixou Lisboa hoje de manhã, às 10 horas, e seguiram viagem os seguintes jogadores: José Henrique,

(instituída pela Agência Mercury) e salienta o interesse público pela partida Benfica-Bayern. Começaram já a chegar a Paris comerciantes portugueses que, de malas (às costas, meteram caminho á capital para vero o Benfica. Tudo a postos, portanto, para assistirmos a uma grande festa portuguesa, no domingo, em Collombes. Fiquemos na esperança de que o Benfica também saiba colaborar.

Refira-se, como curiosidade final que quase toda a equipa do Ajax estará em Paris para espiar os «encarnados» juntamente com o seu treinador. Apece dizer: homem prevenido vale por dois...

Entretanto, uma notícia: Gerd Mueller, vedeta da selecção alemã, revalidou o seu compromisso com o Bayern, até 1975. Recebera uma tentadora oferta de transferência para o Feyenoord, de Roterdão, no valor de 16 mil contos. Mas decidiu-se pela continuidade na sua terra. Quanto terá isso custado ao Bayern?

Por CARNEIRO JACINTO
nosso enviado especial

ma ainda maior consistência. Um Bayern ambicioso, com Beckenbauer a comandar as linhas atrasadas e Muller a desferir galopadas em direcção á area contrária, vai até Paris. Não vamos pensar que se irá «esfarrapar», correr todo o campo, tentar ganhar cada lance: agora do que podemos estar certos é de que irá causar grande «mossa». O futebol alemão é duro, atlético, taticamente disciplinado e, sobretudo, desgastante.

O Benfica, nesta altura da época, já terá poucas forças

Fonseca, Artur, Humberto, Coelho, Zeca, Messias, Adolfo, Toni, Eusébio, Vitor Martins, Jaime Graça, Diamantino, Artur Jorge, Néné, Jordão, Vitor Baptista, Eurico, Barros, Sarmento e Alves. Acompanham a equipa Jimmy Hagen, o médico dr. Vieira da Fonseca e o massagista Hamilton Marques da Pena.

Em França, o entusiasmo pelo encontro sobe de hora a hora: a Imprensa francesa comenta a tentativa de furto da «Taça Marcello Caetano»

LIVRE E DIRECTO

a colaboração de CAGICA



Judas 72

A receita é a seguinte: arranjar palha ou papel de jornal (mas atenção na escolha) e com ele encher roupas velhas obtendo assim um boneco. Em seguida regá-lo bem gasolina, chegar-lhe um fósforo (de preferência, de madeira) deixar arder um bocadinho até ganhar aquele aspecto apetitoso dos reclames da margarina e depois cada pessoa e depois cada pessoa munida da sua «ferramenta» (varapau, vassoura, cana de pesca, barrote, ect...) dá-lhe até farta. E assim se queima Judas em muitas terras, nos dias que passam. Acontece esta cerimónia impressionante ao meio dia de sábado de Aleluia. Ora bem. Há dias surgiu-me uma ideia daquelas bizarras e agarrei-a logo. Vejam só para o que me havia de dar. Fez-se o festival da Canção (cá e na Europa) fez-se a eleição dos reis da rádio, fez-se a eleição das misses, umas autênticas bonecas... Ora:

bonecas, bonecos, Judas... E isso! Porque não a eleição do Judas 72? Lancei a ideia e recebi montanhas de boletins. O computador do Deodato entrou em acção e apurou-se o que se esperava. Para a final foram apurados três concorrentes (há coisas curiosíssimas!) na maioria foram indicados por outras tantas zonas distintas: Luz, Alvalade e Antas. O candidato indicado pelos nortenhos é um senhor careca, ggrande apaixonado da ginástica, que embarcou há pouca para o Brasil e não poderá por isso estar presente á cerimonia. Para os benfiquistas o candidato é o antipático treinador Happel (aqui para nós, é ele que deve ganhar) enquanto para os sportinguistas o candidato é... imaginem quem. Não me digam que não sabem! Ora nem mais. Eu já sabia que acertavam...

Ah, já agora, não os reguem com super. Sempre fica mais barato...

FUTEBOL É NOTÍCIA

ACADÉMICA: um grupo de simpatizantes da colectividade promove, no próximo dia 3, pelas 19 e 30, um jantar de confraternização com os «estudantes-futebolistas», para os incentivar á fuga da cauda da classificação no campeonato nacional.

LEIRIA: o União prossegue nas práticas futebolísticas. Mas, após reunião magna dos seus associados, foi deliberado enviar a diversas entidades oficiais telegramas de protesto contra as arbitragens que, no entender dos apaniguados do União de Leiria, têm prejudicado sistematicamente o clube nos campeonatos oficiais.

AMÉRICA: o italiano Helenio Herrera Júnior (20 anos, filho do treinador do Roma) e o brasileiro Chinesinho (que alinha de momento no Lanerossi, de Vicenza) vão jogar no Cosmos, de Nova York. Herrera-filho tem estado a jogar no Real Madrid.

VISEU: complicado imbróglio com os árbitros do distrito. A Comissão Regional discordando da não irradiação de Raul Jorge Correia da Silva (futebolista de Satão que agredira um juiz) não nomeia árbitros para os jogos oficiais...

POITIERS: o juniores do Futebol Clube do Porto e a equipa alemã do Essen disputam amanhã a final do torneio local.

FAUSTO: o extremo-esquerdo de São Tomé e Príncipe assinou contrato com o Benfica por três anos.



Vem aí o ciclismo

A equipa da Coelima, lá pelo Norte, treina diariamente com vista á época que se aproxima: a «Volta» (lógicamente) é objectivo máximo

O TOTOBOLA E O ADIAMENTO DOS JOGOS COVA DA PIEDADE-SEIXAL E BARCELONA-REAL MADRID

De harmonia com o art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos, e como é já do conhecimento público, por terem sido adiados os jogos Cova da Piedade-Seixal e Barcelona-Real Madrid, incluídos no calendário do concurso n.º 30, os resultados

a considerar na «chave» daquele concurso serão obtidos por sorteio.

Este sorteo é público e efectua-se no domingo ás 11 horas, na Sala de Escrutínio dos Serviços Centrais do Totobola.

PORTUGAL-ITÁLIA EM RÂGUEBI

Se vencermos, é milagre?

Como oportunamente noticiámos, realizou-se na sede da Federação Portuguesa de Râguebi uma reunião entre os directores e elementos dos órgãos informativos, que visou (sobretudo) esclarecer o público do que tem feito a selecção nacional que vai defrontar a Itália no jogo da segunda «mão» da primeira eliminatória do «Torneio das Nações», e dos projectos daquela direcção no fomento e diversificação da modalidade.

Se, no que se refere ao primeiro aspecto, muito de negativo se afirmou, o mesmo já não se poderá dizer do segundo ponto dos trabalhos, que foi seguido com pleno agrado e interesse

Nas MERCÊS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Ruivinho, Largo da Presa.

por parte de todos os presentes. Vejamos, por partes: a selecção nacional de râguebi foi a Itália empatar a zero com a sua congénere romana. Da satisfação natural que todos os amantes do râguebi terão sentido com esse resultado passou-se rapidamente para o pessimismo: e, quando a equipa regressou a Portugal, logo se tratou de dizer que o resultado tinha sido enganador, que os italianos tinham sido superiores e que só um falhanço tático do nosso adversário tinha permitido alcançar tão airoso resultado. E, afinal, qual tinha sido o papel do «quinze» português? Pois bateu-se bem, compriu á risca tudo o que estava combinado, nunca virou a cara á luta e acabou por fazer jus ao empate final. Que mais seria (então) necessário para que se regressasse confiante? Sincera-

mente (e já tivemos oportunidade de o afirmar publicamente) não sabemos e não compreendemos.

Pois na reunião que a Federação realizou, o assunto voltou á baila e logo Luís Miramon (seleccionador nacional) fez questão de dizer: «Somos desportistas especiais, não fazemos estágios porque somos amadores, não temos Meirins nem os queremos, e toda a massa do râguebi pertence a uma camada social que não se pode comparar com outra qualquer». Apecebendo-se do «perigo» que aquelas palavras poderiam produzir, logo o cor. Simonneti e o dr. Vitor Gonçalves intervieram na discussão, para esclarecerem os presentes de que não seria bem assim e que Luís Miramon não teria dito bem isso. Mas, nessa altura, já Miramon não estava na sala: ocupado com outros afazeres tinha-se despedido, afirmando que Portugal tem poucas hipóteses de eliminar a Itália, porque os italianos agora já não caem no mesmo erro e, para além disso, Cardoso Pinto e Minhoto estão lesionados e não podem constituir o bloco que já estava mais ou menos estruturado.

O problema ancestral da selecção tem sido este: na altura da derrocada ninguém quer assumir com a responsabilidade. Senão, veja-se: Luís Miramon escolhe os jogadores, o dr. Pedro Cabrita treina esses jogadores (segundo a sua maneira de ver râguebi) quem alinhará é Luís Miramon que o diz, mas como joga tem forçosamente de ser Pedro Cabrita: pois ele é que treina e dirige dentro de um esquema previamente estabelecido por si próprio. No meio disto tudo, quem se pode salvar? O râguebi não: e, muito menos uma selecção nacional, que necessita de cabeça fria e juízo único. Daí que os desentendimentos dentro da própria equipa técnica tenham sido

DOMINGO DE PÁSCOA

na

ADEGA MESQUITA

SERVE-SE O TRADICIONAL JANTAR DA PÁSCOA,

com fados pelo seu conjunto privativo
Devido á solenidade do dia de hoje, apenas se servem almoços.

Reserve a sua mesa para o
DOMINGO DE PÁSCOA

Rua Diário de Notícias, 107 — Telef. 32 83 07 - 36 20 77

AUTORÁDIOS EM RECLAME

INCLUINDO INSTALAÇÃO E MONTAGEM, A PARTIR DE
990\$00

tv pronto - RUA DA QUINTINHA, 72 A - Tels 690102/3 - Lisboa

VOLEIBOL

NACIONAL TRAVA INVENCIBILIDADE DOS "ENCARNADOS"

Face a face, as duas melhores equipas de voleibol da região de Lisboa. Dum lado, o Benfica, o único dos grandes clubes da capital que mantém a prática da modalidade. Do outro, o Nacional de Ginástica, alfobre de jogadores de eleição, hoje (talvez) o melhor conjunto de todo o país. A galeria do ginásio do Liceu de Oeiras, registou número pouco vulgar de assistentes: nada menos de 104. Certo que era um encontro com interesse. Mas jogos decisivos, com atletas e árbitro por público, são o pãozinho de há muitos anos.

A persistir o alheamento do Técnico (acabaram-se as veteranas «palmadinhas» na bola...) quando os «carolas» do Nacional e do Lisboa Ginásio baixarem os braços esgotados pelo penar de anos a fio, o Benfica (bem organizado e sem problemas económicos) jogará então umas partidinhas em família: equipa A contra B. Por enquanto, porém, a resistência que vem da Parede obrigará os «encarnados» a irem

dobrando os joelhos, emperrados pelo pouco uso. Valha a verdade que se nota na turma do Benfica a falta do seu técnico de muitas épocas: Nuno de Barros. Com a equipa a perder por 14-11 no «set» decisivo, os suplentes não podem enervar daquela maneira os camaradas que estão em jogo. Que o diga o Jorge Capela, atraído no momento decisivo pelos nervos que vinham de fora. Para além disso entra pelos olhos, dentro

a deficiente condição física do «seis», aflitiva no excelente Carlos Figueiredo. Depois, aquele «golpeito de teatro»: quando tudo estava perdido entra na equipa o «internacional» Vítor de Carvalho, tão irreconhecível como o anónimo «Rodrigues», com que se anunciou no boletim do jogo, (Porquê?).

No Nacional, tudo muito certo: até a «cabecinha fria» que nunca houve. Plácido Martins revelou orientação atenta ao substituir Vítor Pimpão (em muito má forma) pelo surpreendente (e magnífico!) Manuel Andrade. Como jogador, Plácido fez esquecer Manuel Pires: um espanto a levantar, a servir, a defender! Foi (sem qualquer dúvida) o mais «jovem» de todos os jogadores em campo. Boa também a actuação do promotor António Resende.

Dos árbitros convocados apareceu só um, o que já não foi nada mau. E até que nem esteve mal, o sr. Machado Ben-

to, errando apenas por falta de bom auxílio. Malzinha esteve parte da assistência, com os inevitáveis meninos pouco educados a fazerem das suas. Tropelias a que o vigilante Dias pôs termo, com a paciência de muitos anos de prática.

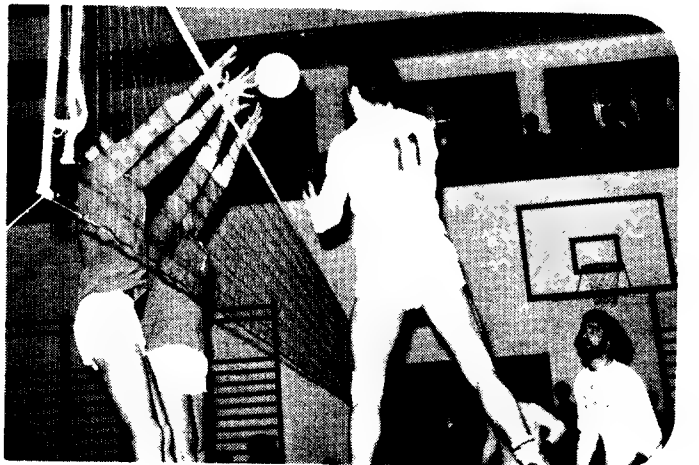
Agora, quem quiser mais, que espere pelo Campeonato Nacional: que é muito capaz de não ser o «passeio habitual» da equipa do F.C. Porto. Este, o regional, lisboeta já é do Benfica: que, batido em Oeiras (por 3-2) tem vantagem no jogo da primeira volta, em que venceu por 3-0.

Antes de terminar, um pormenor: perto da uma da manhã, com o ginásio vazio, o dr. Jacquet (que já deve ter desempenhado no clube da Parede todos os cargos possíveis) conta as bolas e procurava uma que estava em falta...

Que se registre para exemplo daqueles senhores dirigentes a quem caíram por certo «os parentes na lama».



Plácido orienta quebrada a invencibilidade do Benfica.



Vilar Moreira à rede: remate amortecido no chão «encarnado»



Nacional-Benfica: quem disse que a juventude não gosta de voleibol?

Andebol

SPORTING EM AVEIRO

Depois da interrupção motivada pela presença da equipa nacional no Torneio Pré-Olimpico, volta o campeonato nacional, com os jogos que tinham ficado em atraso: Belenenses-Porto, Académico-Almada e Beira Mar-Sporting.

Para qualquer das equipas os encontros são de grande interesse: no que respeita especialmente às primeiras posições. Tanto para o Porto, como para o Almada, a esperança de que os «leões» possam ser derrotados (em Aveiro) permanece de pé e a verificar-se pode muita coisa ainda acontecer. Daí que estes embates sejam os mais importantes que ainda estão por disputar e para eles se virem todas as atenções dos apaixonados da modalidade.

Começa também a disputar-se, e pela primeira vez, a «Taça de Portugal» aberta aos clubes que competem nas provas organizadas pela Fede-

ração. Dividida em duas zonas, na primeira fase, a Taça é a eliminar à primeira derrota e os encontros jogam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar. Na Zona Norte teremos: Estrela e Vigorosa-Leixões, Maia-Desportivo de Portugal, Infante de Sagres-Portuense Desporto, Educação Física do Norte-EFA-CEC, Vilanovense-B.P.M., Progresso-Coimbrões e Instituto Francês-Braga. Na Zona Sul: Campo de Ourique-Técnico, Oeiras-Boa Hora, Atlético-Rio de Janeiro, Algés-Académica, Oriental-Vitória de Setúbal, Naval-C.D.U.L., Benfica-Mirantense e CNOCA-Costa do Sol.

Ficam adiados os jogos Porto-Académico, Beira Mar-Guimarães, Almada-Cabanas Viriato, Cova da Piedade-Sporting, Vendedores de Jornais-Belenenses, Sporting da Penha-Casa Pia e IMA-Ateneu, que se realizam no próximo dia 5 de Abril.



RALLY PAPER: organizado pela secção de motorismo dos Bombeiros Voluntários de Algueirão - Mem Martins, realiza-se a 8 de Abril, pelas 21 horas, o «I Rally Paper». As inscrições podem ser feitas no quartel daquela corporação até às 22 horas do dia 5. A distribuição dos prémios realiza-se no decorrer de um baile na sede da corporação (no dia 9) abrilhantado pelos conjuntos «Origem» e «Ultramarino».

HOMENAGEM: o antigo jogador do Espinho, o espanhol «Milucho», que ao longo de várias épocas jogou na turma principal e orientou as camadas mais jovens do clube. Jogam no domingo: Arcoze-lo-Corti/Cotesi e Espinho-Boavista. Os axadrezados adiaram

o seu jogo da «Taça de Portugal» com o Atlético para poderem estar presentes na homenagem.

BADMINGTON: jogam, na Escola Nuno Gonçalves e no Liceu Filipa de Lencastre, veteranos para a disputa do título nacional. Competidores: O. Gonçalves-L. Agilar e Pedro Pimenta-Moreira da Silva.

POSSE: dos dirigentes de Leixões, no Salão Nobre do Orfeão de Matosinhos, na próxima 2.ª feira.

DIRIGENTES: do Fluvial tomaram posse dos novos lugares da direcção eleita e prepararam-se para comemorar o cinquentenário da colectividade.

MENINAS: da Escola Industrial de Matosinhos partiram para a Holanda onde vão participar (em Maastricht) no campeonato europeu da FISEC.

SORTEIO: da «Taça de Portugal» em basquetebol masculino. Jogam a 5 de Abril: Barreirense-Cuf, Juventude-Montijo, Vitória de Setúbal-Moscavide, Amadora-Académica de Santarém, Lisgás-Luso, Nacional-Sporting de Torres, Que-luz-C.D.U.L., Sacavenense-Cif, Cruz Quebrada-Atlético, Farense-Física de Torres e Algés-Benfica.

CARTA ABERTA À "MALTA" DO NACIONAL DE GINÁSTICA

Faz tempo que os deixei no seguimento duma inevitável «deserção programada», a que só resistiram o Pires e o Zé Pimpão. Na noite do jogo com o Benfica, tive oportunidade de conviver com o Dário: e aí notei a falta do Augusto e do Ilídio. Não resisti à recordação da magnífica equipa de júniores que todos formámos. Éramos oito: eu, os cinco que já lembrei, e vocês, os dois que nunca esqueci. Que espectacular jogo aquele, em que sob o signo duma selecção para a FISEC, destruímos o Sporting de Espinho, o campeão dessa época, a melhor equipa depois da nossa! Só o Dário não foi convocado por ultrapassar a idade limite. E nós, os outros, porque fomos escolhidos? Porque tu, Plácido, já eras (há oito anos) um camarada de «primeira água», sempre com o conselho próprio no momento certo. Quanto tempo perdeste comigo, convencendo-me da necessidade de trabalhar sem complexos para atingir o nível dos melhores? Foste depois atrás de nós, Espanha fora, para nos veres baquear ingloriamente, em Girona, ante aqueles flamengos de má memória...

O Jacquet continua na mesma: haverá secionista como ele em todo o voleibol lusitano?

E porque venho aqui recordar tudo isto? Porque vos abro esta carta que pouco poderá interessar os leitores que devo servir? Porque vos sinto quase a baixar os braços e é necessário não esquecer que com a vossa renúncia acabará também o voleibol de competição no sul deste país. E então, mais do que o abraço da minha solidariedade, que vos fique a certeza consciente dum pedaço de vida que permanece: valeu a pena!

ALEXANDRE PAIS

(COTAÇÃO DE 4.ª FEIRA-28)

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	456\$5	—	456\$5
Cons 3 1/2	557\$	—	557\$
Centenários	1284\$	—	1284\$
Tes 5 1/2 57	1000\$	1000\$	1000\$
Tes 5 1/2 59	1000\$	—	—
Extern 1 a s	—	—	—
Extern 1 a c	—	590\$	—
Extern 3 a s	—	775\$	800\$
Extern 3 a c	—	810\$	—
Caut 3 a s	—	165\$	—

FUNDOS PÚBLICOS

	Elec	Compra	Venda
A Lx 6 1/2	945\$	945\$	—
C M L 5 3/4	—	999\$	1000\$
C P 5 5/8 — 67	—	970\$	—
C P 5 5/8 — 68	—	—	970\$
C P 5 5/8 — 69	—	—	960\$
Corr 5 3/4 1/2	—	950\$	980\$
Meir 5 3/4 1/2	—	—	995\$
Tur 5 3/4 1/2	1003\$	1003\$	—

ELÉCTRICAS

	Elec	Compra	Venda
G 5 1/2 — 58	840\$	—	840\$
G 5 1/2 — 59	—	—	840\$
G 5 1/2 — 62	—	960\$	985\$
G 5 1/2 — 63	—	—	985\$
G 5 1/2 — 64	—	—	985\$
G 5 1/2 — 65	—	—	985\$
G 5 1/2 — 67	990\$	990\$	995\$
G 5 1/2 — 69	—	—	995\$
H E A 5 1/2	—	—	805\$
H E C 5 1/2	—	—	805\$
H E D 5 1/2	—	970\$	—
H E N 5 1/2	—	—	960\$
H E S 5 1/2	—	—	920\$
H E S E 5 1/2	—	—	950\$
H E Z 5 1/2	—	—	—
H E Z 5 1/2 — 57	—	—	—
N Elec 5 1/2	800\$	—	800\$
N Elec 6 1/2	—	930\$	—
Termoei 5 1/2	—	—	820\$
U E P 5 1/2 — 60	—	—	750\$
U E P 5 1/2 — 63	—	—	970\$

DIVERSAS

	Elec	Compra	Venda
A P T 5 1/2 — 56	—	—	900\$
A P T 5 1/2 — 58	—	893\$	895\$
Lisnave 6 1/2	—	960\$	—
Nitratos — 60	—	805\$	—
Pet 2 a e 3 a	—	875\$	—
P Celul 5 1/2	—	—	970\$
Sacor 5 1/2 — 54	—	945\$	970\$
Sacor 5 1/2 — 60	840\$	840\$	860\$
Sid 5 1/2 — 2 a	—	—	805\$
Sid 5 1/2 — 3 a	—	—	800\$
Sid 5 1/2 — 4 a	—	—	800\$
Socel 5 1/2	—	920\$	—
U Fabril 67	—	950\$	—
U Fabril 68	—	940\$	950\$

ULTRAMARINAS

	Elec	Compra	Venda
Carbonif 5 1/2	—	600\$	—
Rev 5 1/2 — 57	—	700\$	—
Rev 5 1/2 — 60	—	700\$	—
Moçamb 5 1/2	—	450\$	—
Sonete 5 1/2	815\$	—	815\$

ACÇÕES

De Bancos

	Elec	Compra	Venda
Agricultura	2.795\$	2.790\$	2.800\$
Alentejo	1.340\$	1.340\$	1.350\$
Angola	3.510\$	3.500\$	3.520\$
Cred Predial	6.120\$	6.110\$	6.150\$
Esp Santo	8.730\$	8.720\$	8.735\$
Fomento	—	4.370\$	4.400\$
F & Burnay	—	36.000\$	38.000\$
N Ultr m	—	5.450\$	5.520\$
N Ultr c	5.950\$	5.940\$	5.970\$
Portugal n	—	4.910\$	5.000\$
Portugal p	—	6.000\$	—
P Atlântico	9.050\$	9.040\$	9.060\$
Totta & Açores	6.050\$	6.050\$	—
Borges & Irmão	—	7.800\$	—
Algarve	—	—	—

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 85=100)

	22/3/72	28/3/72	29/3/72
GERAL	183,7	182,5	183,2
METROPOL	184,6	184,2	184,2
ULTRAM	177,6	170,2	176,0

De Seguros

	143\$	143\$	—
Alentejo	—	—	—
Bonança	1.165\$	1.160\$	1.165\$
Mundial	—	—	1.750\$
Soberana	—	80.000\$	95.000\$
Tranquilidade	—	—	—

Eléctricas

	1.125\$	1.124\$	1.125\$
C P E n	—	1.116\$	1.120\$
C P E n	—	—	—
E Beiras	1.800\$	1.760\$	—
G Elec c	362\$	361\$	362\$
H E A A	190\$	190\$	190\$5
H E N P	—	235\$	240\$
H E S E	—	1.880\$	—
U E P	205\$	201\$	205\$

Ultramarinas

	1.250\$	1.250\$	1.255\$
Ag Cassequei	—	2.700\$	2.750\$
Ag Incomati	—	175\$	—
Ag S T e P	—	—	—
Ag Angola	1.020\$	1.010\$	1.050\$
Ag Angola	—	220\$	225\$
Ang Agric	720\$	—	740\$
Boror	—	—	—
Boror Com	—	—	77\$
Buzi	84\$	83\$5	84\$
Cabinda	—	145\$	150\$
Com Lobito	8.500\$	8.500\$	8.55\$
D A — T 100	2.000\$	1.980\$	2.000\$
H E Revue	—	—	580\$
I do Princ	—	—	—
Moçambique	—	160\$	170\$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	—	—	395\$
Zambézia	64\$	64\$	64\$5

Diversas

	—	410\$	440\$
Ag Lx ani	—	435\$	445\$
Ag Lx — 34	—	—	—
Ag Lx — 36	—	5.050\$	5.300\$
Cel Guadiana	5100\$	5.000\$	5.200\$
C Leiria p	13.300\$	13.200\$	13.300\$
C Tejo p	—	1.500\$	—
F Ramada	—	—	1.500\$
Fornos Eléct	140\$	139\$5	140\$
P Celulose	—	—	4.100\$
Siderurgia p	—	4.520\$	4.600\$
Siderurgia n	2.900\$	2.900\$	2.950\$
Socel	3.740\$	3.730\$	3.750\$
Cidra	6.900\$	6.850\$	6.900\$
C U F	—	3.250\$	3.300\$
Intar	541\$	540\$	541\$
Nitratos	—	1.300\$	—
Petroquímica	—	1.120\$	—
Sacor	3.100\$	3.050\$	—
Tab Portugal	—	1.600\$	1.800\$
Tabaqueira	—	7.400\$	7.450\$
U F Azoto	910\$	906\$	910\$
Empor	—	—	—
Ind Aliança	—	—	—
I P Colón	—	970\$	1.100\$
Nac Naveg	6.900\$	6.800\$	6.950\$
Naveg (Col)	2.410\$	2.400\$	2.420\$
P Pesca	—	1.000\$	1.030\$
R Marconi	1.800\$	1.800\$	1.850\$
T A P	—	—	1.260\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rand	29\$50	33\$00
Alemanha - Marco	8\$35	8\$65
América	—	—
Dollars de 1 e 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina - Peso Novo	—	—
Austria - Schilling	1\$16	1\$21
Belgica - Franco	\$60	\$63
Brasil - Cruzeiro	3\$70	4\$70
Canada - Dólar	26\$50	27\$30
Dinamarca - Coroa	3\$70	4\$00
Espanha - Peseta	\$40,7	\$42,7
Francia - Franco	\$530	\$560
Holanda - Florim	\$540	\$570
Inglaterra - Libra	70\$00	72\$00
Italia - Lira	\$04,45	\$04,75
Marrocos - Dirhan	\$500	\$550
Noruega - Coroa	\$390	\$420
Suecia - Coroa	\$545	\$575
Suiça - Franco	6\$93	7\$18
Ouro	—	—
Inglaterra - Libra Isabell	350\$00	370\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	30\$00	32\$00
Ouro fino - Barra	42\$50	44\$50

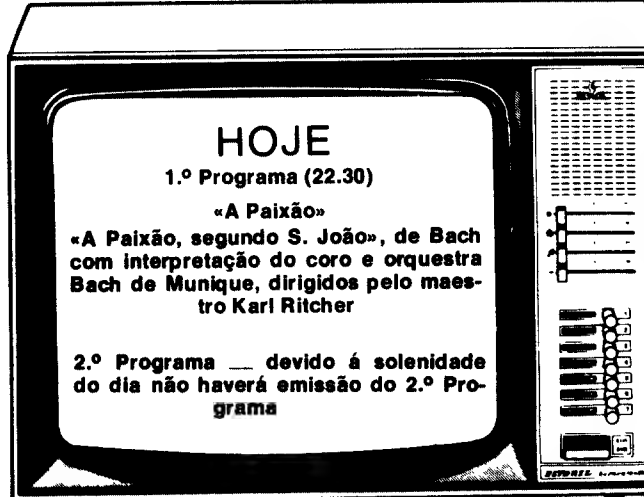
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.^a

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel. 36066/7

Teleg. ALMEIRO Telex 410 ALAPIP

televisão



HOJE
1.º Programa (22.30)
«A Paixão»
«A Paixão, segundo S. João», de Bach com interpretação do coro e orquestra Bach de Munique, dirigidos pelo maestro Karl Richter

2.º Programa — devido à solenidade do dia não haverá emissão do 2.º Programa

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
20.45 Abertura e Telejornal
21.15 Eurovisão — Transmissão directa de Roma da Via Sacra sob a presidência de S.S. o Papa Paulo VI
22.30 «A Paixão, segundo S. João», de Bach
00.40 Meditação e Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e O Caso da Semana
12.55 Toby
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Universidade na TV
15.00 Hoje pode ver
15.10 Eurovisão: Remo — Oxford-Cambridge
15.35 Hóquei em Patins: Torneio Internacional de Lisboa: transmissão directa dos jogos Itália-Alemanha e Espanha-Holanda.
17.35 Teledesperto
18.00 Lasse
18.25 Os Mestres de Sardoal e de Abrantes
18.50 E a vida continua...
19.00 Tarde de Cinema «A Canção de Bernardette»
21.30 Telejornal — 2.ª edição
22.00 Se bem me lembro
22.30 Hóquei em Patins: Transmissão directa do jogo Portugal-Itália, a contar para o Torneio Internacional de Lisboa.
23.30 Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa da Vigília Pascal: Fecho.
2.º Programa
21.30 Hóquei em Patins: Transmissão directa do jogo Alemanha-Holanda, para o Torneio Internacional de Lisboa.
22.30 Telejornal — 3.ª edição
23.00 E em seu nome esperarão as gentes
23.30 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Argas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PÓRTO	10.º
PENHAS DOUR.	8.º
COIMBRA	11.º
PORTALEGRE	7.º
LISBOA	12.º
FARO	14.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA E ANADIA

Máxima22.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima1,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar13,6.º
Atmosfera15,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.01 3,9 m	10.33 0,8 m
17.18 3,8 m	22.48 0,8 m

Dia 1

5.33 3,8 m	11.03 0,9 m
17.48 3,8 m	23.20 0,9 m

Dia 2

6.03 3,6 m	11.35 1,0 m
18.18 3,7 m	23.54 1,0 m

PREVISÃO GERAL

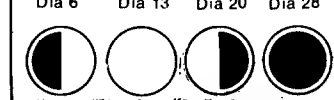
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado vento fraco possibilidade períodos de chuviscos ou chuva fraca na Orla Litoral a Norte de Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

Nascer às 7.23
Ocaso às 20.00

Dia 6 Dia 13 Dia 20 Dia 28



rádio

EMISSION 1.º Programa

16.35 Quinteto em dó menor, K. 406 (Mozart)
17.00 Transmissão da Sé Patriarcal: da solene comemoração da PAIXÃO E MORTE DO Senhor
18.40 Paixão de Orgão, por Maria Celeste Silva
19.10 O maestro Leopold Stokowsky
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 Solos de piano — Obras de Mendelssohn
20.30 18.º Episódio do folhetim «A VIDA DE S. PAULO»
20.50 O organista René Saorgin
21.00 Momento 72
21.20 Música de arco — Obras de Gounod e Stravinsky
21.30 Língua portuguesa, pelo dr. António Ribeiro
21.40 O pianista Leonnard Pennario
22.00 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.20 A Sinfonia da Requiem (Britten)
22.43 Sinfonia Sacra (Schütz)
23.00 Fecho

2.º Programa

11.00 Abertura da estação — Junção — (com o 1.º programa)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

12.00 Nota de abertura
12.30 Ela
13.03 Graça com todos
14.00 Rir é saúde
14.15 Bagatelas
14.30 Matinée teatral
15.02 Fecho
MF
12.00 Nota de abertura, módulo (continuação)
13.03 Carrocel em FM
15.02 Fecho

Miramar

18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

LISBOA

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, R. dos Quarteis, 25-27 (Tel. 637777).

ALFAMA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALVALADE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131); **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 710465); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803).

AREIRO — Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel. 724941); **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079).

AVENIDAS NOVAS — Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158).

BAIRRO ACTORES — Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842122).

BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428).

BAIRRO AMÉRICA — Martins, R. Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172).

BAIXA — Morão, Rua da Asunção, 17 (Tel. 321289); **Estácio**, Rossio, 63 (Tel. 327067 - 324224).

BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678 (Tel. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027).

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304).

CAMPO DE OURIQUE — Portiro, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349); **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760).

CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181).

CONDE REDONDO — Davi, R. Conde Redondo, 68 (Tel. 54342).

ESTRELA — Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); **Palmas e Parente**, Rua de Santo António, 98 (Tel. 665196).

GRAÇA — Morão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700).

INTENDENTE — Gois, Lda., Rua dos Anjos, 12-D (Tel. 840101).

LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, 12-C (Tel. 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942).

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612).

OLIVAIS — S. Paulo, Rua José Campos, lote 823 (Estrada de Moscavide) (Olivaissul) (Tel. 310711); **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivaissul) (Tel. 310026).

PENHA DE FRANÇA — Nova Luz, R. Domingos Jordão, 28-A (à Av. D. Afonso III) (Tel. 843439).

PICHELEIRA — Marlu, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703 - 728395).

RATO — Soares, Av. Alvaro Cabral, 1 (Tel. 684282).

REGO — Prates e Mota, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728).

RESTELO — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, 18-D (Tel. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (Tel. 611814).

SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020).

SANTOS-O-VELHO — Fontoura de Carvalho, Rua Santos-O-Velho, 12 (Tel. 662075).

S. PAULO — Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320389).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sagres, Av. Luis Bivar, 69 (Tel. 47213); **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (Tel. 47385).

XABREGAS — Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Branco, Av. Comb. Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS — Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro - Lote 10 (T. 2430691).

PAREDE — Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204).

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro, (Tel. 263052).

ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141).

Cascais, R. Conde de Monte-Real - Bairro Caxias (Tel. 282407).

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Melo P.D. João I - Lote 146-B, Ojaneiro (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 10-J-X-1-Reboleira (Tel. 938424).

DAMAIA — D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461).

VENDA NOVA — Nova R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530).

QUELUZ — André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA — Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES — Colares (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA — Nuno Álvares Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO — Avenida Av. Alfredo da Silva, 86 (Tel. 2273212).

COVA DA PIEDADE — Cequeira Afonso P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Diogo R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032).

SEBIMBRA — Leão Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL — Costa L. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil**, P. do Brasil (Tel. 24788).

SEIXAL — Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

SUB-TURNO A — Alves da Silva, Av. da Boavista, 1018; **Azadea** (de) Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Her. e Mart. Angola, s/n; **Torreiro**, Rua da Reboleira, 21.

SUB-TURNO B — Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; **Ant. Porto do Olival**, C. Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V., 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62.

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); **Silcar**, Rua Ferreira Borges, 88 - 94 (tel. 22923); **Palma**, Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23231).

Cinemas

SATÉLITE (Tel. 562632) 15.30-18.30-21.45 (Grupo B - 10 anos) 10ª Semana **TEMPOS MODERNOS** O mais moderno filme de todos os tempos. Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin.

ROMA (Tel. 727778) 15.30-21.45 (Grupo B - 10 anos) 3ª Semana **TRINITY - COW-BOY INSOLENT** com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5) 15.30-18.30-21.45 (Grupo C-14 anos) 4ª semana **A FONTE DA VIRGEN** O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de ouro de Hollywood.

ODEON (Tel. 326283) 15.15-18.15 e 21.30 (Grupo C - 4 anos) 7ª semana **NAO DESEJAS O DELICA DINHO DO 5º**

ALVALADE (Tel. 717480) 15.15-21.45 (Grupo A-6 anos) 3ª semana **AGUA AZUL, MORTE BRANCA** Um documentário vivo e autêntico. A caça ao terrível tubarão branco.

MONUMENTAL (Tel. 555131) Devido à solenidade do dia não há espectáculo.

AVIZ (Tel. 47173) 15.15-21.30 (Grupo B-10 anos) 3ª Semana. O Western do ano. **TRINITY - COW-BOY INSOLENT** com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

CONDES (Tel. 322523) 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) colorido. **O SALTO DO ANJO**, com Jean Yanne e Senta Berger.

EUROPA (Tel. 661016) 15.15-21.30 (Grupo A-6 anos) 2ª Semana. **A PATA DOS OVOS DE OURO**, uma obra de Walt Disney em technicolor, com Dean Jones.

APOLLO 70 (T. 763319) 15.00-18.15-21.30 7ª Semana **GRUPO D (18 anos)** **O PASSADO E O PRESENTE** uma comédia de Manuel de Oliveira. Hoje às 0.30 (adultos). **CINDERELA EM PARIS**, com Andrey Hepburn e Fred Astaire.

EDEN (Tel. 320768) 15.00-18.15-21.30 (Grupo B-10 anos) **PEDRO O PESCADOR**, com Howard Krel e Herberton.

BERNA (Tel. 776098) 15.15 e 21.00 (Grupo B - 10 anos) **OS DEZ MANDAMENTOS**, uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

VOX (Tel. 720808) 15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo C - 14 anos) **O RECAIDO**, com Maria Cabral e José Viana.

TIVOLI (Tel. 50595) 15.00-18.15 (a pr. red.) 21.30 (Grupo A - 6 anos) **O LADRÃO DE BAGDAD**, com Sabu, June Duprez e Conrad Seidt.

MUNDIAL (Tel. 538743) 15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo B - 10 anos) **55 DIAS EM PEQUIM**, com Charlton Heston, Ava Gardan e David Niven.

ROYAL (Tel. 885037) 15.00-21.00 (Grupo C-14 anos) **O DOCE SABOR DA VINGANÇA**, com Serge Reggiani, Simone Signoret, Jeanne Moreau, Charles Vanel. Amanhã (adultos) **A FILHA DE RYAN**.

CASINO ESTORIL Devido à solenidade do dia não há espectáculo.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095) 15.30-18.30-21.45 (Grupo D (18 anos) (Technicolor) 8ª Semana **VEJO TUDO NÚ**, com Nino Manfredi e Sylvia Koscina. Amanhã às 0.30 (adultos) **BOA NOITE SENHORA CAMPBELL**.

S. JORGE (Tel. 54153) 15.15-21.30 (Grupo B-10 anos) **A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS**, com Max Von Sydow, Charlton Heston, Sidney Poitier e John Wayne. Amanhã (adultos) **A ORGANIZAÇÃO**.

POLITEAMA (Tel. 326305) 15.15-18.15-21.45 (Grupo D-18 anos) 6ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuwer. **A TRANSPLANTADO**, Hoje às 0.30 (adultos). **O MISTERIOSO DR. FU MANCHU**, Amanhã. **CARNAVAL DE ASSASSINOS**.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5) 15.15-21.30 (Grupo C-14 anos) **DUAS GERAÇÕES**, com James Mason e Susan George. Hoje às 18.30 (10 anos) em Sophia Loren e Anthony Quinn. **A ORQUÍDEA NEGRA**.

LONDRES (Tel. 730579) 14.15 - 15.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) 9ª Semana. Um filme de Andres Cayatte. **MORRER DE AMAR**, c/ Annie Girardot. Grande prêmio do Cinema Francês. Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sítio só.

IMPERIAL (Tel. 821933) 15.00-21.00 (Grupo B-10 anos) O melhor filme de todos os tempos. **BEN-HUR** (11 Oscars da Academia) com Charlton Heston, Jack Hawkins, Haya Harareet e Stephen Boyd. Domingo às 18.30 espectáculo infantil.

LYZ (Tel. 48560) 15.00-21.00 (Grupo B-10 anos) Poderoso! Espectacular! Único na História do cinema. **AS SANDÁLIAS DO PESCADOR**, com Anthony Quinn, Oskar Werner, David Jansen, Vittorio De Sica, Leo McKen, Sir John Gielgud, Barbara Jehord e Rosemarie Dexter. Sábados e Domingos 3 espectáculos.

Outros espectáculos

LISBOA/Cinemas

COLISEU 21.30 (10 anos) **O Divino mestre**.

OLIMPIA 21.00 (10 anos) **A ESPADA NORMANDA**.

PROMOTORA 21.00 (10 anos) **Ninho de espíritos**.

CINEARTE 21.00 (10 anos) **O Categrático**.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS Stadium 21.30 (10 anos) **Ben-Hur**.

LINHA DE SINTRA

DAMAIA D. João V 21.30 (10 anos) **Ben-Hur**.

AMADORA Recreios Desportivos 21.15 (10 anos) **irmã sorriso**.

OUTRA BANDA

ALMADA Incrível 21.15 (10 anos) **A Bíblia**.

LARANJEIRO Instrução e Recreio 21.30 (18 anos) **Quem?**

PORTO/Teatros

ANTONIO PEDRO 21.45 (18 anos) **A Casa de Bernarda Alba**.

SÁ DA BANDEIRA 21.30 (18 anos) **Querida Mãe**.

PORTO/Cinemas

ÁGUA D'OURO 21.30 (10 anos) **OS DEZ MANDAMENTOS**.

COLISEU 21.30 (10 anos) **Ben-Hur**.

OLÍMPIA 21.30 (18 anos) **Crimes na escuridão**.

CARLOS ALBERTO 21.30 (18 anos) **O Vale perdido** e **A Terceira Voz**.

TRINDADE 21.30 (18 anos) **Infame Mentira**.

ESTÚDIO 21.30 (18 anos) **Infame mentira**.

BATALHA

21.30 (18 anos) **O GOLPE**.

S. JOÃO 21.30 (10 anos) **A Princesa com pele de burro**.

VALE FORMOSO 21.30 (14 anos) **Entre duas margens**.

RIVOLI 21.30 (18 anos) **MORRER DE AMAR**.

PASSOS MANUEL 21.00 (18 anos) **O General Della Rovere**.

COIMBRA

TIVOLI 21.30 (10 anos) **Bom funeral** e **Amigos para Santana**.

AVENIDA 21.30 (18 anos) **O Passaro de plumas de cristal**.

GIL VICENTE 21.30 (M. 18 anos) **Leito conjugal**.

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam: Ivela Pessoa, Esmeralda Amodeo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Azaules. Tocar: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Zélia Lopes e Maria João Julieta Brigue. Tocar: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca**, 133. Tel. 369780.

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natália Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocar: Jaime Santos e António Preença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60\$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias**, 107. Tel. 328307.

ARREDA — Fado amador, oia e canção do fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocar: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo: 62\$00 (taxa incl.). **Rua Alexandre Herculano**, 3, Cascais. Tel. 263864.

TAMILA — Marão e s/conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé**, 69. Tel. 534117.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.

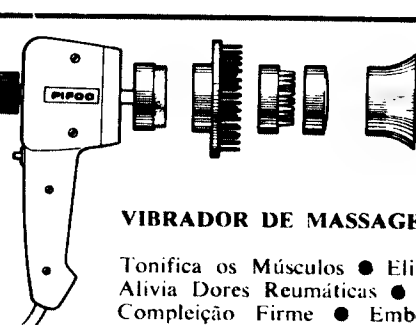
SANZALA — Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 03.30 horas. **Av. Marechal Carmona**. Tel. 790177.

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emilio Reis, Luis Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62\$50 (taxa incl.). **Rua Gilberto Rolz**, 24. Telef. 676655 e 672431.

PORTAS DO SOL — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé**, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Tel. 861633.

HIPOPOTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar**, 5-A. Tel. 48384.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver. Av. Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

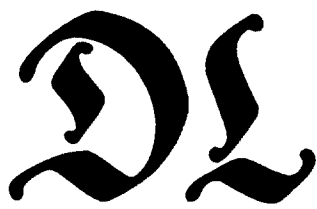


VIBRADOR DE MASSAGEM PIFCO

Tonifica os Músculos • Elimina a Fadiga • Alivia Dores Reumáticas • Proporciona uma Compleição Firme • Embeleza a Face • Revitaliza os Cabelos • Dá Boa Disposição

Primax, Ida.

Representante Exclusivo
R. dos Fanqueiros, 114, Lisboa 2
Tel. 32 27 72 / 32 33 12 / 32 27 62



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º/2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

A «SEMANA SANTA» PAGANIZADA

A Semana Santa perdeu o significado religioso para uma grande maioria de espanhóis, que pensam mais em se distrair do que em se recolher, afirmam vários jornais madrilenos.

O jornal «ABC» publicou, na primeira página, uma fotografia da Virgem levada em procissão, com a seguinte legenda: «Estes dias são de dor e de recolhimento e não de distrações e de férias, como parece que os tomam aqueles que lamentavelmente paganizaram a Semana Santa».

O jornal madrileno constata, por outro lado, que «as manifestações da Semana Santa são menos apreciadas e as procissões menos brilhantes, sendo apenas Sevilha a excepção que confirma a regra».

O jornal «Sábado Gráfico», enumerando as cidades nas quais a Semana Santa tem raízes profundas, salienta que «a moda transformou a atmosfera de piedade de outrora numa alegria primaveril de férias».

ESTRAGOS VINDOS DO ESPAÇO

Vinte e três países assinaram em Moscovo a convenção das Nações Unidas sobre responsabilidade internacional pelos estragos causados por objectos lançados para o espaço.

O ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromyko, assinou a convenção em nome do seu Governo durante uma cerimónia formal.

Assinaram em seguida os embaixadores dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

Não aderiram à convenção a China, a França e o Japão. Este documento, composto por nove artigos, foi negociado no ano passado em Genebra, pela comissão jurídica da ONU que se ocupa da utilização pacífica do espaço.

Nos seus termos, qualquer pessoa que sofra ferimentos ou prejuízos materiais causados por fragmentos de satélite tombados do espaço poderá pedir uma indemnização ao Governo responsável pelo lançamento desse objecto.

Rebocador e cadáver VOLTARAM À SUPERFÍCIE

O rebocador «Mirene», que se afundara no Tejo após ter colidido com o navio turco «Nevshir», quarta-feira passada, voltou ontem ao fim da manhã à superfície, trazendo a bordo o cadáver do maquinista José Paulo da Silva.

As operações de recuperação do barco, iniciadas logo no mesmo dia do afundamento, só ontem tiveram êxito, dado que a força da corrente e o facto de se ter partido as bóias que assinalavam o local onde ele estaria submerso, impediram o seu rápido salvamento.

Para elevar o rebocador foi utilizada uma cábrea, com a potência de 100 toneladas, tendo ainda colaborado dois draga-minas e vários homens-rãs, que prenderam os cabos à embarcação submersa, sob a orientação dos comandantes Pereira da Silva e Fafe dos Serviços Marítimos da Administração-Geral do Porto de Lisboa.



MAIORES DE 6 ANOS

DOMINGO DE PÁSCOA, ÀS 16 HORAS

DOMINGO DE PÁSCOA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

CAVALEIROS

J. MALDONADO CORTES
J. L. SOMMER D'ANDRADE

ESPADAS

J. L. CALATRAVEÑO
ÓSCAR ROSMANO

FORCADOS AMADORES DO APOSENTO DO BARRETE VERDE
8 TOIROS DO DR. ORTIGÃO COSTA 8

viajar

Portugal e estrangeiro em férias ou negócios

passaportes + bilhetes + hotéis + aluguer
automóveis + itinerários

confie na experiência de

Clara e Tiago

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 Tel. 560015 563451



Ingratidão social

— O meu homem deita o sangue cá para fora, sem levar nada, e depois pedem-nos dinheiro para tratarmos da nossa filha, que, desde os seis meses, não se endireita nem ergue a cabecita. Ela é espertinha, lá isso é, entende quase tudo, mas não bota fala nenhuma, mesmo agora que já tem dois anos.

Temos corrido tudo e, ainda ontem no Hospital de Santa Maria, me disseram que só se pa-

gássemos as «chapas» e as consultas, a nossa Fernandinha podia ser ali tratada... — O repórter estava ali (e estava por acaso) na exiguidade desoladora de um corredor do Hospital dos Capuchos, e o desabafo «a medo» da sr.^a Alzira Vilaverde, buliu-lhe com o senso crítico «de estar atento a todas as anomalias da coisa social».

E foi tomando notas.

— E hoje, neste hospital, onde

tinha consulta marcada, dizem-me que já não posso ser atendida. E vim eu de tão longe! Tenho corrido tudo e é quase sempre o mesmo. Esperar, ou voltar mais tarde. Só quem me tratou bem foi uma médica do Laranjeiro que nunca me levou coisíssima nenhuma. Mas eu deixei de lá ir, porque até já me sentia envergonhada em abusar da bondade da senhora.

Nesta vergonha recalcada, nesta tímida tomada de atitude, a confissão, sem premeditações veladas, de que o esmolar imposto representa um pesado fardo.

— Mas o meu homem tem o vício de dar sangue do corpo. E, quantas vezes, vem do Hospital e eu lhe digo, «Jaime, e agora fraco como vens o que vais comer se eu não tenho nada em casa?» Mas ele não me dá razão e bota-me logo na cara: «O que é que tu queres, mulher, se eu não me sinto bem se não o fizer, estando morrendo tanta gente por falta de líquido».

E, assim, Jaime Vilaverde, caldeireiro no Alfeite, aí vai ele, todos os meses, motorizada de mudanças perras, pneus carecas, depósito da gasolina a chocalhar de minguia, do Bairro do Chagadinho, na Cova da Piedade, até ao Hospital de Santa Maria (sito na zona intelectual da chamada Cidade Universitária). Mas valerá a pena?

Resta perguntar até quando e em circunstâncias a «alma grande» de Jaime Vilaverde continuará a pensar que, realmente, tudo vale a pena.

Manuel Geraldo

YEVTUCHENKO UM DOS RUSSOS EXPULSOS DA BOLÍVIA

LA PAZ, 31 — (R) — O embaixador soviético na Bolívia revelou ontem à noite que na lista de 119 diplomatas e funcionários que devem abandonar o país figuram uma criança de 4 anos e o poeta Yevgeni Yevtuchenko.

O embaixador, Alexis Florianovich, esclareceu numa conferência de Imprensa não haver mais de 40 diplomatas e funcionários soviéticos em toda a Bolívia. Florianovich contou o que foi a sua surpresa quando recebeu a lista e verificou que a primeira pessoa a ser expulsa era Anita Pinachova, uma menina de 4 anos de idade. Nela figuram também o poeta Yevtuchenko e muitos outros soviéticos que têm passado pela Bolívia nos últimos anos.

Afirmou serem totalmente inverosímeis as acusações de que os soviéticos estavam implicados numa tentativa de invasão da Bolívia, inspirada por Cuba — e não percebe como o Governo boliviano podia ter dado o mais pequeno crédito a tais mentiras.

O Governo ultra-conservador do presidente Hugo Banzer deu um prazo de uma semana aos soviéticos «expulsos» mas não cortou relações diplomáticas com a União Soviética.

Voo no novo avião da TAP



No passado dia 29, pelas 11 horas, realizou-se, partindo da Portela, o segundo voo de apresentação ao público do novo Boeing 747-B da TAP, baptizado de «Portugal». Tendo descolado manualmente, o avião tomou o rumo ao Sul e fez todo o percurso e a aterragem por pilotos automáticos. Sobrevoaram-se várias capitais de distrito a uma altitude média de 6000 metros e foi possível, em muitas alturas do percurso, observar perfeitamente várias terras e regiões portuguesas. Depois de ter passado Sagres e o Algarve, o jactomudou de rumo em pouco minutos passava sobre a Serra da Estrela. Durante o voo, o pessoal de bordo serviu a todos os convidados bebidas e aperitivos até o avião, depois de ter passado sobre Leiria e Santarém, ter convalidado a diminuir altitude para aterrar, de novo na Portela. Feito nas mais agradáveis condições, o passeio terminou antes das 13 horas.



AVIÃO ABATIDO NO LAOS

SAIGÃO, 31 (R) — Um quadrimotor americano fortemente armado foi abatido no Laos ontem à noite — o segundo desta semana — mas os seus quinze tripulantes conseguiram saltar de paraquedas e salvar-se, sendo recolhidos esta manhã por helicópteros, depois de passarem a noite na selva.

Os catorze tripulantes do primeiro avião, derrubado na quarta-feira por um míssil anti-aéreo, continuam dados como desaparecidos pois não voltaram a ser avistados nem vivos nem mortos.

Estes aviões são antigos Hércules de transporte convertidos para uso militar e equipados com metralhadoras pesadas que disparam a uma cadência de 6 000 balas por minuto.

COOPERAÇÃO ROMÉNIA-TANZÂNIA

DAR-ES-SALAAM, 31 (R) — A Roménia e a Tanzânia concordaram em aumentar a cooperação comercial e económica e reafirmaram que continuarão a auxiliar os movimentos de libertação nos territórios coloniais africanos — foi anunciado a noite passada em Dar-Es-Salaam.

Num comunicado final, depois de uma visita de quatro dias feita à Tanzânia pelo presidente romeno, Nicolae Ceausescu, os dois países concordaram também em condenar o «Apartheid» e a discriminação racial na África do Sul e na Rodésia.

O presidente da Roménia e a sua comitiva partiram ontem de manhã para o Sudão, etapa seguinte de uma viagem por oito países africanos.



(M) de 6 anos

CORUCHE

CAPITAL DO SORRAIA
DOMINGO DE PÁSCOA
ÀS 17 HORAS

INAUGURAÇÃO
DA TEMPORADA

7 — TOIROS CORPULENTOS do Eng.º Emilio Infante Pedroso (da Chamusca) para:

David Ribeiro TELLES
José Mestre BAPTISTA
Frederico CUNHA

Competição entre os Grupos de Forçados Amadores de Montemor e Amadores de Coruche

SE PROVAR

CASTELÕES

SÓ PEDIRÁ

CASTELÕES

Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

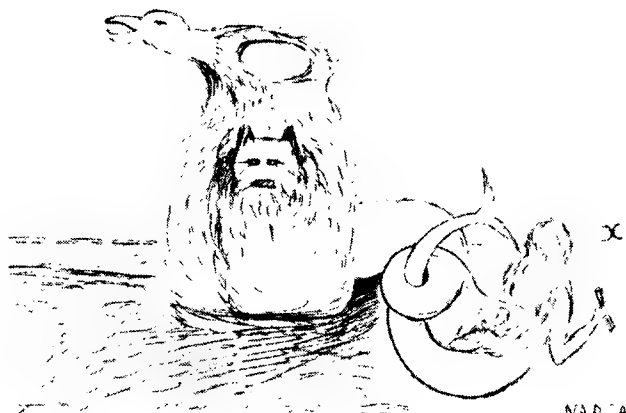
A SÉTIMA FACEDODADO

À memória de João Rodrigues

Quem fomos nós perante a realidade, essa realidade que sei agora delatada, como um cão manhoso, aos pés de Nadja? Sob qual latitude teremos estado, entres assim ao furor dos símbolos, possessos do demónio da analogia, objecto que nos sentíamos de diligências extremas, de atenções singulares, especiais? Como foi que projectados juntos, uma vez por todas, tão longe da terra, tenhamos podido trocar, nos curtos intervalos que a nossa maravilhosa perplexidade nos deixava, algumas opiniões incrivelmente concordes por cima dos escombros fumegantes do velho pensamento e da vida sempiterna? Do primeiro ao último dia, sempre vi em Nadja um génio livre, algo assim como um desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem momentaneamente atrair, mas impossíveis de submeter.

(NADJA)

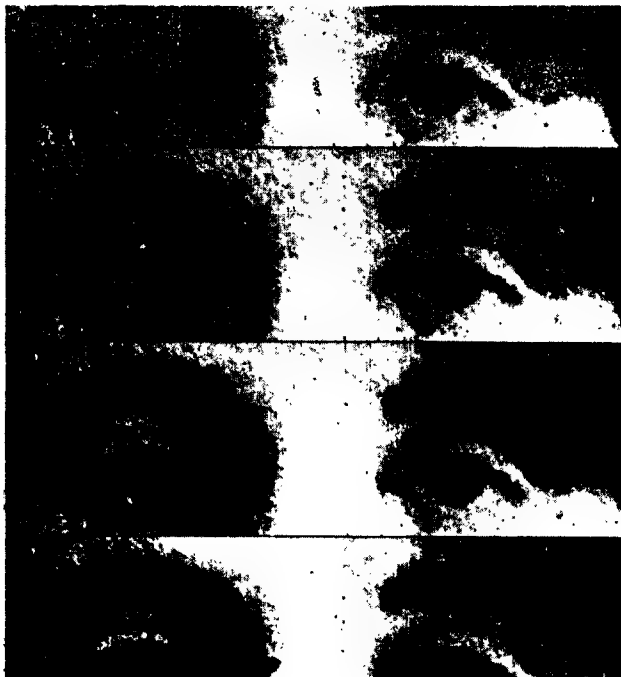
Deslaçar o que une a causa ao efeito (1) equivale a retirar ao pensamento uma das suas leis constitutivas anteriores e indispensáveis a toda a experiência. Terramoto a lançar confusão e angústia nas margens aprazíveis de onde, com olhos ensonados, homens prestes a transformarem-se em coisas seguem o fluir calmo da causalidade até ao mar visível, claro, sem sortilégios, da finalidade. Estes *voyeurs* aborrecem-se a decompor a realidade quando se analisam os factores da realidade: vê-se a análise dos factores. O sistema reflecte-se na análise, e a análise acaba por colorir o que analisa. De todos os pontos de vista, só se vê a própria vista; e esta nem sequer é de quem vê: é do sistema que — através da análise que vê a análise — vê o sistema. Perigos de se trilharem sempre os mesmos caminhos fáceis das séries condicionadas... Há outras leituras mais perturbadoras, outros nexos encendiados que nos levam sem sabermos como até às encruzilhadas de voluptuosidades alheias, onde o nosso destino se encontra subitamente no centro de outro destino e fulguram na vida os grandes relâmpagos da revelação. Quem nunca conseguir essa disponibilidade, ficará sempre excluído do conhecimento tangível.



«A flor dos amantes» — desenho de Nadja

Viver e pensar. Os surrealistas recusam em absoluto qualquer oposição entre estas categorias. Também escrevem livros. Ao contrário dos escritores profissionais, porém, tentam suplantar a insuficiência da escrita, a inanição e utopia do projecto de comunicar pelo modo literário, através da poesia, considerada esta não como exercício bizantino e aplicado de alguns talentos mais caprichosos, mas como testemunho levantado e intenso da vida a toda a altura, «da vida de fazer perder o fôlego». Trata-se de rejeitar em bloco o pouco da realidade imposto, bem como as «experiências» castradoras que o definem, e de fazer predominar em todas as circunstâncias da vida a vontade de abolir as fronteiras entre sonho e vigília, de reconciliar o homem consigo mesmo. Nascido duma reflexão sobre meios de expressão, o surrealismo pretende-se tentativa de expressão total. Nunca dissocia a libertação interior da satisfação das exigências da necessidade exterior, e isso leva-o a interrogar as formas errantes, a procurar revelar-lhes o sentido oculto em todos os domínios, quer se trate da linguagem, da rua ou do sonho.

Nadja é uma destas formas imbuídas de virtudes mágicas que fazem coincidir no mesmo encontro a «necessidade natural» e a «necessidade humana» (2). No mesmo encontro iluminado por todas as fogueiras da paixão, única luz que anula de facto a escuridão e abate as espessas muralhas erguidas entre a nossa



Os olhos de NADJA

vida e a necessidade natural das coisas. Não é pedir muito à vida — apenas o essencial — viver num estado de tensão sensível e propício ao estabelecimento de complicitades fulgurantes entre o coração, o pensamento e as leis de um universo que de nenhum modo nos é indiferente. Não é pedir-lhe muito — apenas não desmerecer dela — jogar no amor todas as chances de cumprimento supremo desse encontro, e saber reconhecer os sinais com que o mundo nos significa o seu acordo, saber reconhecê-los em todo o nosso tempo e todo o nosso espaço, só *no* quando verdadeiramente livres, conquistados em luta contra tudo o que reduz, destrói e mutila a tensão extrema do ser na conjunção maravilhosa do desejo e da realidade exterior. O amor selectivo, único e exclusivo, à sua maior altura, é o instante mais nítido da percepção do objecto interior no objecto exterior. Iludir a procura incessante dessa graça, trocar a expectativa exaltante que ela proporciona pelos exercícios regulares e maquinalis que constituem o sombrio horizonte de tantos desgraçados, ou pelas confortáveis carapaças dessa inteligência turva que engendra os preconceitos, as rotinas, os hábitos estéticos, as crostas de cultura estratificada que o rodeia — é medida fiel da abjecção, da demissão moral do que o homem é capaz.

As palavras que descrevem qualquer vida — e de certo modo, ao nível da literatura, se destinam a *compensá-la* — são de consumo imediato, meros sinais para troca que morrem assim que são lidos. Dela, a vida, têm feito «romances», relatos conscienciosos de «experiências» individuais encantadoras e horrorosas. A banalidade e a mesquinhez da maior parte dessas composições, bem como o repertório de atitudes cínicas que pressupõem nos seus autores, nada interessados na resolução dos principais problemas da vida, mas tão só na ilustração brilhante dos modestos alibis justificativos do que não serve para *nada*, excluem-se, é bem de ver, duma via como a surrealista (3), que procura recuperar a força intrínseca do espírito. Nesta perspectiva, situa-se a «voz de raros acentos» que se ergue de «Nadja», essa voz maravilhosa, comum, no fundo, a todos os homens, repassada do acordo profundo que os une, para além das fronteiras e dos interesses, na fraternidade verdadeira cuja língua universal é a poesia. É ela, provavelmente, a única capaz de exprimir a esperança de um futuro humano aceitável.

«Nadja, por ser em russo o começo da palavra esperança, e por não ser senão o começo». Na narrativa, o desaparecimento de Nadja coincide com a entrada na vida de Breton da mulher que se lhe impôs como a «viva encarnação da Quimera», aquela cuja perda determina os sonhos nocturnos e o sonho acordado dos *Vasos Comunicantes*. As coincidências inesperadas, as relações estranhas estabelecidas em redor de Nadja, a espécie de mensagem de que ela é portadora, constituem a revelação do que, após o seu afastamento, a mulher apaixonadamente amada iria encarnar. «Sem o teres desejado, vieste a substituir as formas que me eram mais familiares, muitas figuras do meu pressentimento. Nadja era uma delas, e está certo que a tenhas feito entrar em ocultação para mim. Só sei que essa substituição de figuras se detém em ti, porque és insubstituível, e seria com a tua presença que eu veria chegar para sempre o final desta sucessão de enigmas». Não foi assim para sempre, mas os instantes negros, os crueis desmentidos que a vida infligiu a esta aspiração

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

de manter as relações humanas a uma altura de verdade e de força a *perder de vista*, nunca corrigiram em André Breton o risco de apostar, «com a energia do desespero», no que a experiência dos seus sonhos lhe revela: não há decepções em amor. Na selva da solidão, entre os véus negros da noite, o encontro com o ser amado chega para fundir num «único bloco de luz» quem somos e quem não somos, nós e o Outro; nós e mundo.

O surrealismo sempre rejeitou qualquer conciliação com as condições sombrias da nossa existência. E na poesia viu sempre uma actividade capaz de transformar a mentalidade do homem face aos problemas fundamentais da sua condição e da sua existência. Mas esta poesia não é para fixar os materiais vivos da realidade: é para devorá-los. A sua única norma consiste no poder encantatório da acção e da linguagem entregues a si mesmas, pela primeira vez, em liberdade.

Viver assim exige uma consciência pura, hostil às convenções da época, aos hábitos, às repetições, ao alfabeto da civilização, absolutamente inapto para a verdadeira fala do homem. Exige essa maravilhosa disponibilidade de que a vida de André Breton foi exemplo constante: significar um *não* violento a tudo o que se interpõe entre nós e a nossa vida, a tudo o que impede o nosso integral reconhecimento nela; e um *sim* não menos veemente ao que leva a achar no tempo o ouro que lhe cabe.

«Quem vem lá? És tu, Nadja? É verdade que o *além*, todo o *além*, esteja nesta vida?»

Lisboa, Março de 72

ERNESTO SAMPAIO

NOTAS

(1) — «As noções de causa e efeito concentram-se e entrelaçam-se na de interdependência universal, em cujo seio a causa e o efeito trocam de lugar incessantemente. (...) A causalidade só pode ser entendida se a relacionarmos com a categoria do acaso objectivo, forma como se manifesta a necessidade». (Engels)

(2) — «O acaso seria a forma de manifestação da necessidade exterior que abre caminho no inconsciente humano». (Breton)

(3) — Por outro lado, o surrealismo dorme desde 1966 no cemitério de Montmartre. E não sabemos quando vai ressuscitar.



Breton: «Invejo (é um modo de falar) todo o homem que tem tempo de preparar algo assim como um livro...»

Na página dois: Eduardo Prado Coelho comenta os textos de Gastão Cruz e Eduarda Dionísio

A LITERATURA E A LATA

1 Segundo o relato duma das últimas sessões parlamentares, publicado nalguns jornais, a propósito da liberdade e das garantias de defesa de suspeitos e arguidos criminais, que alguns ilustres deputados reputavam fundamental na elaboração de determinado texto legal, teve um outro ilustre deputado a seguinte intervenção contestatória:

Eu, a título de aparte, lembro-me que, se um Sr. Deputado tivesse, por hipótese, entrado em sua casa e deixado à porta da mesma o seu automóvel e esse automóvel tivesse sido roubado, eu gostava de saber qual era a actividade desse Sr. Deputado relativamente ao indivíduo que lho tinha furtado. Se ia à Polícia Judiciária ou ao tribunal comum dizer: «Sr. Inspector da Polícia Judiciária, Sr. Delegado do Ministério Público roubaram o meu automóvel. Suspeito de determinado indivíduo, mas quero que o trate com todas as garantias. Veja, não se exceda na investigação, porque eu respeito muito a liberdade desse homem que me roubou o meu carro.» E o Sr. Deputado, com esses pruridos de consciência, quanto às liberdades e garantias de cada um, ficaria eternamente sem o seu carro.

Ao que (ainda segundo o mesmo relato) se ouviram vozes de não apoiado, chegando um dos ilustres deputados visados a exclamar, **que barbaridade.**

2 O **fait-divers** da actividade parlamentar veio curiosamente a propósito e ao encontro duma digestão que na altura ocupava o meu aparelho intelectual: nomeadamente, alguns dos aspectos essenciais da distinção entre o pronunciamento literário e o não-literário.

Distinção que, muito embora pareça oferecer-se-nos, à primeira vista bastante óbvia, revela-se deveras delicada e perturbadora quando caímos no plano operacional da descrição e explicação. Como e porquê dois textos escritos, ou falados, se opõem, um como literário e o outro como não-literário? Ou melhor, um como artístico e o outro como não-artístico?

O específico da literatura, compreendida como **arte**; a tal **literariedade**, em suma. E não só.

Ora ocorreu-me que um pouco de reflexão sobre o tal relato situar-nos-ia num domínio que em muito se aproxima do sector de realidade que constitui um dos campos privilegiados da operação literária: a procura de representação dum **real** - facto, acontecimento, ambiente, pessoa, etc. - por transferência ilustrativa - comparação, metáfora, etc. -, ou seja, a tentativa de encontro de uma formulação que, no afastamento momentâneo duma determinada **verdade de apreensão desse real**, visa **por e com isso mesmo** proporcionar a mais total e, noutro nível, mais densa apreensão duma outra **verdade**.

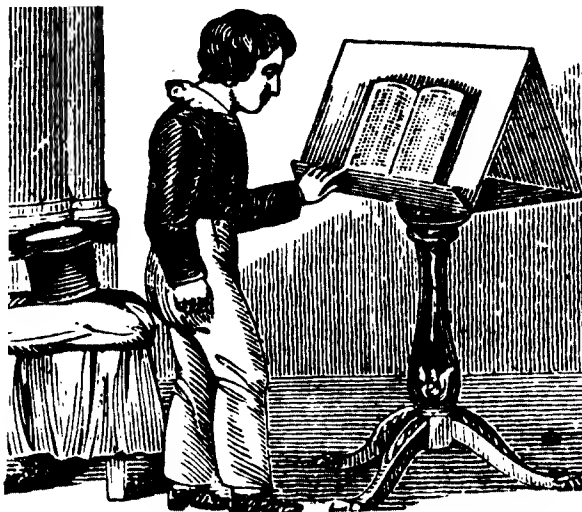
PRACA PUBLICA

Por FERNANDO ARROIO

de que se considera a **significante** por excelência, do mesmo **real**.

Ponhamos isso nos miúdos do concreto: também o ilustre deputado tentou, por meio duma comparação, revelar uma certa verdade que o facto original, primeiro termo da comparação, reteria oculta, difusa, ou, porventura, escamoteada. Tanto mais notável o esforço, quanto a verdade da apreensão no primeiro nível deveria ser intuitiva na revelação sintética da comparação como **inverdade**.

Aí está: um procedimento que os manuais respectivos



costumam catalogar como dos mais eficazmente funcionantes na elaboração da obra literária - com designação técnica e tudo: a **ironia**. Um procedimento situado na precisa raiz da distinção entre a literatura e as restantes artes quanto à sua capacidade de representação da realidade; dado que a linguagem que utiliza favorece muito mais a capacidade para abordar o que as pessoas pensam sentem e acreditam e, em consequência, as diferenças entre o que essas mesmas pessoas dizem e o que realmente pensam entre o que se crê que as coisas são e aquilo que **realmente** são.

Mas o ilustre deputado não conseguiu, sentimo-lo desde logo, proporcionar-nos um discurso literário. Não foi **artista**.

Porquê?

3 Fundamentalmente porque e aqui é que está a falha não chegou afinal a haver transferência, a tal transferência do **real** observado que conseguisse operar a fusão sintetizante e redutora a um único **real** dos dois termos da comparação. O que houve foi a denotação dum outro facto, dum outro **real**, permanecendo o original intocado, isolado, mas não excluído.

Ficámos com dois factos que podem ser duas verdades, duas inverdades, uma verdade e uma inverdade. Ou uma **barbaridade**, como foi o caso da designação do outro ilustre deputado.

Donde podemos igualmente concluir, alargando agora a aplicação do raciocínio, que também esta última formulação, não obstante a enganosa aparência de síntese do seu pronunciamento, não consegue constituir um discurso literário.

Nem uma outra, possível: **Proponho uma questão prévia: Saber-se quais os Srs. Deputados que possuem automóvel, para objectivamente verificarmos se o argumento é, ou não, praticável.**

Nem esta outra, em variante: **Impugno a discriminação subjacente, pois que a argumentação só poderá ser recepcionada pelos Srs. Deputados que efectivamente tenham carro.**

Parece-me evidente. Tão evidente como o que um artista diria na circunstância. Por exemplo, qualquer coisa no género de: **De maneira nenhuma. Porque o tipo foi estúpido à brava. Não teria sido muito mais fácil adquirir um automóvel a prestações? Umas tantas assinaturas, nuns tantos papéis, bastariam.**

4 Exemplarmente ainda, ocorrem-me agora duas cópias andaluzas, incluídas pelo prefaciador dum livro do desenhador e humorista catalão Perich no intuito de servirem a um propósito análogo.

A primeira diz o seguinte:

A pobre erva dos caminhos/pisam-na os caminantes/

Uma verdade como um templo, comenta de maneira muito espanhola o mesmo prefaciador. Mas, tal como nos declara logo de seguida, é totalmente desprovida de interesse literário; não houve a transferência. Um mero produto de escrevente e não de escritor.

Porque nenhum escritor deixaria de sentir-se envergonhado se a houvesse composto, se bem que isso não ocorresse porventura a um sacerdote, a um sociólogo, a um redactor do telejornal, a um deputado em transe subversivo.

Comparemo-la então com a outra **copla**, também andaluza, que reza desta maneira:

Que culpa tem o tomate/que está tranquilo na matá/ e vem um filho da mãe/que o mete numa lata/ e o manda pra Caracas.

5 Eis aqui superiormente expressada e de modo literário, uma verdade tremenda. Com uma força, uma síntese, um apuramento de convicção que a observação no plano imediato não proporcionaria. Com elementos próprios, adequados. E com material que muitos, **a priori**, talvez denunciassessem de não-literário.

Com tomates, surpreendentemente.

A PRÁTICA INSIGNIFICANTE DE EDUARDA DIONÍSIO E UM TEXTO DE GASTÃO CRUZ

Por EDUARDO PRADO COELHO

1. Em carta publicada no suplemento do **Diário de Lisboa** de 24 de Março, responde Eduarda Dionísio à «provação» de que foi alvo. A sua reacção decepcionou-me. Tentarei explicar porquê.

Se E. D. considera que, neste momento e neste País, a polémica só pode constituir uma actividade publicitária, seria de supor que se lhe deparavam duas hipóteses: ou recusava a sua participação num jogo antecipadamente viciado, ou procurava convertê-lo a outras regras, conduzindo a discussão para o terreno sério onde ela se deveria ter desenrolado desde o início. Não sucedeu nem uma coisa nem outra. Pelo contrário, E. D. **apenas** responde ao que no meu texto de 17 de Março era simples retórica polémica (ao que **não tem resposta**), e ignora por completo os problemas que, tanto nesse artigo como no anterior («A função crítica»), formulei (e que existem, como o vem provar uma intervenção de Gastão Cruz, que os procura abordar com rigor e serenidade). Assim, embora contestando a polémica, E.D., viu-se forçada (mas por quem?) a responder apenas no nível polémico mais rasteiro. O resultado é um texto frouxo e perfeitamente insignificante, que nada justifica, porque falha em todas as frentes.

Por isso me desilude. Ao contrário de E.D., não creio que a polémica somente vise a promoção publicitária daqueles que nela participam. Será

preciso recordar que alguns «neo-realistas» que E. D., bem conhece entraram activa, e por vezes brilhantemente, em polémicas que com justiça ficaram célebres? Em que mudou o País, em que se alterou o seu «momento», para que a polémica tivesse perdido sentido e função? Tratava-se também de manobras de publicidade pessoal? Não terei a incorrecção de o pensar.

2. Dado o vazio da carta de E. D., não vejo quase nada a que responder. Poder-se-à, quando muito, perguntar qual o meu interesse **actual** na actividade polémica? Delírio ainda publicitário, vício enraizado ou apenas homenagem a um «começo de vida» (em que, intervindo numa polémica entre Vergílio Ferreira e Pinheiro Torres, obtive a simpatia e o apoio de alguns «neo-realistas» do momento)? Poder-se-à também observar que designar um crítico de «mestre-escola» não é qualquer «graça» que pretenda aludir a sua profissão (o ensino é sempre uma actividade de extremamente séria e respeitável), mas, sim, uma caracterização da sua mentalidade **como crítico**. Poder-se-à, por fim, observar que a colaboração em vários jornais e revistas (académicos ou não...) me não prende a nenhuma dessas publicações, das quais não sou nem responsável, nem muito menos editor.

E é tudo - muito pouco, ou nada.

3. Resta-nos reflectir tranquilamente. E esclarecer o públi-

co - respeitando-o.

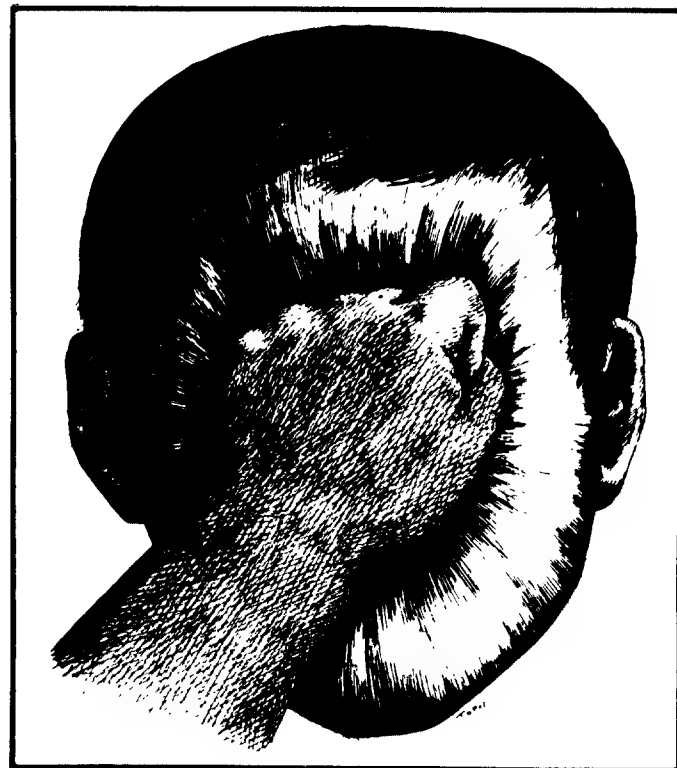
Em Novembro de 1971, saiu o primeiro número do jornal **Crítica**. A sua concepção e o quadro dos seus colaboradores, assim como algumas declarações radicalmente críticas em relação ao que então se fazia em Portugal (fosse no plano da crítica literária, teatral ou cinematográfica), sugeriam ao leitor que se tratava de uma publicação que vinha dar um lugar ao exercício da «nova crítica». Assim apareceu escrito em «fórmula» que encimava o relato de uma «mesa-redonda» para o **Diário de Lisboa**. Tudo levava a crer (e foi essa a interpretação do público desprevenido) que **Crítica** constituía um jornal empenhado na divulgação e na prática de métodos críticos **efectivamente novos**, em ruptura visível com a tradição impressionista dominante. Daí a sua importância estratégica na conjuntura cultural portuguesa. Importância a não comprometer com erros e inabilidades tácticas.

Havia, já o disse, muitas limitações. Observou-se desde logo um tecnicismo formalista e asséptico, uma neutralidade ideológica, um academismo modernista e uma ausência de fundamentação teórica. Registrava-se, é certo, um excelente quadro de colaboradores, mas não parecia haver entre eles

e a direcção do jornal uma **colaboração efectiva**, na medida em que funcionavam em regime de «encomendas» (o que se depreende das próprias afirmações de E.D., à referida «mesa redonda»). A falta de uma fundamentação teórica e a inexistência de um verdadeiro trabalho de grupo tornavam o jornal particularmente vulnerável: a sua «táctica» era, muitas vezes, tocada por certas simpatias-antipatias pessoais, algumas herdadas de outros horizontes já longínquos. Tudo isto me levava a discordar do jornal **Crítica**, embora reconhecesse que se tratava de um empreendimento corajoso e parcialmente útil.

Por razões **apenas pessoais**, não me interessava colaborar nele, o que não quer dizer que o não fizesse se para isso visse justificações mais profundas. Mas **não me interessava**. Embora me interessasse respeitar, para além de discordâncias em relação à direcção, o que o jornal publicamente representava e o trabalho que nele realizavam algumas pessoas por quem tenho a maior estima e admiração.

Não estou (**nunca estive**) de acordo com a ala positivista da «nova crítica»: inúmeros textos meus, bastante anteriores, o podem confirmar. Não me repugnava que essas contradições internas do movimen-



to se viessem mais tarde ou mais cedo a exteriorizar politicamente: um divide-se em dois, não é verdade? Contudo, partindo de uma análise da conjuntura cultural, não julgava oportuno o desenvolvimento da contradição. E é neste ponto que o grupo do jornal **Crítica** terá provavelmente errado: sobrepôs divergências pessoais a questões de estratégia teórica; iniciou (ao nível das alusões que lhe é habitual) um processo polémico que privilegiava contradições secundárias em prejuízo da principal.

Foi apenas isto (e não o **facto pessoal** de não ter sido convidado a colaborar) que motivou o meu artigo «A função crítica». Certo parágrafo de «Sublinhados nossos» abria um precedente desagradável, quebrando um pacto implícito de público respeito mútuo. Talvez a discussão se pudesse desenrolar de outro modo: como Gastão Cruz o faz, por exemplo.

Continua na pag. sete

MALANGATANA, EMMÉRICO NUNES, SIMBOLISTAS E SURREALISTAS BELGAS

MALANGATANA
S.N.B.A. e Galeira Buchholz

A descoberta das raízes e realidades da arte africana está comprometida, em relação à perspectiva cultural europeia, pelos elementos de civilização que informam a trajetória crítica da nossa visão. Ao longo de muitos séculos, a arte dos países europeus condensou-se em blocos de um mesmo universo, enquanto que as tribos africanas se constituíram em universos separados que diferem extraordinariamente uns dos outros, produzindo tipos de arte que se tocam muito mais à superfície do que à primeira vista se imagina. A arte e a religião aparecem aqui intimamente solidárias, conferindo durabilidade às formas produzidas por tais culturas. William Fagg acentua que, desenvolvendo cada tribo uma religião própria (um dos aspectos que a definem e caracterizam como tribo), a arte que produz nasce encerrada num contexto de sinais específicos, autónomos, alheios aos sinais das artes vizinhas. Abordada segundo os nossos hábitos, a nossa cultura visual e os nossos conhecimentos técnicos, vista pelo prisma dos nossos valores e das nossas interrogações, a obra de arte originária de culturas africanas resulta deformada nos seus intuitos e aspirações. Num estudo publicado entre nós, Adriano de Carvalho afirmava que «tais obras continuaram na realidade ignoradas no seu significado mais profundo como produtos de dadas civilizações, na sua função dentro das respectivas sociedades, nos objectivos que presidiram à sua criação, nas verdadeiras motivações individuais ou colectivas, em tudo aquilo, em suma, cuja compreensão se reconhecia ao mesmo tempo indispensável ao entendimento da nossa própria arte».

A PINTURA DE MALANGATANA

O pintor moçambicano Malangatana não pode ser inteiramente

colocado na base da situação acima expressa nem no mesmo plano das nossas indecisões e imprecisões de leitura aos objectos da arte africana. De facto, ele não pertence a um contexto tribal assim definido e as relações de comunicação estabelecidas pelas nações colonizadoras no continente africano deslocaram o imobilismo dos contactos. Malangatana aflora, pelo contrário, o ritmo de uma outra cultura e sobretudo os problemas técnicos de um outro tipo de representação, o que se nos torna mais evidente se considerarmos a não existência, em África, de uma produção pictórica autónoma, pois esta é quase sempre subsidiária da escultura, da religião ou da manufactura de adereços destinados à vida quotidiana. Mas o estado de «pureza» deste pintor, a sua resistência às contaminações originadas por outras coordenadas culturais (citam-se as europeias, naturalmente), contribuem para o singularizar perante a decisão do nosso olhar. Malangatana, embora assumindo o processo técnico da representação num suporte sem função utilitária ou ritualista, conserva uma linguagem que directamente se relaciona com as realidades do seu espaço geográfico, com as memórias e os fantasmas de uma ancestralidade povoada de ritos e mitos, com o fluir de um mundo fantástico justificado pelas intervenções mágicas e pelo poder dos deuses. A força telúrica da sua pintura, a explosão sensual das suas cores e a presença mítica dos seus monstros, percorrem a palpitação ingénua de uma escrita que exprime os sonhos e pesadelos de um povo. A espontaneidade informa o processo técnico dessa escrita, é o sinal de uma liberdade assumida, é o sentido da própria magia que a pintura exprime, na sua beleza primária e na sua conjuração, entre o espectáculo da malícia, dos feitios, das histórias quotidianas e do erotismo. C fluir da vida, contado com singeleza ou com brutalidade, lê-se em quadros cujo espaço é obstruído por um conjunto parietal de figuras humanas, de monstros sacrílegos, de símbolos do bem e do mal, de olhos imobilizados hip-

Por ROCHA DE SOUSA



Malangatana: o valor da experiência pessoal

nóticamente, de restos e larvas do pensamento colectivo. Malangatana pinta obsessivamente a presença dos seus irmãos de raça, a sua vida familiar e as raízes da sua crença, o seu trabalho, as suas alegrias e os seus receios, fazendo por vezes a narracão violenta (e a denúncia) dos obscurantismos que prendem essa gente de olhar fixo ao fundo vago da sua história. Em tudo isto, não há apenas medo, magia, sonho e memória: há também humor. Um humor que se desprende da própria intenção narrativa (e poética) dos títulos de grande parte dos quadros pintados por Malangatana: «Pois, antes do casamento, a tia Hehlise deu-lhe todos os bichos que lhe auxiliaram o trabalho»; «O saco que carregou é branco

como a barriga dos meus olhos». Estes títulos, na verdade, tecem uma referência narrativa e poética aos temas assumidos pela forma pictórica, contém um travo de subtil ironia, e exprimem, ao mesmo tempo, o valor da experiência pessoal (do autor) no quadro das relações com o grupo étnico a que ele pertence — e pelo qual assume e explica o seu enraizamento.

EXPOSIÇÃO DA OBRA DE EMMÉRICO NUNES

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo, à semelhança do que tem feito com outros artistas portugueses (Mário Eloy, António Carneiro, Amadeo, Eduardo Viana e Bernardo Marques, por exemplo), apresentou agora uma exposição sobre a obra de Emmérico Nunes (1888-1968), «testemunho, bem representativo, de um tempo nosso, o tempo dos modernistas e humoristas, da rutura com os naturalistas, com todos os do passado». A exposição, montada com cuidado, pretende-se de ensinamentos e de meditação, permitindo «conclusões que levarão ao maior respeito e admiração pelos nossos artistas do passado». A obra de Emmérico Nunes, mostrada em tal perspectiva, terá de abrir-se a um estudo crítico mais demorado, a revelar «os efeitos da aculturação que tenha recebido da Alemanha, como a senti Mário Eloy e se verificou por via de Grosz; em Bernardo Marques».

O catálogo da exposição é acompanhado por um texto autobiográfico em que Emmérico Nunes descreve os acontecimentos fundamentais da sua vida até 1962. Trata-se de um documento precioso que permite uma valiação sentida do trajecto percorrido pelo autor, dos seus sacrifícios e das suas esperanças, da sua maneira de se situar no mundo e do modo como obteve a sua formação. Emmérico Nunes colaborou efectivamente em vários jornais estrangeiros, sobretudo

na Alemanha, como artista gráfico e ilustrador, devendo a esse longo compromisso a maior parte do seu trabalho e a melhor parte da sua formação profissional. Com efeito, a sua obra de pintor, embora marcada por evidente capacidade oficial e pelas virtudes de um talento natural, em nada se furta às incidências académicas da informação que a gerou, alcançando, mesmo assim, uma certa qualidade provocatória quando «comenta» ou «ilustra» os hábitos e comportamentos da sociedade de que foi contemporânea. Emmérico Nunes destaca-se, no entanto, como ilustrador humorístico — e mais como ilustrador humorístico do que como artista gráfico. A qualidade visual da sua escrita, nesse plano, fica em grande medida a dever-se à propriedade e à justeza da observação, ao rigor musical da linha, à subtil ironia das anotações marginais. Tudo isso contribui para a instauração de um desenho que é crítico, além de humor, e que nos coloca efectivamente perante a realidade de certos contextos sociais — não apenas do nosso, como se compreende, mas também daqueles onde a vida de Emmérico Nunes se cumpriu na sua fase mais decisiva.

«A minha vida foi uma luta constante, persistente — escreve Emmérico Nunes a certa altura da sua autobiografia, já depois da Segunda Guerra Mundial. — Iniciei a minha carreira artística com enorme facilidade e êxito. Fui talvez dos artistas do meu tempo o que deixa maior obra como desenhador humorístico no estrangeiro. Creio que se não vingasse o movimento Nazi na Alemanha, com todas as suas perseguições e intolerâncias, eu nunca teria deixado Munique. Ali teria ficado definitivamente, continuando a minha carreira artística com maior êxito do que no meu país. O que aqui consegui foi à custa de extenuante trabalho, sujeição e sofrimento, tanto de ordem moral como material. Nunca dirigi pedidos a organismos do Estado, fui sempre nesse ponto demasiado escrupuloso e honesto, sendo esta, de facto, a única qualidade que reconheço possuir: honesto no trabalho e esforcando-me por o ser também em todos os actos da minha vida».

EM PARIS: SIMBOLISTAS E SURREALISTAS BELGAS

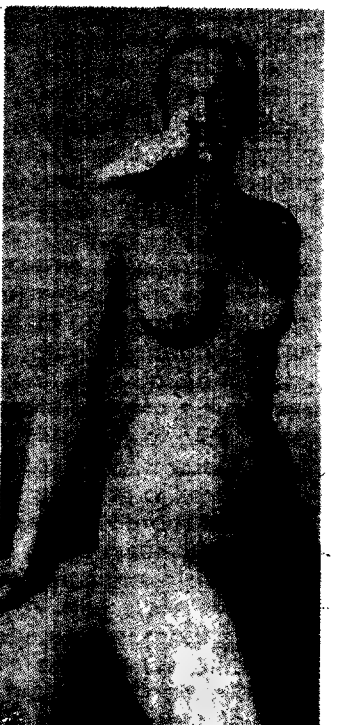
No Petit Palais e no Grand Palais, duas exposições, duas perspectivas históricas da pintura, confrontaram-se — complementariamente. O acontecimento mereceu de Michel Conil Lacoste («Le Monde», 1/3/72) o seguinte comentário:

«De certa maneira, há mais afinidades doutrinares e estéticas (e mais analogias biográficas) entre simbolistas belgas como Delville, Frederic ou mesmo Khnopff, e os pré-rafaelitas ingleses (que, no Petit Palais, acompanham Lawrence e Raeburn, prolongando Turner, War, Fuseli e Blake no sentido de um romantismo iniciático e de um medievismo esbatido) do que entre os próprios simbolistas belgas e os seus compatriotas surrealistas da geração seguinte, Magritte e Delvaux, aos quais a muito estimulante exposição do Grand Palais os associa sob a inscrição de «pintura imaginária»: um título que assentaria bem a

parte da manifestação inglesa».

O romantismo inglês prolongou a sua última expressão na «Fraternidade Pré-rafaelita», fundada em 1848, e na qual se destacam Gábrriel Rossetti, Holman Hunt, John Millais e Madox Brown. O movimento durou apenas cerca de cinco anos, associando o medievismo e o fervor religioso à observação intensa do mundo real.

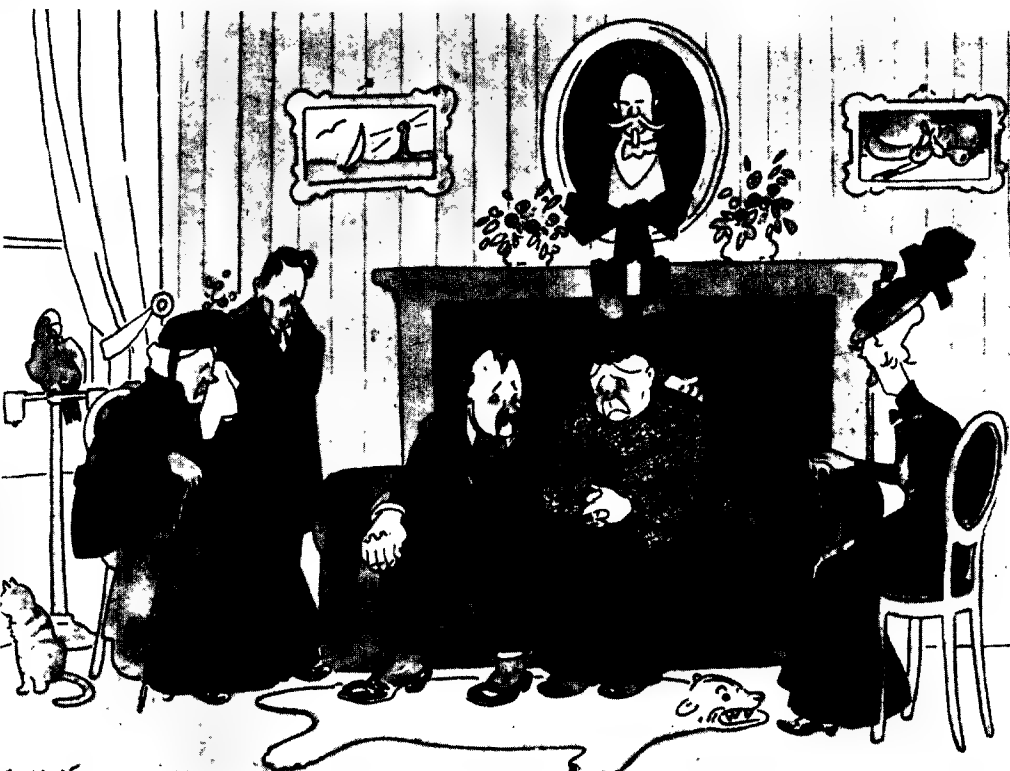
A exposição dos simbolistas e surrealistas belgas foi organizada pelo serviço belga de propaganda artística e pela Associação francesa de acção artística. Entre o «Empire des Lumières», de Magritte, e «Maison du mystère», de Degouve de Nuncques, o mais aristocrata e ao mesmo tempo o mais sonhador e manierista



Magritte: A magia negra

dos simbolistas belgas, vários encontros se estabelecem: simbolistas e surrealistas têm em comum o sonho, o transporte para o outro lado das aparências, abrindo a sua pintura ao impossível e ao irracional. Tanto uns como outros, acreditam principalmente nas virtudes e nos poderes da imagem. Nos simbolistas, em todo o caso, o significado das imagens fica mais preso, ou vinculado, à emoção do criador, enquanto que os surrealistas projectam as imagens para além de si próprios. Apenas com o intervalo de uma geração, os imaginários simbolistas e os imaginários surrealistas são, por caminhos diferentes, os «agremensores de um domínio encantado» — domínio aliás deliado ou definido pela própria perspectiva da notável exposição apresentada no Grand Palais. O interesse e a raridade da exposição reside, em grande medida, no fascinante conjunto dos simbolistas, num panorama raramente conseguido a esse nível. Entre os artistas documentados, citam-se Degouve de Nuncques, Delville, Khnopff, De Groux, Fabry, Louis Frédéric, Mellery, Montald e Félicien Rops.

Magritte e Delvaux estiveram, por seu turno, amplamente representados, pontos de absurdo e da manipulação das aparências, capazes de dilatar o significado dos objectos pelo lado das suas relações menos plausíveis.



Emmérico Nunes: Visita de pésames

E. H. Nunes

Um texto de
ANTÓNIO RAMOS ROSA

A autonomia do texto ou a criação da criação

«Le rôle de l'artiste n'est plus de créer
une oeuvre mais de créer la création.»
Schöffer

Bloco — a palavra compacta na brancura do papel, pura forma, polarização de uma ânsia opressa, estacada pressa de uma urgência de palavra na opressão do silêncio, na aflição do soluço, na iminente náusea. A violência de tudo isso e contra tudo isso. A primeira figura do silêncio e contra o silêncio. Bloco, dizia, onde ecoa o oco da defrontação com a brancura da página, figura de nesceência, coagular da ânsia em forma de linguagem, suspensão, vazio, brancura — tudo isso se condensa num significante que surge como a primeira forma da temporalização criadora. Quando falamos de ânsia, opressão, **estacada pressa**, não estamos a referir-nos a sentimentos existenciais exteriores ou anteriores à criação ou produção do texto, mas ainda ao próprio movimento criador, à sua turbilhante negatividade, ou seja, ao vazio da criação. Bloco poderia ser, pois, o significante desse primeiro momento da criação, o primeiro gesto de inscrição que inclui em si toda a dificuldade de um primeiro arranque e já, talvez, o pressentimento, a primeira forma (figura) do corpo do poema — e do seu objecto: o corpo. A palavra nasceu do adensar-se do silêncio, dele e contra ele, até à sufocação, num estalar do sentido (a polivalência semântica está na génese do sentido), na indeterminação da possibilidade e na vertigem dela. «O acto de criação precipita na indeterminação o mundo existente». (1) E o momento em que a totalidade se manifesta na confusão originária. Esse momento não é o do dado, do real constituído, pela «simples razão de que nele não há nem dado nem pensamento constituído». (2) E o momento nascente do real, o momento da indivisão originária em que o mundo ainda não se destacou do pensamento para se constituir em objecto.

Momento em que o todo fica «suspense na ponta de um gesto que prossegue na sua marcha». (3) Por um preconceito aristotélico, chama-se amiúde exclusivamente real ao «concreto», ao real objectivado, real objectivo e confere-se à arte o papel subalterno de o **reflectir**. Ora, o momento da criação afasta-se do real constituído, já estratificado e hierarquizado em níveis significativos e revela-se-nos como momento da constituição ou produção do sentido — e, consequentemente, do mundo que ele suscita. E aqui surge-nos o significante com toda a sua força propulsora. Bloco — tal era o nosso exemplo — surgiram-nos como um nó de tensões significativas, para lá ou para cá do significado da palavra, o qual, por seu turno, se potencializa nesta dinâmica de pré e polivalência, como que advindo ele próprio ao significante. Os significantes vão produzindo o texto e o seu sentido ou sentidos (aliás, o sentido, aqui, é sempre plural) mas, antes de tudo e sobretudo, constituem a produção do sentido, a temporalização criadora. Assim, a produção do texto não está subordinada à repetição dos **significados** que o real constituído nos fornece. O sentido do texto é o acto da sua própria produção, a sua função é mostrar-se, manifestar-se, e ao fazê-lo manifestar-se a si e ao mundo, manifestar a possibilidade do mundo e a possibilidade de libertá-lo.

Porque não se trata apenas de palavras — formas-de-expressão ou meios-de-expressão, mas de formas criadoras, produtoras de sentido na sua realidade materializante e material, originária. As

formas de expressão por muito que digam ou queiram dizer nada serão se em si não contiverem a força do acto materializador que supere a sua subalternidade de expressiva e as imponha como valores criadores ou produtivos — valores em que o real se liberta a partir da força textual do significante. E isto decerto não é tarefa fácil. Não é decerto a liberdade que o poeta começa por encontrar no primeiro movimento da pena. Não se trata de escrever seja o que for, mas deseja-se escrever não se sabe o quê, vai-se escrever ou não — o que o decidirá? — inicia-se uma surda luta plena de tensão cujo primeiro resultado poderá ser esse primeiro significante: bloco.

Mas detenhamo-nos num exemplo que não seja apenas uma simples palavra, o de dois versos de um soneto de Pedro Tamen:

Que se calou tão de repente braço
disperso e largo de Brasil distante?

Será possível ler estes versos fora de óptica da produção autónoma do texto? Que referência lhes dar ou que conteúdo lhes atribuir? Se no real não existe nada de que estes versos possam ser o **reflexo**, mesmo deformados ou transpostos, estaremos perante um simples disparate. E claro que estamos se formos buscar ao real a referência ou o conteúdo deles. Está certo, pois, dizer-se que, como expressão do real, estes versos não têm sentido algum. Tentemos agora a nossa leitura literal apoiando-nos na própria dinâmica materializadora dos significantes. **Que se calou tão de repente braço** — eis, sem dúvida, uma pura exploração de sentido a partir do não-sentido e do vazio criador. O verso não exprime nada, surge do nada, da suspensão de todo o real, realiza essa mesma suspensão de que partiu, vai até ao extremo de si, figura o seu próprio movimento que é o da sua temporalização, não é nada do mundo nem diz nada do mundo, mas na sua inaniidade e ausência de significação, que é o seu vazio, abre o mundo e produz o sentido, cria a criação. O não-sentido devém sentido, o que não pode ser dito nem expresso é criado, surge como linguagem do silêncio e silêncio da linguagem. Assim, frente à página, esse primeiro momento do vazio criador, resolveu-se numa concreção de linguagem, materializou-se **tão de repente braço**. Na palavra **braço** veio concretizar-se a tensão-distensão do acto criador. **Braço** é ainda a violência do acto criador, a contradição do silêncio e da iminência da palavra na resolução que a linguagem lhe dá. E o princípio do poema a significar-se. Ele nada significa que não seja o movimento que o criou e que ele próprio repercute como forma nascente. Nada nos diz este verso de uma ordem existente porque ele é o próprio movimento da aparição indivisível de uma forma nascente. No segundo verso lemos um outro movimento em que a distensão prevalece. A energia propaga-se por uma área infinitamente mais vasta e o verso ressoa como um gesto de dissipação. (Note-se, aliás a repetição do fonema **dis**). Afastando-nos da leitura simbólica dos significantes, quebrámos a suposta continuidade dos dois versos, lêmo-los segundo a sua própria dinâmica material, criadora — por outros termos, segundo a sua própria constituição.

(1) M. Loreau, «L'oeuvre d'art comme création», in *Revue Métaphysique et de Morale*, Avril-Juin 1967.

(2) Idem.

(3) Idem.

A DI

O RECA DO

REALIZAÇÃO, ARGUMENTO E DIÁLOGOS
de José Fonseca e Costa;
FOTOGRAFIA de Roberto Ochoa;
MÚSICA de Rui Cardoso;
INTÉRPRETES: Maria Cabral, Paco Nieto,
José Viana, Luís Rocha, Luís Martin,
António Beringela, Luís Barradas,
Paula Ferreira, Adelaide João,
Álvaro Santos, Constança Navarro,
António Polónio, Sacadura Bretzz;
PRODUÇÃO: Unifilme
e Centro Português de Cinema.

Compreende-se a inquietação. «O Recado», como todos os recados, corre o risco de não atingir os seus destinatários que não se podem identificar somente com aquele grupo de pessoas que estaria, por uma razão ou por outra, em melhores condições para compreender e dominar a deambulação, forçosamente pessoal mas não só, dum filme com chaves.

«O Recado», de José Fonseca e Costa, é uma obra simples dentro dum tom procurado. O problema reside no onde se quer chegar, nos objectivos e é evidente também, num meio feito por razões de circunstância, que houve que sugerir onde tudo indicava — «O Recado», queira-se ou não, testemunha — que fosse preferível mostrar.

Mesmo assim, uma segunda visão estabelece uma série de intenções e essas intenções são servidas por uma relativa claridade. O próprio diálogo, que nos pareceu extremamente eficaz, fornece pistas que, ao nível da construção do argumento ou da recolha de situações significativas, seria impossível levar mais além. É sintomática uma frase, a respeito de Lúcia:

— «Isto» não tem nada a ver com ela, embora ela pense que sim.

Para nós, isso exemplifica o reencontro de Lúcia com a sua classe. Exemplifica ainda o facto da mesma Lúcia, muito embora pudessemos rever Francisco e vir a receber um último recado, acabar por não cumpri-lo. No fundo, «aquilo» não era com ela pois, sob o ponto de vista social, Lúcia vivia num regime de liberdade vigiada (e tolerada pela classe donde emanava) que dura o tempo das ilusões e tem apenas as ilusões dum idealismo mais emocional do que coerente.

Quando se capacita que já não adianta mentir mais, Lúcia destrói narcisisticamente um passado que nunca foi participação, fecha de vez a memória dum momento psicológico que nunca foi luta e que não ultrapassou o nível, nunca demasiado perigoso, da «atitude». Lúcia tem, por instantes, a consciência da gaiola em que vive e a sua conversa desentendida com a amiga demonstra-o bem. Mas isso não quer dizer que ela queira sair de lá.

Claro que há personagens que estão aí.



Tratar as coisas pelo seu próprio nome

STÂNCIA E A NITIDEZ

Por JOSÉ VAZ PEREIRA

absurda. O que não há dúvida é que «O Recado» constrói-se dentro dum conhecimento e duma vivência. Ora isso acaba por conferir ao filme um tom de autenticidade e de verdade, razões artísticas para as quais ainda não se encontrou substituto válido.

Outra vantagem, e grande, duma obra que esperamos sinceramente venha a ser discutida, comentada e analisada com amplitude é receber a cobertura jornalística que merece reside no facto de se ter evitado esse país imaginário onde geralmente os realizadores fazem cair os seus evasivos filmes. «O Recado» situa-nos, por todo um registo de filtragem quotidiana (o noticiário, o folhetim do sabonete/dentífrico, o boletim do totobola, procissões, familiaridade de locais) dentro duma realidade superficialmente pachorrenta, bem mais agreste quando se dobra a esquina e ultrapassa a fachada. Filme duma moleza que, ao mesmo tempo, nos conserva e nos vai corroendo. Percurso, em certa maneira, de condenados: «Maldevivre» condenado a esperar, Francisco condenado a perder, António condenado a comprar, Lúcia condenada a viver — todo esse mundo coexiste, tem ligações fragmentadas mas está impedido de se identificar. «O Recado» reconhece que os laços que porventura se estabeleceram em momentos ocasionais de euforia não resistem ao dia-a-dia («o que o tempo faz de nós»), nem ao azedume das horas nem à voracidade dos interesses.

Julgamos muito importante que o filme de José Fonseca e Costa, em todos os seus aspectos, esteja livre de adaptação. Há pois uma escrita feita especificamente (e desde o primeiro momento) para o cinema e o trabalho duma equipa a concretizá-la. É isso, sem dúvida, um dos motivos que faz com que este filme aparentemente tão complexo, **actue**. A uma unicidade de resultados cinematográficos corresponde uma unicidade de tarefas cinematográficas.

Parece-nos que «O Recado» vai mais longe numa cinematografia que normalmente parece paralizada pela timidez ou pela evasão. Ele acaba por tratar as coisas pelo seu próprio nome, se o espectador tiver realmente vontade de aderir e não de se afastar. Ele lança coordenadas muito significativas num processo em que quase sempre escolhemos as meias-tintas como cor de fundo. Ele destrói alguns mitos negativos no aspecto de execução: a incapacidade de fazer filmes tecnicamente apresentáveis, a impossibilidade de dirigir actores com eficiência, mesmo os secundários e até esse argumento monstruoso de que a língua portuguesa «não era boa para o cinema».

É importante ver «O Recado». E vê-lo, para nós, significa recebê-lo.



«O RECAD0»: uma escrita feita para o cinema e o trabalho duma equipa a concretizá-la.

para demonstrar que a gente que rodeia Lúcia não é a única que existe e «Maldevivre» estabelece, porventura, a precária ligação à essencialidade das coisas e à vontade de resistir. No entanto, essa negação necessária da mentira embusteira de «somos só nós que contamos» não invalida que o peso do filme passe, na sua maior importância, pela personagem de Lúcia. Fonseca e Costa mostra-nos o quadro geral onde ela vive, mostra como ela vai cortando os laços com indivíduos autênticos, ainda que marginais mas está, em certa medida, preso à sua evolução pois, da sua previsível cedência tirará conclusões que poderão dar uma ressonância muito especial a um caso particular. Lúcia representa e personifica, para lá da cobardia, gente que foi domesticada ou «preparada para ser doméstica».

«O Recado» é um filme pensado em 50 e feito em 71. O que está longe de ser um mal. A sua maior força, a dilaceração que retrata, reside precisamente aí. Trata-se dum ponto de vista que encerra um certo egoísmo de apreciação pois o próprio realizador decla-

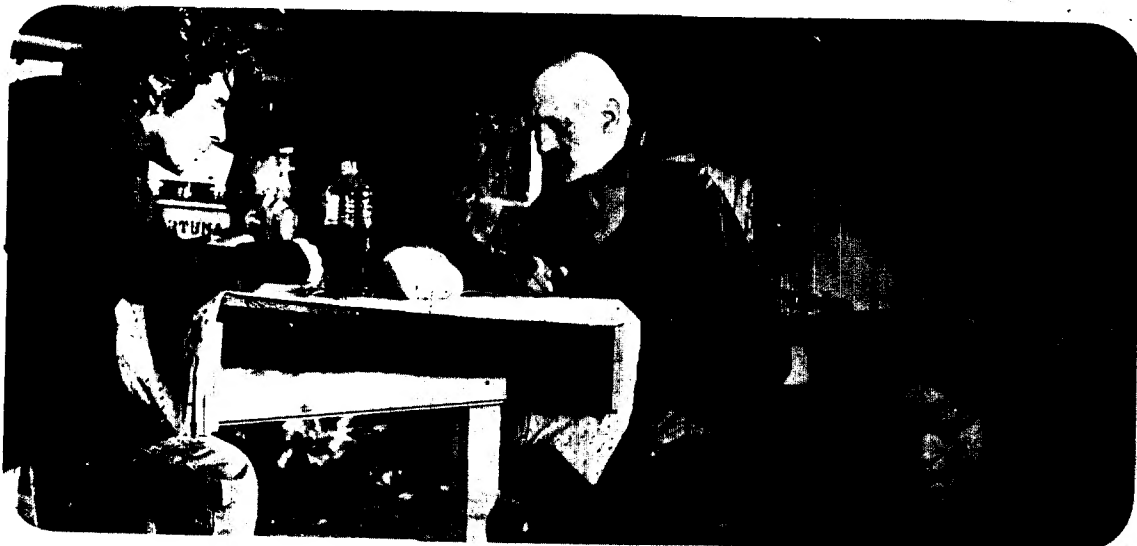
rou que gostaria de ter concluído o filme na mesma altura que o havia pensado, no momento em que ele tinha surgido como uma necessidade afirmativa ligada a um meio de expressão que o autor escolhera.

Mas no momento que o filme aparece agora (ou só agora) não se está apenas a relatar ou a mostrar o impacto duma determinada realidade. Está-se, pela distância, pelo amadurecimento, a pensar o que é ter vinte anos em 1950 e a ver, muito mais friamente, quais os limites do tal idealismo emocional, quando não retórico, qual a responsabilidade duma geração que entrou no jogo com baralhos viciados. Por isso, repetimos, «O Recado» que poderia ter indignado em 1955 e ingénuo, já não é ingénuo em 1972 e, devido à maneira hábil como retrata um mal-estar, torna-se uma das obras que conhecemos que melhor explora uma zona onde tantos criadores talentosos têm falhado: a paisagem da má consciência. Isso, insistimos, talvez não fosse possível **antes**. A distância, por mais contraditório que pareça, dá a nitidez.

A tese de que Lúcia é o autor parece-nos



Lúcia — ou as ilusões dum idealismo



«O Recado»: os momentos ocasionais de euforia não resistem ao dia a dia nem ao azedume das horas.



BANCO

INTERCONTINENTAL PORTUGAL

ABRINDO O NOVO ADO ESPAÇO ECONÓMICO

CINCO CARTAS CINCO

De rajada, dia após dia, recebemos (até ao momento) cinco cartas sobre o mesmo assunto. Dos respectivos conteúdos passamos a dar conhecimento público.

1.ª carta

CENTRO DE GRAVURA

O que é o CENTRO DE GRAVURA?
Vocês sabem o que é o

CENTRO DE GRAVURA?

2.ª carta

— Onde funciona o Centro de Gravura?
— Ah! Mas ele funciona?...

3.ª carta

Já investigaram o que se passa no Centro de Gravura? Ainda não?!
(Que falta de curiosidade!!!!!!!)

4.ª carta

Não. Não vale a pena insistir!
Não vos digo o que se passa no

CENTRO DE GRAVURA

INVESTIGUEM!

VÁ! INVESTIGUEM!

5.ª carta

Não conseguiram saber nada a respeito do CENTRO DE GRAVURA?
Não sabem o que se passa?!
Não estão interessados?!
Estão fartos disto?!
Mas, então?
Mas então?!
Mas então?!... Para que serve o vosso Suplemento Literário?

PARA EMBRULHAR CASTANHAS?

Eis uma curiosa (se bem que malcriada) maneira de chamar a atenção deste Suplemento para a existência do tal **Centro de Gravura** — que não consta na Lista Telefónica, não é a **Cooperativa Gravura** nem o Centro de Gravura que funciona na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Gastam-se (e fica barato!) cinco escudos de selos para a promoção de algo de que se não fornecem os dados basicamente informativos!

Sabe o leitor o que é o CENTRO DE GRAVURA? Sabe onde funciona, como funciona e para quê? Ótimo. Então participe (caso entenda) sem esperar a propaganda canalizada por este Suplemento.

Ah! mas não sabe?

Então está como nós — que não somos adivinhos nem detectives culturais.

Não sabendo, também não tem importância, caro leitor: talvez lhe seja mais útil embrulhar castanhas com este Suplemento do que ser **forçado** a interessar-se por um CENTRO DE GRAVURA que utiliza tais métodos para se promover.

Posto isto (e com mais cartas ou não) **ponto final** no assunto.

A prática insignificante de Eduarda Dionísio e um texto de Gastão Cruz



Continuação da página dois

plo, de forma digna e frontal, chamando as coisas pelos nomes e dizendo o que pensa. Contudo, o meu artigo «A função crítica» não constituía uma provocação a não ser para quem procurasse a todo o custo ser provocado: punha problemas cuja pertinência era, pelo menos em parte, reconhecida pelos próprios colaboradores do jornal.

É por isso que a reacção de E. D., no número 4 de **Crítica** se me afigura consideravelmente deslegante. Sou assim o primeiro a lamentar que a polémica se não tenha desenvolvido noutros moldes, arrastando E. D., para aqueles domínios «rasteiros» para os quais, apesar de todos os esforços, se revela tão pouco dotada.

4. Passemos, pois, a coisas mais sérias. Gastão Cruz, em artigo intitulado «Sobre crítica», propõe alguns problemas de muito interesse — alguns daqueles que E.D. pretende recalcar. Contudo, no lugar onde escrevo e com o tempo que me resta, não é possível por agora debater, com a devida atenção, as questões levantadas.

Fundamentalmente, Gastão Cruz apresenta duas teses:

a) a verdadeira tarefa crítica é a descrição das estruturas poéticas;

b) essa descrição deverá ser feita numa metalinguagem que tenha abolido o mais completamente possível quaisquer vestígios metafóricos.

Em relação ao primeiro ponto, proponho a Gastão Cruz uma variação. Experimente dizer, em vez de «descrição das estruturas poéticas», «descrição dos **fenómenos** poéticos». Pois bem: o segundo enunciado é equivalente ao que se designa de «paráfrase», que é uma descrição, por palavras próprias, de um determinado objecto verbal.

Poder-se-á daqui concluir que o essencial reside no termo «estruturas», que parece pressupor a existência de dois níveis: o nível superficial de texto; o nível profundo das suas estruturas.

Reencontro aqui todos os problemas do «estruturalismo» em crítica literária:

a) Como dar conta da relação entre o nível superficial do texto e o nível profundo das suas estruturas?

b) Como explicar que o efeito estético de um texto re-

sulte da sua maior ou menor estruturabilidade?

c) Como compreender que os textos que consideramos «menores» sejam quase sempre os mais facilmente estruturáveis?

d) Se um texto pode ser integralmente descrito pelo crítico, há um momento em que o texto já nada oferece de interessante ao crítico. Se assim é, quando eu estiver na posse da sua descrição, o texto-em-si deixa de me interessar (obtive a estrutura que explica a totalidade dos seus efeitos textuais), e passa a valer apenas a crítica que dele fiz (porque esta dá-me o nível essencial-profundo do que nele é accidental-superficial). Se assim não é, como explicar o irreduzível do texto (a sua disponibilidade ilimitada) à sua descrição estrutural? Como não ver nessa distância insuturável o mais importante? Como não encarar o texto como estruturação (prática significativa) e não como estrutura (objecto significado)?

Em relação ao segundo ponto assinalado, o que concerne a metalinguagem, os problemas não são mais pequenos:

a) No exercício habitual da função metalinguística, utilizamos a linguagem para falarmos do nosso **código** linguístico. Mesmo neste plano — em que não nos interessa o estudo de um texto, objecto concreto, mas o estudo de um sistema, o código, construção abstracta — defrontamos o problema de termos de falar de um código utilizando o próprio código que queremos descrever. Surge-nos aqui todo o drama da semântica estrutural, que está muito longe ainda de ter resolvido as suas contradições. E podemos lembrar os processos metonímicos (a metonímia é uma definição parcial) e metafóricos (a metáfora é uma definição transposta) que intervêm nas definições de um dicionário.

A única metalinguagem verdadeiramente autónoma é aquela em que o código metalinguístico não coincide com o código linguístico que lhe serve de objecto: isto é, a metalinguagem da formalização matemática.

b) Em relação à literatura, a metalinguagem crítica não se ocupa de um código, mas de um texto, que é formado por códigos *a priori* (linguísticos, retóricos, ideológicos, literários, etc) e por códigos *a posteriori* (que apenas se reve-

lam no processo da sua leitura: porque a mensagem é aqui a transmissão do próprio código e o código apenas existe na mensagem que o transmite).

Considerar apenas os códigos *a priori* (isto é, as estruturas), e não os códigos *a posteriori* (a estruturação, a prática significativa) é, para mim, a **posição formalista**.

c) Supor que eu posso usar a metalinguagem como **instrumento** é esquecer que ela é ainda, e também, e irredutivelmente, **linguagem**, e que a minha relação com a linguagem é sempre extremamente complexa: é a relação entre um sujeito de enunciação (marcado pelo seu inconsciente ideológico e psíquico) e um sujeito do enunciado (que transpõe - **metaforiza** - a presença-ausência desse sujeito da enunciação no plano do texto).

O mito de uma metalinguagem tanto quanto possível neutra é, para mim, característico de uma **atitude positivista**.

d) Quando Gastão Cruz escreve «uma metalinguagem será tanto mais **fecunda**...», está a utilizar uma metáfora. Fazê-lo sentir é recordar (na linha que vem de Vico e de Nietzsche) que **toda a linguagem é essencialmente metafórica**. Simplesmente, há metáforas que se cristalizaram no código, e que nós **já não sentimos** como metáforas (o caso de «metalinguagem fecunda»).

Querer uma metalinguagem sem vestígios metafóricos é aceitar uma linguagem metafórica em que a presença do metafórico **já não é sentida**, é inconsciente. O que não quer dizer que essa presença não actue e não produza os seus efeitos, tanto mais fortes quanto nós deliberadamente os ignoramos. É por isso que toda a ciência é uma crítica da linguagem e que deve ela operar uma «psicanálise» (Bachelard) do uso quotidiano (**ideológico**) da linguagem do senso comum.

e) A proposta de Gastão Cruz leva-nos a três atitudes:

- a descrever as **estruturas do plano significativo** (os **códigos a priori**) de um texto, considerando-as como meros **significados** dessa descrição;

- a usar na descrição uma metalinguagem considerada apenas como técnica de **formalização de significados**, e procurando esquecer os efeitos da sua **materialidade significativa**;

- a não ter em conta que um texto literário e um texto

crítico são práticas significantes que confrontam o sujeito que nelas emerge com o seu inconsciente e a sua história.

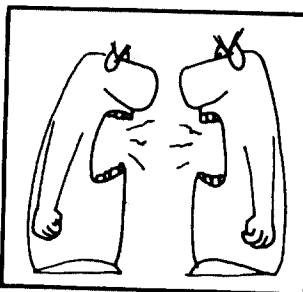
5. É evidente que qualquer pessoa pode ser ideologicamente positivista e praticar uma crítica formalista. Nada obsta.

Será, no entanto, útil lembrar que, quando se é positivista e formalista, não se pode ser simultaneamente existencialista, marxista... ou tomista.

Dado o curso dos acontecimentos, creio que, na presente conjuntura ideológica, o principal antagonista (isto é, aquele que pode produzir efeitos mais nocivos) é o **positivismo**.

São Martinho do Porto,
25 de Março de 1972

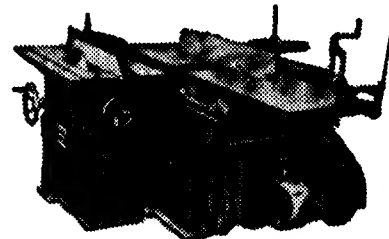
EDUARDO PRADO COELHO



«MIDA»

UMA FÁBRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MÁQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

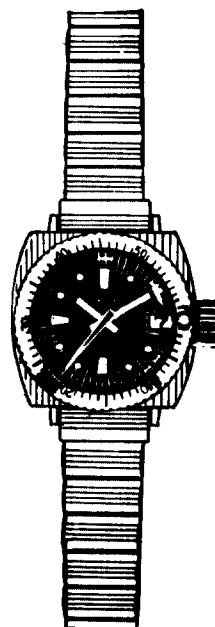


MAQUINA UNIVERSAL
Mod GDFT

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

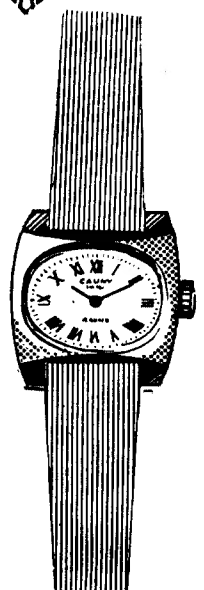


CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

Elegância
Personalíssima

ANTICHOC - RESISTENTE
100% IMPERMEÁVEL

EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA



literogramas

TÍTULO: OS ENTES E OS CONTRAENTES
AUTOR: ALBERTO PIMENTA
EDIÇÃO: DO AUTOR
N.º PÁGS. 104

FORMAL/FORMOL

Um exercício sobre as palavras, a gramática, a língua. Um exercício que começara com o *Labirintodonte* e agora é levado a um extremo de meticoloso estudo e, na mesa operatória, perdão!, na mesa-oficinal, efes e erres, pronúncia, sinónimos, sintaxe, metáforas, escritas paralelas, são dissecados, observados, experimentados. Um exercício: **fundamentalmente**. Mas não só.

Os Entes e os Contraentes é um livro com o nome do autor (Alberto Pimenta) na capa. Os textos têm títulos, ordenam-se, contam histórias. Há o evidente propósito de construir um clima. Há, evidentemente, um texto literário. Mas, como ultrapassa o exercício oficial e passa a ser literatura?

Certos exercícios, certas experiências, resultam, para lá do interesse documental ou didáctico. Contudo, em variadíssimos textos, a ligação das palavras, o que se diz, se pretende dizer, tem muito mais interesse que a forma que, de tão uniforme, tão pouco inovadora, só contraria a leitura (importante). É claro: **várias leituras** são facultadas a um livro destes mas, a força da linguagem, do texto como **um todo**, rebenta as costuras de uma estrutura que, pretendendo-se nova, espantilha afinal a palavra,



o som. **E essa coisa é que é linda:** como dizia o outro.

Dizer que a literatura portuguesa é triste não será original. Assim, digo: este livro **diverte-me e interessa**. Pela saudável corrosão da palavra, ou da frase, ou do **sentido**; pelo aparente (e real) **non sense**, com uma certa pontaria; pela edificação de um novo vocabulário, destruindo páginas de dicionários, de códigos, de regras, de quadros pretos, de aulas magistrais. O jogo de uma escrita que se joga a si própria numa intencional roleta. Em que o autor atravessa (se atravessa?) e cruza as leituras, oferecendo o espectáculo e a total abertura a todas as jogadas possíveis.

Pena é (jogo é jogol) que a partida não se ganhe. Ou faltou um parceiro à altura (eu) ou a branca jogou mal e, hesitando, perdeu. Das duas uma: se acaso se pretende uma literatura **viva**, este não será o melhor caminho; se, **morra a literatura!**, então há vias e trajectos mais radicais e mais rápidos, possibilitando a morte total para dar lugar a **outra coisa** (ainda literatura?).

Não basta o fogo de artifício formal. Não chegam as girândolas verbais. Às tantas: **formal é formol**.

E.G.C.

TÍTULO: POVOAÇÃO, VENDE-SE
AUTOR: ANDRÉS LIZARRAGA
COLECÇÃO: NOVA REALIDADE DE BOLSO, N.º 3
TRADUTOR: ARSÉNIO MOTA
N.º PÁGS. 91

DEMAGOGIAS

Não me é possível esclarecer o leitor porventura interessado em ser esclarecido sobre o autor de *Povoação, Vende-se* porque nem conheço Andrés Lizarraga nem o Editor se deu à maçada de inserir um texto por pequeno que fosse que servisse de informação ao eventual leitor da peça. Pela ficha da edição, presume-se que se trata de um dramaturgo argentino contemporâneo.

Explora esta peça uma notícia publicada em 1961, num jornal italiano. O título e a rubrica do cenário situam-nos e definem claramente as intenções do Autor: «Largo de uma pequena povoação. Fronteiro a ele, a igreja, a Câmara Municipal, o café e a carpintaria. Todos estes edifícios separados por ruas. No centro do largo, um velho fontenário que abastece de água a população. O café tem algumas mesas e cadeiras rústicas defronte da porta. São as últimas horas da noite quando o pano sobe e a aurora chega suavemente. Ouvem-se, cantados, alguns versos de uma canção popular italiana, afastando-se. Depois, os sinos da igreja começam a tanger. Pedro abre o seu café, aspira voluptuosamente o ar fresco, saturado da maresia do oceano próximo, e acomoda as cadeiras junto das mesas. Da carpintaria sai Michele. Veste um casaco de bombazina, um boné e traz uma velha lancheira.» É claro que depois desta pormenorizada descrição, o leitor não espera ler uma peça de teatro. Espera ler um romance ou o argumento de um filme italiano, de um neo-realismo mais próximo de Germi que de De Sica (primeira fase, claro) ou de Visconti (idem).

Uma pequena povoação, algures em Itália, que está a morrer à míngua de infra-estruturas que permitam a sua existência como célula viva. «Outrora sitiavam-nos com um exército. Hoje sitiam-nos não dando caminhos... nem comboios, para nós... e não nos comprando o pouco que fazemos ou poderíamos fazer... Sitiam-nos, não deixando que circule o dinheiro» - explica uma personagem. Perante esta realidade que obrigou a maior parte dos seus habitantes a emigrar (supõe-se), aqueles que ficaram resolvem pôr a povoação à venda. São eles o Presidente da Câmara, o padre, o proprietário local, o dono do café e a mulher, e mais três habitantes.

Ao longo dos três actos da peça vamos assistir às reuniões em que se debate e volta essa proposta, e entre elas às manobras interesseiras daqueles que ora querem ora não querem que a povoação seja posta à venda. Nessas manobras integra-se o comportamento de uma das personagens femininas da peça - a mulher do dono do café - cuja vida nocturna constitui a única diversão possível do sítio (e da peça).

Da leitura da obra de Lizarraga fica-nos a sensação desagradável de que fomos levados: dir-se-ia que o Autor nos quis comunicar qualquer coisa importante mas que o engenho lhe escasseou para o conseguir. Resultado: a peça acaba por ficar reduzida a uma crítica primária à eficácia e moralidade das instituições democráticas em que as pessoas são permeáveis a todas as solicitações. O que deve ser - e possivelmente aquilo que o Autor queria que fosse - a análise dialéctica de uma determinada situação política não passa afinal de uma comediazinha de costumes pateta e desinteressante. O discurso crítico que o autor se propôs(?) reduzir-se a tiradas mais ou menos demagógicas e sem qualquer hipótese de recriação dramática: «A questão não está em vocês se contentarem, mas em quererem fazer qualquer coisa. Seja o que for! Ou como for! E de qualquer maneira!» «Uma pessoa é empurrada... Empurram-na para que seja canalha. Uma pessoa não quer, mas empurram-na...»

O autor denuncia, é certo, o espírito de cacequismo, certas mancomunicações - latifundiário com Presidente da Câmara - mas fá-lo com demasiada debilidade para que essa denúncia assuma a força interveniente necessária. Faltou à peça a visão épica que permitisse a clarificação das suas propostas ideológicas e lhe conferisse o carácter universal que não possui.

Acontece que as motivações sugeridas não parecem nem convincentes nem politicamente exactas. Falta todo um contexto socio-económico que justificasse a situação proposta.

Além disso, a descaracterização da linguagem prejudica qualquer hipótese de autenticidade. O texto português, ainda por cima, parece pouco cuidado e pouco teatral: «O estabelecimento está cheio de sujidade, meu querido» (pág. 15); «Que estranhos e raros são os ricos. Decerto são ricos porque são raros...» (pág.

45) «Se não, não iria à cidade» (pág. 9); «Para saber se sou idiota ou se os anos me estão a idiotizar» (pág. 45).

Enfim, parece-me legítimo duvidar do interesse da edição desta peça sobretudo se tivermos em conta que em matéria de teatro está quase tudo por fazer.

C.P.

TÍTULO: A FORMAÇÃO DOS INTELECTUAIS
AUTOR: ANTÓNIO GRAMSCI
EDITOR: M. RODRIGUES XAVIER, 1972
TRADUTOR: SERAFIM FERREIRA
COLECÇÃO: 70
N.º PÁGS. 151

UM ITALIANO



ROMAIN ROLLAND
ANTONIO
GRAMSCI

Quanto mais não fosse, a simples apresentação e tradução pela primeira vez em Portugal, e por portugueses, de textos dum dos mais **importantes** italianos do século vinte, já seria, em si só, facto cultural relevante, a justificar a atenção sugerida pelo apontamento. Por outro lado, as coordenadas da selecção que constitui o opúsculo tornam-no ainda possivelmente útil e operante.

Com efeito, trata-se duma antologia de escritos retirados da obra fundamental de Gramsci, *Memórias do Cárcere*, na qual alguns dos conceitos fundamentais do plano teórico como prático: o intelectual, a cultura, a escola, a arte. A densidade e, por vezes, o apelo a uma terminologia específica são separados pelo aparado das abundantes notas de roda-pé, que de maneira nenhuma são **neutras**, como convém num trabalho do género.

Salienta-se apenas, como uma possível sugestão de curiosidade para a leitura do livrinho, o confronto que a certa altura nos é proporcionado entre duas das figuras fundamentais da cultura italiana, Croce e De Sanctis, onde entreveremos este último como um antecipador genial, um participante **vant la lettre**, duma das mais importantes metodologias críticas contemporâneas: o **estruturalismo dialéctico**.

A tradução é possível de revisão, pelo que revela aqui e além de pressa e descuido.

F. C. M.

«À crítica, perante a linguagem existente e já escrita, propõe-se a tarefa de definir a relação que a linguagem estabelece com o que ela representa.»

MICHEL FOUCAULT

A. C. Adriano de Carvalho • C. P. Carlos Porto
E. G. C. Eduardo Guerra Carneiro • E. P. C. Eduardo
Prado Coelho • F. C. M. Fernando Correia Marques
F. T. S. Fernando Luso Soares • J. V. P. José Vaz
Pereira • J. M. João Moreira • M. M. C. Manuel
Maria Carreira • N. J. Nuno Judice • N. M. Nelson
de Matos • V. S. T. Vítor Silva Tavares